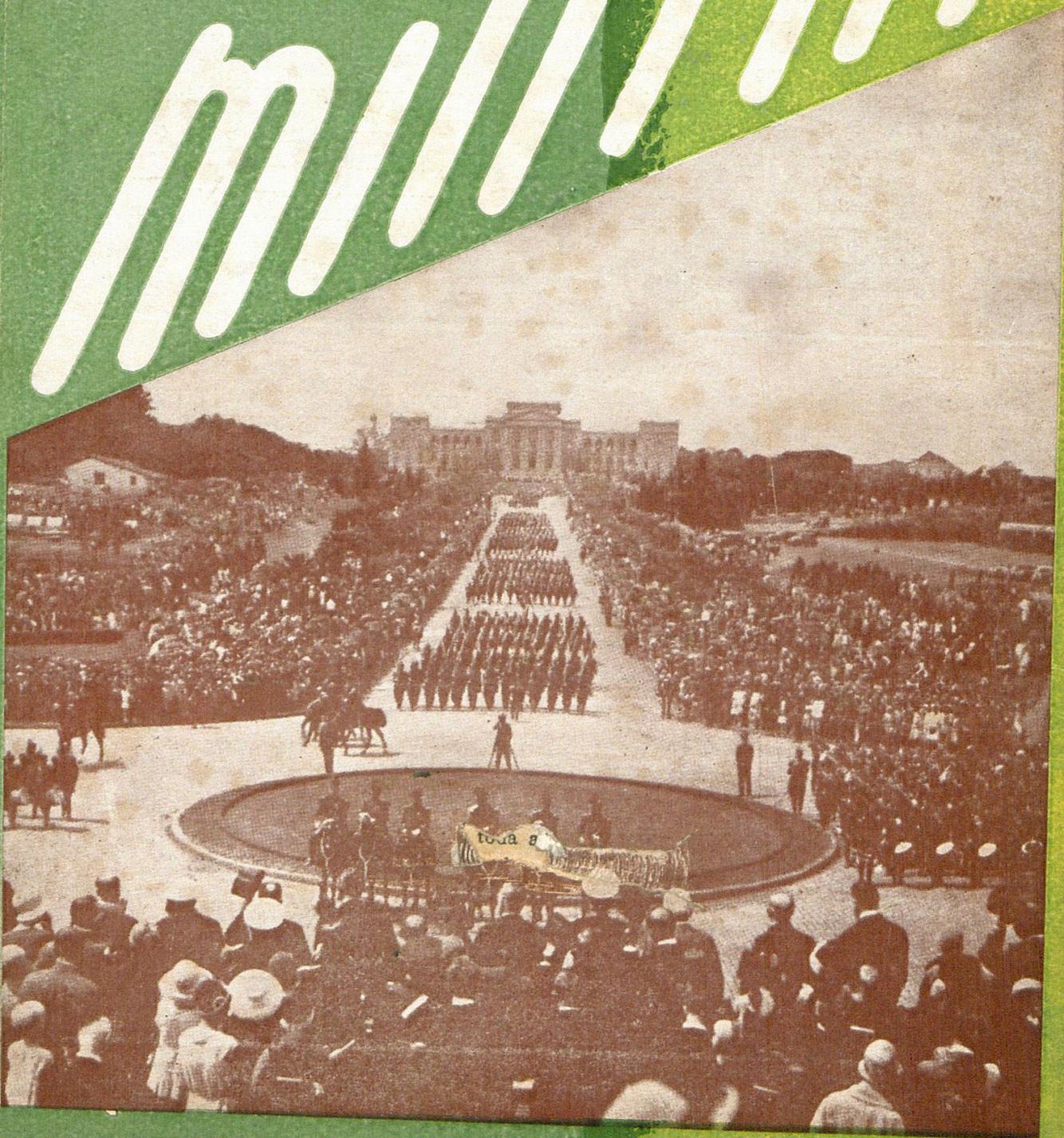


ANO IV - SETEMBRO/OUTUBRO DE 1951 • N.º 24

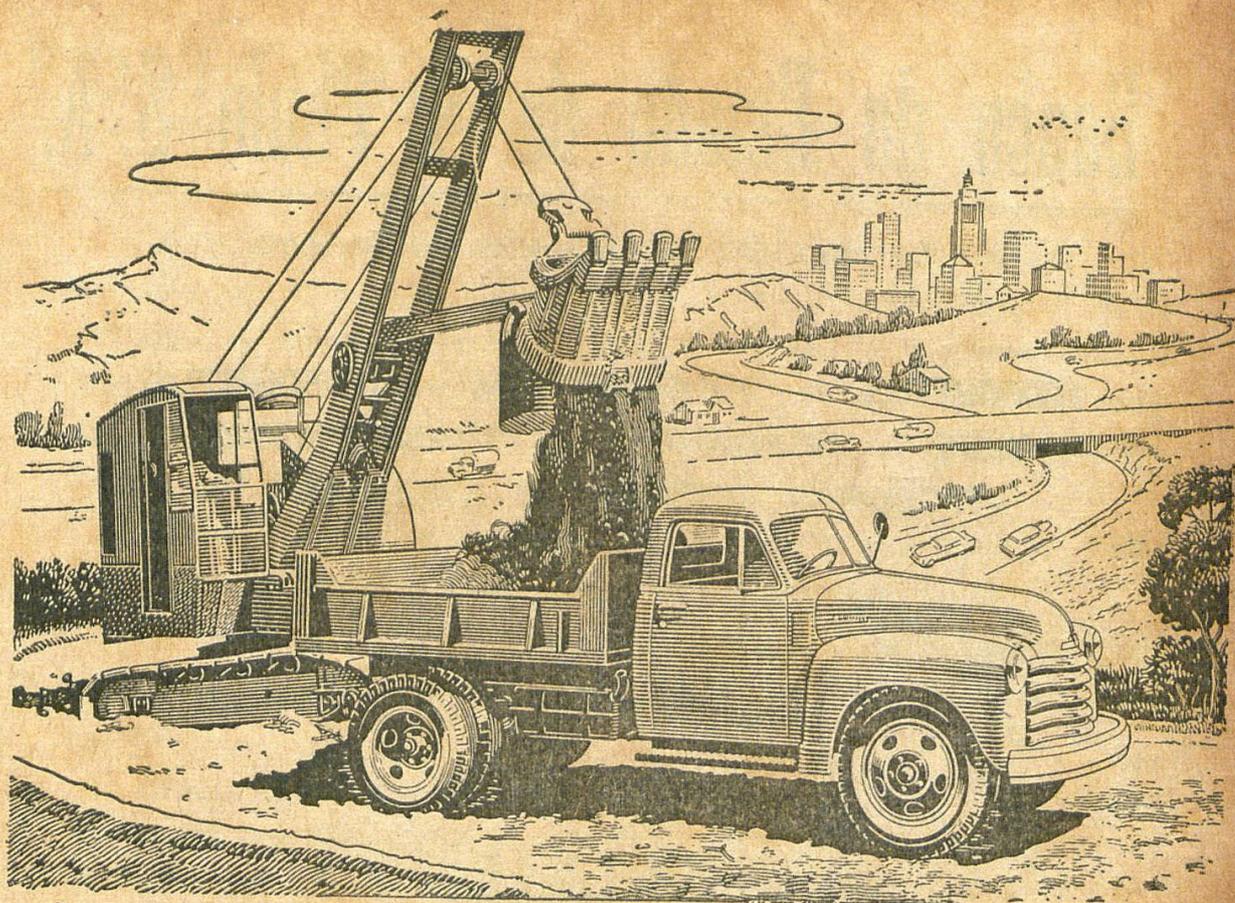


militia

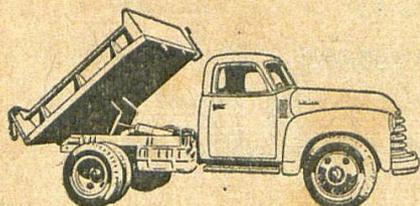


SUMÁRIO

NOSSA CAPA — Parada militar de 7 de setembro, em 1929	106
EDITORIAL	5
DIVERSOS	
Um Episódio da Revolução de 30 — A. Paulino de Almeida	6
Coisas da Fôrça Pública — cel. Anchieta Torres	10
Sabe com quem está falando? — (do “Diário de Piracicaba”)	14
Escolas Ambulantes do F.B.I. — (da “Revista de Carabineros de Chile”)	16
O Passado e o Presente da Cirurgia — dr. Béla Szeoke	20
Esperanto — 1.º ten. F. A. Bianco Junior	24
Anjo Fugitivo — Frederico O. P. Barros	26
Sétima Arte — Ortiz Monteiro	30
Curiatan — 1.º ten. Félix B. Morgado	32
Odisséia de uma Patrulha — cap. Frederico Statt Müller	35
O último cartucho — Monte Serrat Filho	36
Tiro de pistola e revólver — 1.º ten. J. G. Guilherme V. Cavalcanti	40
Quem dá aos pobres empresta a Deus — cel. L. Tenório de Brito	46
Cultura e Arte — Laura Della Monica	49
Distúrbios Populares — cap. Cálío C. Montes	52
Preservando o Passado — Monte Serrat Filho	56
O Fumo êsse veneno lento — 1.º ten. Iraní Paraná do Brasil	58
Causas que influram na derrota da Alemanha — Almirante Raeder	62
Bilhetes a um Aspirante — ten. cel. Augusto C. Muniz Aragão	64
Um pensamento dentro da noite — sargento Azarias de Oliveira	65
NOTICIARIO	
O “Dia da Pátria” na capital bandeirante	66
O governador Garcez em visita à Fôrça Pública	71
No Esq. Rec. Mec.	75
Ecos do aniversário do 8.º B.C.	76
Casa dos Sargentos — posse da nova diretoria	77
Fêz anos o H.M.	78
Centro Social dos Sargentos — inauguração de nova sede social	80
Manutenção de Material Automóvel — aula inaugural	82
Baile de Primavera	85
Atividades Hípicas do R.C.	93
III Torneio Popular de Tiro ao Alvo	97
Instruções para o ingresso no Curso de Oficiais da F.P.	102
NOTÍCIAS DAS CO-IRMAS	
Ceará	86
Espírito Santo	87
Goiás	89
Rio de Janeiro	90
Rio Grande do Sul	92
LEGISLAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E JURISPRUDÊNCIA — cap. J. Arimathea	
do Nascimento	105



OS CAMINHÕES



Chevrolet

ABREM CAMINHOS PARA O PROGRESSO

Os caminhões Chevrolet estão sempre presentes no árduo trabalho de abrir caminhos para o progresso econômico do Brasil. Nessa patriótica tarefa de construir estradas, os caminhões Basculantes Chevrolet são os mais eficientes no transporte de terra, cascalhos, etc. Inteiramente de chapa, com reforço em toda a extensão das laterais, os Basculan-

tes Chevrolet oferecem carroceria facilmente levantada por meio de um aparelho hidráulico acionado pelo motor, simplificando a operação de descarga. Proporcionando maior resistência e mais espaço, os caminhões Chevrolet dão mais lucro porque *rodam mais tempo na estrada - ficam menos tempo na oficina.*

produto da
GENERAL MOTORS DO BRASIL S. A.
Concessionários em todo o país.

Banco do Estado de S. Paulo S. A.

CAPITAL REALIZADO: CR\$ 100.000.000,00

DEPÓSITOS — EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS —
CAMBIO — COBRANÇAS — TRANSFERÊNCIAS —
TÍTULOS — COFRES DE ALUGUEL



M A T R I Z :

PRAÇA ANTONIO PRADO N.º 6 — SÃO PAULO

CAIXA POSTAL, 789

Enderêço telegráfico: BANESPA



53 AGÊNCIAS NO INTERIOR DO ESTADO; UMA NO RIO DE
JANEIRO E OUTRA EM CAMPO GRANDE (Estado de Mato Grosso)



AS MELHORES TAXAS — AS MELHORES CONDIÇÕES
RAPIDEZ — EFICIÊNCIA

EDITORIAL

A determinação de um fato histórico se faz através das coordenadas tempo e lugar. Mas enquanto se pode conservar o local, até com as características da época, já não se dá o mesmo com o tempo. Escoa-se. E na perspectiva da memória, torna-se uma data que, paulatina, porém inexoravelmente, dia a dia, situa-se num plano mais distante, pela nossa realização do futuro.

E em virtude da sobreposição dos acontecimentos, os fastos antigos se esmaecem, ante a viveza dos recentes.

E' necessário, para reconstituí-los, que se recomponha o cenário onde se deram e que se vivifiquem os personagens que, ali, agiram.

Mas, nem assim, ter-se-á plena vivência do ato. Faz-se mister um como que transfigurar-se, metamorfoseando-nos em pessoa daquele tempo. Surge aí, a nossa imaginação, completando a obra e por isso mesmo, a incerteza da autenticidade.

Entretanto, a importância da história não reside nesse reconstituir, mas sim em outro fator. Desenrolando-se no plano do real caracteriza-se pela causalidade que é a interdependência de causas e efeitos, o implicar-se dos fatos uns em outros, como seres temporais.

Mesmo sendo êsse o verdadeiro conhecimento da história, a essência, não é para relegar-se aquê, que lhe constitui a forma.

Antes se completam, harmoniosamente, um aguçando o espírito outro despertando o sentimento.

Daí, o culto das datas cívicas, através de solenidades evocativas. Tais cerimônias, jamais deixaram de ser efetuadas pela centenária Fôrça Pública de São Paulo, quer em atos de exteriorização, quer na análise do acontecimento, na vida brasileira.

E entre as comemorações, 7 de Setembro sempre mereceu especial destaque na Milícia de Piratininga, já porque aqui se proclamou a Independência do Brasil, já por ser o magno acontecimento da nossa história.

UM EPISÓDIO DA REVOLUÇÃO DE 30

(A queda de Cananêia)

A. Paulino de Almeida

Após muitos dias de sol primavera-veril, o céu começara a cobrir-se de pardacentas nuvens que bem demonstravam mudanças bruscas do tempo.

Durante a noite caíra a temperatura e pela manhã, enquanto pesadas nuvens rolavam pelo espaço, uma chuvinha, a princípio tênue, depois mais grossa, formando uma cortina plúmbea, envolveu a cidadezinha, tolhando os morros distantes, sombreando a baía e encobrendo a linha das costeiras.

O vento, que havia rondado, para fora, firmava-se no sueste e o mar encapelado despejava nas praias cachões de espumas brancas como a pena das garças.

Ao meio dia, finalmente, desencadeava-se o temporal, derramando-se em lençóis de água, que formavam lagoas nas depressões das ruas.

Na pequenina cidade tudo se transformara.

A população, já de si muito escassa, desaparecera como por encanto, e raramente, um ou outro homem do povo, cobrindo a cabeça com um saco de aniagem, à guisa de capuz, as calças arregaçadas, evitando as poças de água, passava pelas ruas, entrando nas tavernas.

Por tôda parte a desolação, a tristeza.

As portas, abertas ou semi-cerradas, denotavam a presença dos moradores, mas as janelas conserva-

vam-se fechadas, como as pálpebras dos mortos.

No interior, porém, quer na cabana do pobre, como na casa do rico, reuniam-se as famílias aterrorizadas, preparando-se para fugir.

Estalara a Revolução e, à medida que os dias se passavam, perdia-se a confiança na vitória da legalidade.

Os mais terríveis boatos espalhavam-se pelos sítios ou vinham dêstes para a cidade, agora quase deserta, porque o afastamento das principais famílias motivara o êxodo geral da gente pobre.

O aspecto do Rocio era impressionante: nos terreiros abandonados, já não cantava o galo nem ladravam cães junto à soleira das portas.

Assim chegara a noite.

O outro dia não amanheceu mais promissor, pois a chuva caía com insistência e o vento continuava desfolhando as árvores e encrespando as águas da baía solitária, por onde, há muitos dias, já não se avistava uma canoa sequer, singrando para o pôrto.

Foi por isso, que à aproximação de uma véla, que surgia por detrás do Candairó, depois do meio dia, alvoroçou aqueles que ainda ali se achavam, aguardando o desfêcho da luta fratricida.

E das janelas que se entreabriram, do pequenino cáis do pôrto, de tôda parte emfim, olhava-se à vida-

mente para a embarcação, que avançava com rapidez, chegando ao pôrto do mercado.

— Quem, numa situação difícil como aquela, ousava aproximar-se da cidade? Que imperioso motivo o arrastava para ali?

Quando a canôa tocou a areia da praia, de tôdas as bocas partiu a mesma exclamação:

— Alcides!...

Sim, era êle, o administrador da colônia austríaca, o pequenino núcleo de que se apossára o inimigo, aprisionando quantos lá se achavam.

— Como poderia ter-se evadido? Que novidade traria? Muitas, naturalmente.

E ao desembarcar, assediaram-no com mil perguntas.

Era gavíssima a situação, disse. Conseguira fugir sômente para avisá-los e preveni-los de tudo que ocorria.

E rãpidamente narrou a tomada da colônia, a morte trágica de um caboclo, que fôra alvejado no momento em que fugia.

Uma coluna de mil e quatrocentos homens, internada pelo mau tempo, na manhã seguinte levantaria o acampamento, avançando para a cidade.

Prisioneiro, soubera impor-se à confiança dos chefes, obtendo permissão para despedir-se da família, sob promessa de acompanhá-los como guia...

Assim, os havia deixado ao pôr do sol, embrenhando-se por atalhos. Valendo-se da noite, conseguira chegar ao Tabatinguara ao primeiro cantar do galo e tomando a única embarcação ali existente, partira no mesmo instante, atravessando a baía nas primeiras horas da manhã.

Todos os perigos arrostara para salvá-los, porque não seria aquela meia dúzia de combatentes do Itapitangú que dependeria a cidade, suportando o choque de um grande exército, como o que se aproximava.

E concluia judiciosamente:

— Foi um êrro a colocação dos nossos naquela posição. Abandonar a garganta do Mandira, para estabelecer-se ali, só mesmo a vontade de morrer, — um suicídio, nada mais.

Na «garganta» bastariam dez homens para cem; naquele campo indefeso, ao contrário, nem mesmo cem para dez.

Ê urgente preveni-los, para que se retirem, a fim de não serem sacrificados inútilmente.

— Depois... que fôrça?! Meia dúzia de policiais e uma centena de míseros operários que jamais fizeram uso de um fuzil!

Momentos depois era êle intimado por uma autoridade, para que se retirasse imediatamente, porque para os boateiros havia um único remédio: — cadeia.

Entretanto, a notícia ganhara vulto, e ao anoitecer estava a pequenina cidade transformada em cemitério.

O sino da matriz, deixara de tocar as Ave-Maria, por falta de sacristão.

E a chuva, como um rosário de lágrimas, despejando-se dos telhados, tamborilava nas calçadas, numa monotonia sem par...

Aquela noite caiu pesada e fúnebre sôbre a cidade encharcada de lama, onde o casario assemelhava-se a uma série de brancas sepulturas.

Apenas oito ou dez pessoas ainda ali permaneciam aguardando os últimos momentos para a fuga, e essas mesmas, como espectros, agrupadas à porta da estação telegráfica, cujo funcionário se mantinha em constante ligação com o encarregado do posto de Itapitanguí. Itapitanguí! — pedra avermelhada como o sangue... Rio de margens rubras como as penas dos guarás... Para ali convergiam os inimigos, num ímpeto terrível e ameaçador, convencidos de que se dirigiam para a Termópilas paulista, talvez... Iludiam-se, entretanto, porque Termópilas seria a passagem do Mandira, a garganta intransponível, nunca as planícies do Itapitanguí. Contra a indicação dêsse local para estacionamento das forças de Piratininga, haviam se declarado todos aqueles que ali viviam, desde o mais rude caboclo aos maiores da terra. Infelizmente, porém, vencera a opinião do improvisado técnico, que, a ninguém atendendo, mais parecia empenhado em preparar a recepção do invasor do que a defesa do Estado! Foi bastante êsse fato, para a desconfiança no espírito do povo, que via naquele estranho personagem o mais dedicado auxiliar do inimigo, e por isso mesmo, certos de sua traição, abandonando os seus lares, trataram de retirar-se precipitadamente...

Nos últimos instantes, quando já não era possível um remédio para o mal, chegava à localidade para assumir o comando da praça, um antigo militar, paulista da velha guarda, brioso e competente, o qual, por isso mesmo, desde logo compreendeu o perigo a que se expunha, pela impropriedade do local para a defesa.

Mas... ordens eram ordens e o momento não comportava divagações. Como a sentinela de Pompéia, a quem haviam encarregado de guardar a porta da cidade, designavam-lhe aquêlo ponto que seria, talvez, a sua página militar. Que fazer?! Partir!

Descendente da estirpe bandeirante, seu gesto, como o de Antônio João, seria ao menos uma advertência aos inimigos, um protesto aos invasores de Piratininga!

Pouco depois, aparentando calma e confiança na vitória, era o próprio técnico que visitava as trincheiras... para ocultar a verdade e assegurar aos presentes, não passar a tropa invasora de um punhado de famintos e maltrapilhos... E dispensando o almoço que se lhe oferecia, ausentava-se apressadamente para a cidade, em cujo pôrto permanecia ancorado, por determinação sua, um pequeno vapor costeiro, pronto para recebê-lo!

Na sala de operações, ouvidos atentos às comunicações telegráficas, permanecia o grupo dos retardatários, guardando o mais religioso silêncio, mal disfarçando os seus temores pela sorte dos defensores de Itapitanguí, quando, repentinamente, feriu o espaço o vivo pipocar das metralhadoras.

Era combate!

Chovia torrencialmente; mas aquêlo punhado de homens, afrontando o temporal transportou-se para o campo, acompanhando mentalmente tôdas as fases da luta, que se prolongou por largo tempo, ouvindo-se claramente os tiros das granadas.

Foi um momento épico! Depois... tudo silenciou...

E novamente reunidos na sala da estação, interrogavam-se mutuamente, enquanto o encarregado, manipulando o aparelho, chamava pelo outro.

Entretanto, a estação de Itapitanguí emudecera, deixando de atender...

E foi depois de muito esforço, que o estilete começou a traçar na fita de papel as primeiras palavras...

— Que é que há?

E o silêncio revelador de tudo, começou...

Insiste o operador e como resposta, vem apenas uma palavra — NADA.

Mas as pancadas da agulha àsperamente ferindo a fita, e a falta de prática do novo manipulante contrastavam com a suavidade usual do antigo encarregado, cuja senha seria decerto ignorada por quem o substituiu no momento.

Pediram-na. E, como resposta, foi o aparelho desligado...

Era a prova do desastre! Nada mais restava, portanto, a não ser a retirada.

Vendo a sua «obra» coroada de êxito, sem ao menos despedir-se dos presentes, deixou o «estrategista» o recinto da estação telegráfica, dirigindo-se para o pôrto, onde, tomando uma canôa, fêz-se transportar para bordo do vapor costeiro, que, ato contínuo, suspendendo ferros, aproou para a barra, embora muito tarde para transpô-la no mesmo dia...

Aquela noite foi horrível, parecendo interminável, para os que ainda ali permaneciam, ignorando a epopéia do Itapitanguí.

Nuvens negras rolavam pelo céu,

enquanto o vento e a chuva continuavam fustigando a cidadezinha abandonada.

Em meio às densas trevas, bruxoleava de vez em quando a luz mortiça de uma lanterna, trágicamente iluminando as curvas do caminho a um retardatário que passava e desaparecia, apavorado pelo éco soturno dos próprios passos, pelo gemido do vento sacudindo a cabeleira das árvores ou pelo tic-tac da chuva nas calçadas...

E como si não bastasse tanto horror, téticamente, como um gemido profundo, longe, muito longe, bordejando a barra, de espaço a espaço, apitava o barco que fugira, enquanto aquelas cinco ou seis pessoas, como quem vela um rígido cadáver, permaneciam sob o mesmo teto, concertando a partida.

Ali os surpreenderam os primeiros albores da manhã.

E ainda assim permaneciam, quando alguém que montava guarda às portas da cidade, regressou ofegante, com a notícia da aproximação das forças invasoras...

Soara a hora fatal! Ninguém as receberia para a entrega das chaves do vilarejo histórico.

E esgueirando-se pelas paredes das casas, fechadas tôdas as portas, silenciosamente, partiram levando uma lágrima nos olhos...

No mesmo instante, pavorosamente, como num dóbre a finados, do alto da torre da igreja branca soou o grande sino, em badaladas lentas, cujo éco profundo repercutiu pelas quebradas do Candairó...

E as trevas da noite, semelhantes a u'a mortalha, estenderam-se sobre a cidade morta, como em Jerusalém, sobre as planícies da Judéia, na hora em que Jesus morreu...

COISAS DA FÔRÇA PÚBLICA

Cel. Anchieta Torres

— I —

Mas, o senhor, «seu» tenente...

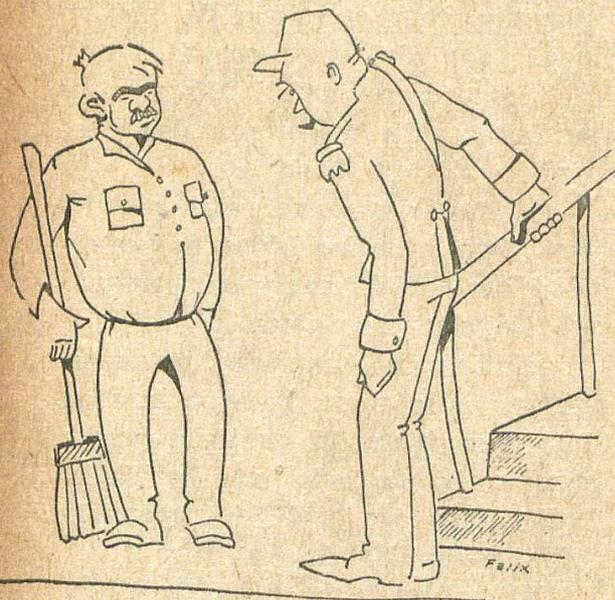
Outrora, quando a séde do govêrno do Estado se localizava no chamado Palácio da Cidade, sito no Pátio do Colégio atual, havia ali uma guarda militar comandada por oficial. No Palácio dos Campos Elíseos, residência governamental, outra guarda, também comandada por oficial.

Diariamente o Presidente do Estado saía do palácio residencial e se dirigia ao Palácio da Cidade, onde chegava impreterivelmente ao meio dia. Ali ficava até às 18 horas, quando se retirava. Todos os oficiais de serviço, num ou nou-

mandante daquela guarda comunicava-se pelo telefone com o seu colega de guarda do Palácio da Cidade e o avisava. E vice-versa. Os mais formalistas diziam: — “Sua excelência o senhor Presidente acaba de sair”. A maioria limitava-se a avisar: “Já saiu”, “Lá vai êle!”, “atenção!” e outras bobagens que tais. Assim o serviço corria normalmente, as guardas formavam a tempo para as devidas continências, sem maiores complicações para os seus comandantes.

Havia, então, no Palácio da Cidade, uma recomendação escrita, datada ninguém sabia de quando, de autor também ignorado, segundo a qual, quando estivesse chovendo, a guarda formaria no corredor do respectivo alojamento, onde prestaria as continências devidas à mais alta autoridade do Estado. O corneteiro, da porta do alojamento, daria o competente toque. Todos os oficiais conheciam essa particularidade e a transmitiam a todo camarada que ali dava o primeiro serviço. Era uma recomendação de rotina.

Certo dia estava de guarda o tenente Rafael, antigo de posto e traquejado no serviço. Justamente quando seu colega do palácio residencial o avisou da saída do Presidente, despencou uma carga d’água, daquelas a que geralmente se chama diluviana. O tenente sabia co-



tro local, sabiam disso mas, por uma questão de camaradagem, quando se dava a saída dos Campos Elíseos, o co-

mo agir em tais casos. Não era a primeira vez que tal acontecia no seu serviço.

Mais uma vez tomou as providências adequadas e aguardou os acontecimentos: chegada do Presidente, guarda formada no corredor, toque de corneta na porta, etc.

Desta vez, porém, a coisa não deu certo. Era novo o Presidente do Estado. O chefe da Casa Militar, também. Momentos após a chegada daquela autoridade foi o comandante da guarda chamado, com urgência, ao gabinete da chefia da Casa Militar.

Atendendo o chamado, ao passar pelo gabinete do ten. Tenório de Brito, surpreendeu-se vendo que o seu colega e velho camarada respondera entre dentes, visivelmente constrangido, o seu cumprimento afetuosos.

No gabinete da chefia da Casa Militar o mundo quase veio abaixo. O saudoso Marcílio, que era a delicadeza e o cavalheirismo em pessoa, perdeu a calma e queria explicações por que a guar-

da não havia formado como de direito. O pobre tenente desfez-se em explicações que não foram aceitas e foi mandado embora.

À tarde, terminado o serviço, recolheu-se ao quartel com a guarda que comandava e, quando se apresentou ao oficial de dia, recebeu ordens de não sair antes de informar porque deixara de formar a guarda, à chegada no Palácio, do sr. Presidente do Estado. Não parou aí, porém, o "azar" do desditoso tenente. Seu infortúnio culminou no momento em que se dirigia à companhia, a fim de dar cumprimento à ordem recebida. No patamar da escada encontrou o Correinha, velho fachineiro do batalhão, que, de chapéu na mão e tomando posição de sentido com a vasoura à guisa de fuzil, pediu licença e disse:

— *Mas, o senhor, seu tenente, um oficial antigo e conhecedor do serviço, fazer uma burrada dessas...*

É que o boletim regimental havia publicado a ordem para o tenente informar e, àquela hora, todo o batalhão já sabia do fato.

— II —

Preparação de Oficiais da Reserva

Muito antes de o Exército Nacional criar os C.P.O.R. que tão bons resultados têm dado na preparação de oficiais da reserva, a Força Pública disso cogitou.

Foi em 1917. Declarada a guerra aos Impérios Centrais, na primeira conflagração mundial, notaram nossos chefes que, si fôsem enviadas tropas à Europa, como todos esperavam, não possuía a Força Pública, si chamada a integrar essas

tropas, oficiais da reserva para enquadrar seus ex-soldados em preparações, que poderiam ser convocados à atividade.

Por sugestão do tenente coronel José Espindola de Magalhães, que comandava o Corpo Escola e que se prontificou a dirigir o curso, foi criado um centro de preparação, abrangendo o âmbito do pelotão, para todos os civis que, espontaneamente, desejassem frequentá-lo.

O curso funcionou nas dependências da Escola de Educação Física, com a presença de aproximadamente 300 alunos de tôdas as classes sociais, predominando estudantes, engenheiros, advogados, jornalistas, conforme consta do noticiário e fotografias de jornais da época.

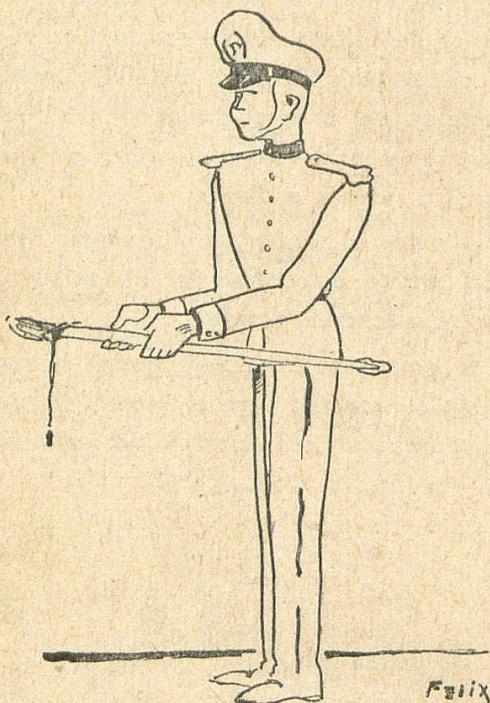
A princípio, muito entusiasmo, mas, passados alguns meses, perdi-

das as esperanças de enviarmos tropas além-mar, o entusiasmo decresceu e o curso deixou de funcionar por falta de alunos.

Isto, porém, não tira à Fôrça Pública a honra de ter, em nosso País, com prioridade, cogitado da preparação de civis para um quadro de oficiais da reserva.

— III —

Carta ao Ten. Julio Monte Serrat



Respondo sua carta de 23-VIII, não como Diretor de MILITIA, a quem veio endereçada, e sim na qualidade de autor da crônica "FESTA DE FORMATURA", que motivou seu reparo.

Você tem razão e eu também a tenho. Vou explicar porquê. Assinaei naquele escrito que os aspirantes não contribuíram senão com sua presença, para o brilho dos festejos de encerramento do curso. Você afirmou em sua carta que "os gastos com as comemorações

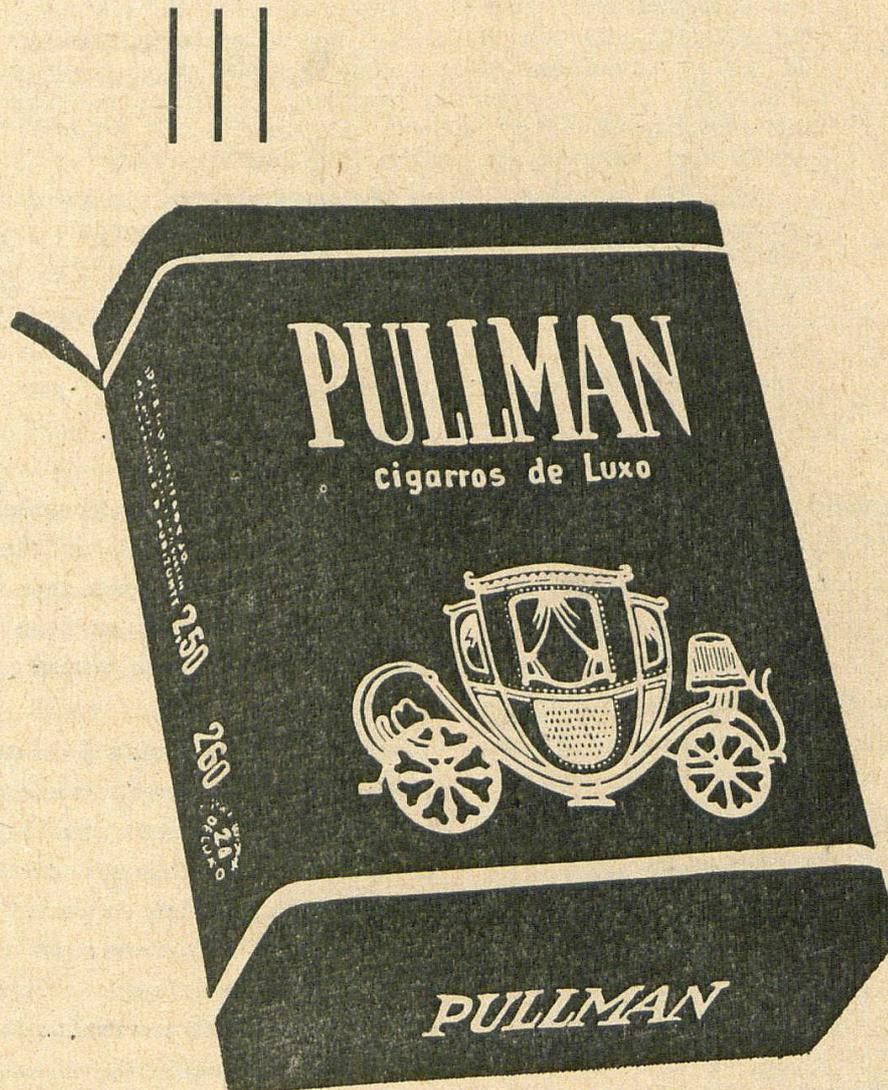
alcançaram Cr\$ 31.123,00, importância esta atingida por meio de contribuição dos alunos, durante o ano letivo". Segundo agora fui informado pelo comandante do C.F.A., os aspirantes só custearam as despesas com o baile. As outras, ou foram pagas pelo Centro ou não custaram nada. Logo... estamos empatados... Eu errei pela metade, assim como você só acertou pelo meio. Nestas condições, estamos quites. Todavia eu tenho mais idade e por isso sou mais tolerante. "Entrego os pontos" e retiro o "figurante". Está provado que vocês "falaram"... com parte da importância despendida.

Tratemos, porém, do caso com seriedade. Parece-me que você não percebeu o meu objetivo, ao escrever aquela crônica. O que eu quis frizar foi a diferença do tratamento que era dispensado aos alunos-oficiais naquele tempo, quando não tinham êles uniformes especiais, não freqüentavam festas do círculo dos oficiais, não possuíam acomodações condignas e do pouco que percebiam ainda pagavam o rancho, igual ao do soldado, com a melhoria de um bife, graças à gentileza do respectivo fornecedor, ao contrário das vantagens que agora

usufruem, para as quais, modéstia à parte, concorri em grande parte, quer como comandante do então C. I. M., quer na qualidade de chefe do E.M.

A questão pecuniária ali não é a principal e não fôsse o seu reparo passaria despercebida até para mim.

Penso ter, assim, explicado o caso convenientemente e espero que, mais tarde, quando você for um dos dirigentes da Fôrça Pública, possa corrigir as falhas agora observadas, de sorte que os futuros alunos-oficiais tenham ainda maiores vantagens do que as atuais.



Sabe com quem está falando?

A crônica aqui transcrita, conforme foi publicada no "DIÁRIO DE PIRACICABA" de 10-6-51, nos revela que a burocracia em nossa milícia não é tão grande como julgamos, pois, comparada com a reinante em outras partes, merece o elogio de pessoa estranha aos nossos quadros, que, além de pôr em relêvo a solicitude de nossos homens, encarece sua polidês e eficiência.

MILITIA não pode deixar de agradecer tão significativo testemunho, públicamente dado por pessoa que não temos o prazer de conhecer, mas cuja sinceridade não deixa dúvida, mormente se levarmos em conta sua ressalva final, na qual, cautelosamente, restringe ao H.M. suas homenagens, evitando, assim, estendê-las gratuitamente às unidades e serviços que não conhece.

A mentalidade hoje dominante é a de auto-importância: não podendo projetar-se além dos limites de seu apoucado círculo, o homem resolve valorizar-se em razão do cargo que ocupa; e é por isso que se consegue com mais facilidade falar com o governador do Estado que com qualquer chefe de Repartição Pública. Nédio, corado, cheio de empáfia, êle descansa o precioso corpo na giratória e despreocupadamente vai soltando baforadas de fumaça do charuto caro. Se alguém o procura para tratar de interêsses que dependem de seu cargo, nem sempre o recebe com simpatia e diligência. Não. Cerra o sobre-cenho, demonstrando a grande contrariedade em ser perturbado assim na sua sagrada indiferença. Será possível que não se pode giboiar sossegado? O cidadão fica alí em frente, o chapéu na mão, esperando a hora de ser atendido. Ho-

mem cacete, êsse! Não percebeu ainda que está interrompendo minha calma burocrática? Êsse homem está soltando bombinhas exatamente na hora do gostoso PIANISSIMO da sinfonia funcional...

Enfim, como a vida é de sacrifício, desce das alturas em que se encontra para pôr-se em contácto com o público, representado pelo humilde cidadão que alí se posta como dois de paus. Pergunta o que quer. O homem sente a impressão de haver sido jogado abruptamente da simplicidade de seu terra-a-terra para a complicada mansão dos Deuses no Olimpo. Vira e revira nas mãos o velho chapéu, tenta falar mas a voz é fraca e as palavras não exprimem o que deseja. Êle quer é pedir qualquer cousa. Êle tem direito, sim, mas não o exige; pede-o humildemente. Se for possível, quem sabe se o doutor me atenderá...

O "doutor" não entendeu bem e pensou que fôsse mais uma das muitas reclamações que a população vil lhe endereçava. Como se não tivesse mais nada a fazer! E convidou-o a retirar-se. O homem, entretanto, revestiu-se de coragem e teimou em explicar o que desejava. Foi quando ouviu o estouro:

— O sr. sabe com quem está falando?

Erico Veríssimo relata num dos seus livros sobre os Estados Unidos uma cena interessante ocorrida durante a guerra, num carro-restaurante de estrada de ferro. A grande nação americana, empenhada ao máximo no conflito, não poupava esforços para decidir a guerra a seu favor. E por isso era grande e numeroso o trânsito de militares por todos os lados do país. O escritor brasileiro encontrava-se num trem em que preponderavam os viajantes militares. E à hora da refeição Veríssimo percebeu que à porta do refeitório formava-se uma longa fila aguardando vaga. Tomou também o seu lugarzinho e esperou a chamada. Esta feita, notou que na mais perfeita ordem todos iam se aboletando em seus lugares até o salão ficar repleto. Entraram muitos soldados rasos e de fora ficara exatamente uma alta patente do exército americano. E o escritor comenta a beleza da cena, quando vê o soldado raso exercendo o seu direito, conquistado porque chegara antes à fila, e um general esperando pacientemente a sua vez, como qualquer cidadão. E conclui: se fôsse no Brasil já se ouviria o tradicional "o sr. sabe com quem está falando?".

Tudo isso vem a propósito de se fazer justiça a uma repartição. Conhecendo essa mentalidade que já é instituição nacional e dela tendo sido vítima

várias vezes, foi com reserva que aceitei o pedido de um amigo de Piracicaba para tratar de interesse seu no Hospital Militar da Fôrça Pública do Estado.

— Com soldado?

Ao amigo não era possível negar um favor. Aceitei e fui.

E pelo caminho fui rememorando a Fôrça Pública do tempo do cel. Pedro Dias, que fazia vibrar o coração dos paulistas nas paradas da Avenida, como o grande Antão fazia o povo vibrar de entusiasmo, regendo a Banda Militar na Esplanada do Municipal. Ah, naquele tempo... E cheguei ao Hospital.

Perguntei pelo major diretor. Um soldado me acompanhou. Em pouco estava numa sala simples e sóbria que só denotava trabalho. Fui atendido imediatamente. O caso precisava de ser resolvido com o capitão Rubens. Leve-o a êste oficial.

Em pouco estava com o capitão Rubens, que largou o que estava fazendo e foi providenciar o que eu queria. Levou-me ao tenente Resende, encarregado do arquivo. Êste chamou imediatamente um auxiliar e ordenou a busca. Pronto, aqui está o que procura.

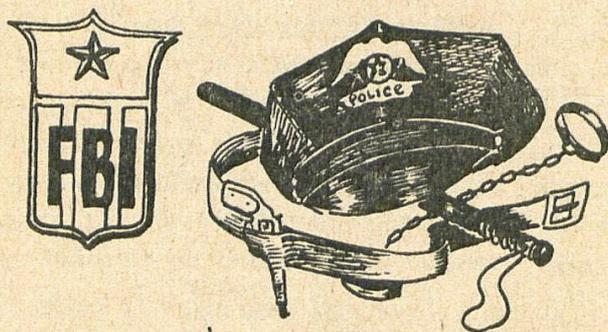
* * *

E foi assim que um caso isolado e simples na vida de um homem me devolveu a esvanescida confiança nas nossas instituições. Nem tudo está perdido! Nessa escola de ordem e de disciplina um civil é recebido sem formalidade e é posto à vontade, como se estivesse na própria casa e consegue o que deseja sem ouvir desaforos e sem prometer propinas. Porque aí, sim, nada conseguiria.

Sirvam estas linhas de homenagem ao menos a êsse setor da Fôrça Policial de São Paulo.

Escolas Ambulantes

do F. B. I.



Tradução adaptada da "REVISTA DE CARABINEROS DE CHILE", n. 30, pelo 1.º ten. Miguel M. Sendin.

Um agente do FBI (Federal Bureau of Investigations) e quatro policiais estavam sentados num auto daquela organização policial que se achava estacionado à porta do posto policial de um pequeno povoado dos EE.UU. O grupo falava de coisas sem importância enquanto seus cigarros brilhavam na escuridão da noite.

Subitamente um «rabo de peixe», com chapa de outro estado, dobrou a esquina próxima e, fazendo chiar os quatro pneumáticos, continuou a tóda velocidade, rua abaixo.

— Isto é assunto nosso, disse o agente federal, enquanto punha seu carro em movimento.

Perseguido tenazmente pelos policiais, o veloz sedã enveredou por um caminho deserto. O sibilo estridente do perseguidor cortava o silêncio noturno e, pouco a pouco, a distância entre os dois diminuía. Desistindo da fuga o sedã reduziu a marcha e parou à margem da estrada. Logo atrás parou o carro

policial. O agente federal saltou desembaraçadamente e dirigiu-se ao veículo estacionado, mão direita sobre o coldre e, com a evidente intenção de investigar, quase encostou o corpo no carro e foi dizendo:

— O sr. faz...

A frase não foi terminada. O motorista, tinha uma pistola engatilhada atrás da janela e apertou o gatilho... O agente federal atirou-se ao solo e levantando-se imediatamente, sacudiu o pó das vestes e disse:

— Vocês perceberam o que eu quero dizer com isto? Eu estaria morto se, em lugar de outro agente federal, no automóvel estivesse um criminoso com um revólver carregado. Agora vou fazer o serviço como se deve.

O agente voltou a seu carro, dirigiu o foco do farol manual sobre o rosto do condutor do veículo a inspecionar e caminhou lentamente, protegendo-se na escuridão, fora do jato de luz.

— O senhor aí no carro, desça imediatamente!

Este pequeno drama de estrada era apenas uma parte do treinamento ministrado por uma das escolas ambulantes mais singulares do mundo, mantida pelo FBI, em benefício dos policiais norteamericanos. Nesta espécie de ensaio os livros são usados o menos possível. Existem conferências, como é natural, mas só as indispensáveis.

A parte vital do treinamento é constituída pelas demonstrações práticas. Revistar um carro suspeito é uma das missões mais perigosas. O número de agentes da autoridade policial mortos por balas disparadas do interior de veículos é atestado veemente desta verdade e autoriza plenamente o FBI a fazer, como faz, ponto fundamental, a prática para esse mister.

No dizer de um agente, ao prelecionar sua classe: «Muitas vezes o policial encontra a morte por culpa sua».

Fato realmente significativo é o de que raramente se tem conhecimento de um agente do FBI assassinado por um criminoso. A resposta encontra-se no treinamento especializado a que são submetidos, hoje em dia, os elementos da Polícia Norte Americana. O programa para a escola policial cujo curso inclui as mais variadas matérias — violação de caixas fortes, roubos de bancos e assassinatos — é o mais extenso e completo até agora realizado naquela adiantada nação. De junho de 1945 a novembro de 1949, as matrículas nas escolas práticas do FBI subiram a 316.150. Neste ano espera-se volume de treinamento ainda maior. Muitos dos policiais incluídos neste número freqüentam a mais de uma escola, porém, calcula-se que

mais de 150.000 alunos tiveram oportunidades de familiarizar-se com as modernas técnicas do FBI.

A necessidade de tal treinamento é premente. O índice de criminalidade subiu rapidamente, depois da última guerra, mantendo-se no mesmo nível depois de terminado o conflito.

J. Edgar Hoover, diretor do FBI, dá todos os seus esforços no auxílio às referidas escolas. O mesmo se pode dizer dos demais agentes da organização.

Numa escola ambulante tudo pode acontecer. Embora a instrução seja orientada pela Academia Nacional do FBI, o engenho e imaginação de cada professor deixa o selo característico em cada uma delas.

Enquanto uma escola desenvolvia seu programma, o cofre do armazém mais importante da localidade foi arrombado. Os alunos foram incumbidos de solver o caso. A melhor pista era a marca dos pneumáticos, deixada pelo automóvel dos assaltantes. As horas de folga foram consumidas confrontando os desenhos das rodas de todos os veículos do povoado. Finalmente, um policial que duvidava de todos, identificou o carro que estacionava diariamente em frente à escola e pertencia ao delegado local. O roubo fora realizado, com fins instrutivos, pelos próprios mestres, em cooperação com a autoridade policial.

Um dos casos mais dramáticos com que se defrontaram os estudantes foi o chamado «Caso da garrafa de cerveja com manchas de sangue», cujos protagonistas foram os agentes de Filadélfia, levado a efeito num povoado de Pensilvânia. Além

dos agentes federais foram envolvidos o juiz, o delegado, o sub-delegado, um professor de leis e um polícia feminino de Filadélfia.

«O caso» começou com um homem assassinado, personificado por um agente federal. Foi encontrado em um pequeno quarto de pensão com «a garrafa» ao lado. Enquanto os investigadores examinavam os indícios deixados no recipiente e procuravam outras pistas, os instrutores complicaram o fato acrescentando um novo crime. Ficaram desorientados ao encontrar o principal suspeito assassinado em um auto abandonado à beira da estrada. Puderam prender o verdadeiro culpado utilizando os moldes que tomaram das pègadas existentes no local e confirmaram a acusação quando o exame revelou arranhões nos braços cuja origem o suspeito não pôde esclarecer.

Foi com surpresa que os acusadores viram o criminoso absolvido por falta de provas. È que haviam menosprezado pequenas coisas, capazes de atar com segurança as pontas do fio onde se encontravam as contas por êles recolhidas.

Uma consistia de fibras encontradas no molde obtido junto ao primeiro cadáver. Análises, que não foram requeridas, teriam revelado tratar-se de fios pertencentes ao paletó do «criminoso».

Outra prova desprezada foi um pente de bolso que continha cabelos.

A lição foi proveitosa para os alunos, aprenderam a coordenar melhor as diligências, agindo em mais estreita cooperação e recorrendo à ciência, testemunha fiel e irrefutável.

Geralmente, em cada localidade são simulados os crimes que ocorrem com mais freqüência. Quando uma praga de assaltos trazia os banqueiros da Califórnia em constante sobressalto, muitos cursos se dedicaram a essa modalidade.

O treinamento inclui também o cerco a locais suspeitos, bem como os métodos para deter criminosos ao sair dos recintos onde sua presença foi denunciada.

Tôdas as ações são estudadas cientificamente e esta prática, não raro, revela quão erradas são as que a polícia empírica vulgarmente realiza.

Vários agentes foram colocados de maneira a vigiar tôdas as entradas de um cinema, onde certo indivíduo procurado pela polícia e reconhecidamente perigoso, iria assistir ao espetáculo. Como se esperava, o criminoso aparece, compra tranquilamente seu ingresso e fica até o fim. Nenhum policial intervém. Esperam pacientemente a saída do foragido. E têm motivo para agir dessa forma, pois, todos sabem que ao terminar uma função o espectador sai aturdido, com o físico entravado, pelo longo tempo passado numa só posição; com raciocínio pesado e confuso, as imagens do enrêdo a surgirem desordenadamente, procurando justificar pontos sem lógica ou meditando sôbre o que pareceu importante. Mais significativo é ainda o fato de sair a pessoa do ambiente escuro e, portanto, com a vista mal acomodada à claridade reinante na via pública.

O que se disse não é argumento de cinema, mas aconteceu realmente nos EE. UU., quando da captura e

morte de John Dillinger. Apesar de tôdas as precauções tomadas pela polícia, no sentido de obter superioridade, foi imprescindível fazer fogo e abater o referido inimigo público, que sempre se ufanou de ser o n.º 1, cuja arma liquidou mais de um policial.

Como se vê, o tempo gasto na espera não é em vão, desde que, dessa forma, a polícia adquira vantagens físicas e psicológicas tendentes a permitir uma prisão fácil, colocando o delinqüente nas piores condições de reação.

COOPERATIVAS REGIONAIS:

Santa Isabel — Jacareí — Santa Branca — São José dos Campos — Paraibuna — Taubaté — Pindamonhangaba — Roseira — Guaratinguetá — Lorena — Valparaíba — Aguai.

COOPERATIVA CENTRAL DE LATICÍNIOS

DO

ESTADO DE SÃO PAULO

Regist. M. A. sob n.º 4 e S.A. sob n.º 47



Escritório e sede central:	(Diretoria	9-2658
Rua Dr. Almeida Lima, 523	Fones (S. Comercial . .	9-2659
SÃO PAULO	(S. Técnica	9-2681



"Produzir para progredir e progredir para competir".

O Passado e o Presente

da Cirurgia



///
Dr. Béla Szeőke
Ex-cirurgião chefe
do Hospital Militar
de Budapest

///

A história da cirurgia é tão velha quanto a da própria humanidade. Para prová-lo basta que nos reportemos ao homem primitivo, auxiliando o seu companheiro, socorrendo-o por várias vezes, ora retirando-lhe o corpo estranho dos pés, ora diminuindo-lhe as dores, ora também reduzindo-lhe as fraturas, etc.

Ao correr dos tempos, tais manipulações eram praticadas com maior habilidade. Dêsse modo surgiram os cirurgiões dos tempos primitivos.

Há provas indiscutíveis de que a cirurgia ginecológica é a mais antiga na fase de empirismo. Objetos encontrados em túmulos gregos e egípcios provam-no. Tais instrumentos, principalmente na antiga Roma, aparecem em vários museus, não se tornando necessário visitar Herculano, pois podemos vê-los mesmo no Museu Aquincum, perto de Budapest.

Os cirurgiões não gozavam de boa reputação na antiga Roma e, além disso, tinham a alcunha pejorativa de «carnifex». A aversão pela cirurgia se fez sentida durante toda a Idade Média e até o século passado. Não era ensinada nas universidades e os próprios médicos, ao se forma-

rem, deviam jurar que nunca praticariam a cirurgia. Esta era então praticada pelos «barbeiros». Nosso país não fugia à exceção. Até o fim do século XVIII predominava a atuação dos «barbeiros». O próprio público os apreciava mais. Consoante os costumes da época, eles se congregavam em «ordem». Nesse tempo existiam 168 cirurgiões em ordem; começavam como aprendizes e ficavam assim durante 3-4 anos. Percorridos outros 3 anos, obrigatoriamente, eram por fim submetidos a um exame, perante uma comissão composta, em parte, de médicos. Não lhes era vedado o exercício simultâneo das funções de barbeiro e de cirurgião. Como cirurgiões, limitavam-se ao sangramento das veias, abertura de abscessos, espinhas, recuperação de ossos contundidos e quebrados e amputações várias. Também prestavam serviços de parto, o que, naquele tempo, era considerado desonesto para um médico formado.

Não lhes era permitido tratar de moléstias internas e tinham medo das operações de cálculos renais e de males intestinais, quando, então, eram chamados os especialistas.

Ainda em nosso país, a rainha Maria Teresa deu uma feição científica à cirurgia, organizando cátedras em 1770, onde, no espaço de dez anos, mais de 200 cirurgiões (não médicos) fizeram estudos e receberam diploma. Sòmente nestas condições lhes era permitido fazer operações e os barbeiros que não fizessem tais cursos só poderiam extrair dentes. Tal situação permaneceu até 1872, quando então ficou permitido sòmente aos médicos fazerem operações.

È interessante notar que na Inglaterra e na Rússia, mesmo até nossos tempos, foram formados cirurgiões (surgeon resp.) com capacidade inferior à dos médicos. Já no século passado nos orgulhávamos da existência, na Universidade de Budapest, de um professor cirurgião de fama mundial: Dr. João Balassa. Este professor lecionou na referida Faculdade de 1843 até a época do seu falecimento, em 1868. Chegou mesmo a instalar uma pequena clínica de 13 camas que o tornou célebre, tal o êxito das suas operações.

As infecções nas feridas eram comuns e, muitas vêzes, não se limitavam à lesão, mas estendiam-se e propagavam-se, causando a hemotoxia. As salas dos hospitais exalavam odores nauseantes. Quase sempre essas infecções eram acompanhadas de gangrena, e isso causava verdadeira aversão aos médicos.

È curioso mencionar que, também naqueles tempos, os próprios «carrascos» exerciam a profissão de cirurgião, por fôrça de decreto, na Hungria e na Prússia, esta de modo especial.

Como e por que a cirurgia atingiu tão alto nível, tal como o

que desfruta nos nossos tempos? Isso devido à descoberta do célebre sábio húngaro Semmelweiss. Todos nós sabemos que a infecção de uma ferida decorre da impureza, através da qual passam os germes para a lesão, fenômeno que chamou a atenção daquele grande sábio, em 1848. As mãos sujas do médico ocasionavam as infecções. A descoberta de Semmelweiss não era, todavia, aceita por vários sábios, também célebres.

O fundador da antisepsia cirúrgica, Dr. José Lister, professor em Glasgow e depois em Londres, tinha uma atuação mais fácil. Ele recomendava destruir os germes em derredor das feridas, com algum forte desinfetante, com um líquido antisséptico. Escolheu, para isso, o óxido de carbono, cujos resultados foram maravilhosos.

Dêsses estudos, isto é, da antisepsia, surgia a asepsia, destruindo os germes pela limpeza prévia. Assim não seria mais preciso a ação dos vapores, bastando levar à água fervente os instrumentos e outros objetos que seriam utilizados no ato cirúrgico. Descobriu-se logo que não mais seria preciso mergulhar as ligaduras nos vapores e que melhor seria desinfetá-las com vapores de alta tensão e temperatura, ou ainda mergulhá-los na água fervente. Este procedimento já era conhecido pelas donas de casa, quando o usavam para conservação das frutas, vegetais, etc., antes que a ciência se utilizasse de tal meio.

Outro fator também muito importante para a execução do ato cirúrgico era evitar a dor. Assim, um professor de Londres, Dr. Simpson, introduziu, em 1847, o clorofórmio. Este anestésico, porém, era consi-

derado veneno do coração; por isso, às vezes, causava mal. Passou-se a usar então o éter e uma mistura de éter e clorofórmio, outros meios, enfim, para fazer o doente dormir. Já em nossos tempos usamos também, mesmo nas grandes operações, a anestesia local, evitando-se a narcose. São estes dois fatores importantes — assepsia e anestesia — que nos proporcionaram a facilidade de se praticar, tal como as praticamos, as operações dos tempos de hoje.

O fundador da ginecologia húngara, Professor Taufer, o primeiro a fazer ressecção do intestino (apêndice) e do rim, fazia a primeira operação de câncer em 1851, antes nunca tentada por qualquer cirurgião. Devemos considerar, todavia, que hoje os meios diagnósticos são mais fáceis do que no tempo de Taufer.

As estatísticas também provam que falecem, depois das grandes operações, em geral, de um a dois por cento de doentes.

A nova geração médica não pode entender como foi que o Prof. Taufer, depois de 3 anos, só podia se referir a cinco casos de câncer, quando hoje o número de doentes operados, em qualquer clínica ginecológica, alcança uma centena de casos anualmente, com uma porcentagem de 3 a 5 por cento de óbitos.

Há certos casos de cirurgia em que já existe, dentro do organismo, uma infecção. Assim, por exemplo, nos casos de câncer, abscessos purulentos; nessas condições o cirurgião nada pode fazer, muitas vezes. Para exemplificar melhor, basta citar um caso banal como é o de uma apendicite supurada. Muitas vezes vemos casos cujo ato operatório foi muito

bem executado e que o doente, apesar de estar passando muito bem, vem a falecer. Teremos então que nos lembrar que circulou nas suas veias um trombus que, alcançando o coração, o cérebro ou o pulmão, determina um destes casos desagradáveis. Felizmente podemos dizer que as intervenções cirúrgicas correm atualmente um risco mínimo, pois que, mesmo nas grandes intervenções (abdomen), a porcentagem de morte não vai além de 2 a 3 por cento.

Justifica-se esta baixa porcentagem com o aparecimento de vários aperfeiçoamentos no instrumental cirúrgico, ao contrário do que se fazia antigamente, em que só era usado o bisturi. Utilizamos hoje os mais adequados aparelhos e até o bisturi elétrico. O próprio doente já se sente confiante e assim se submete ao ato cirúrgico sem aquêle medo tão natural dos tempos passados. Temos hoje, por exemplo, a cirurgia que se pode muito bem denominar de preventiva: uma operação em que se faça a extirpação do apêndice, para evitar uma peritonite; uma amígdala ou um rim que se retira, para evitar maiores complicações. No caso de um câncer, por exemplo, apesar da existência do radium e do roentgen, sempre a cirurgia alcança melhores resultados. A cirurgia, hoje, não conhece mais impossibilidades. O cirurgião trabalha com firmeza tanto no cérebro como no coração. Quantos casos se conhecem, de curas milagrosas pela cirurgia.

A cirurgia húngara goza hoje de grande conceito universal. Durante tôda a guerra passada os cirurgiões magiares demonstraram sobejamente o seu grande valor, não desmentindo o rigor e o alto padrão do en-

sino das suas universidades. Infelizmente, os grandes cirurgiões se viram obrigados a deixar a sua terra natal, encontrando-se espalhados por tôda a América do Norte e do Sul, onde procuram honrar, com o seu

saber, as gloriosas tradições de sua Pátria.

Nós, húngaros, devemos nos orgulhar, porque os progressos da cirurgia moderna são devidos à descoberta do grande sábio patricio Semmelweiss.

ESPERANTO — O que é...

(Continuação da página 25)

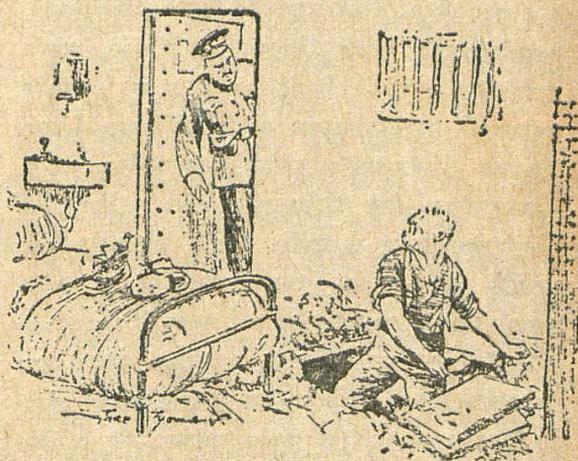
benevolente por parte dos homens da "lingvo internacia", criada com o fim máximo de aliviar a intercompreensão dos mesmos, amando-se num só idioma, capaz de quebrar os grilhões que dificultam o amor simultâneo entre os povos. Que os homens do Oriente e Ocidente, felizes, se congreguem na mais completa compreensão, na difusão ampla do sonho de Zamenhof.

A adoção do Esperanto na Organização das Nações Unidas, viria trazer benefícios inestimáveis na constituição de uma paz duradoura ou eterna.

Introduzido o seu ensino compulsório ou facultativo nas escolas oficiais, em pouco tempo veríamos o milagre da *unificação da fala* em todo o mundo.

Conhecendo e amando o seu idioma com ternura, sem esquecê-lo, aprender a língua-internacional-neutra, eis o sonho de seu criador e a continuação dos

nossos desejos, na esperança de um mundo com mais amor, paz e caridade, na união indistinta da Humanidade, na consecução da obra magistral que faz do ideal um caminho de luz verdadeira.



— Eu, tentar fugir? Ora essa! O que estou fazendo é um refugio contra os bombardeios aéreos...

(Judge, Nova York)

ESPERANTO

o que é a língua internacional

O profeta Zefanias já predissera o tempo em que Deus daria aos homens uma língua única "para que todos invoquem o nome de Jeová, a fim de O servirem de um só acôrdo" (Zefanias, Cap. 3 v. 9)

Tão pouco conhecida é, entre nós, essa notável língua auxiliar, internacional, viva, que ficámos na obrigação muito honrosa de, como preâmbulo, algo dizer a respeito desse idioma, para um esclarecimento ligeiro, mas preciso, acerca do movimento esperantista duma língua, que falada e compreendida por todo o universo, auxiliaria o seu intercâmbio literário, social e mesmo comercial.

Dessa forma, a história do *Esperanto* como língua auxiliar vem de longa data, justificando-se a sua necessidade pela quase impossível idéia dos povos se compreenderem com idiomas tão diversos. Verificou-se então que não só era necessário, mas perfeitamente viável, estabelecer uma língua artificial mais perfeita e mais fácil do que as línguas naturais, irregulares, e difíceis. Uma língua elaborada cientificamente, com elementos das línguas vivas, além de mais perfeita e mais fácil, poderia ser usada por todos, sem despertar os *zelos nacionais* e *raciais* que impossibilitam a adoção de um idioma natural para uso internacional. Grandes pensadores chegaram a conceber pelo raciocínio a língua científica e regular, mais lógica do que as naturais.

O esperanto nasceu assim, depois de muitos estudos feitos, em 1887, com um

projeto publicado e aparecido nas livrarias, por obra do jovem médico Lázaro Luiz *Zamenhof*. Recebeu esse projeto o nome de *Lingvo Internacia* (Língua Internacional), de "Doktoro Esperanto", hoje conhecido somente pelo pseudônimo do autor. *Zamenhof* nasceu aos 15 de dezembro de 1859 e seu projeto apareceu nas livrarias aos 14 de julho de 1887. Um notável esperantista escrevia num dos seus belos e substanciosos artigos, que dos "problemas que a Conferência da Paz tem para resolver, um, sem dúvida, o mais importante, preocupa seriamente os seus delegados: o da língua pela qual se entenderão, nas discussões, procurando solucionar para a Humanidade os problemas da paz. Nasceram dessas discussões as desarmonias inquietantes, geradas pelo impossível entendimento comum dos idiomas ali falados e, quase sempre pelas más traduções, que trazem as críticas às línguas ásperas, difíceis e incompreensíveis, estabelecendo-se verdadeiro conflito linguístico, quando o objetivo daquela Conferência é justamente traçar bases para uma pacificação verdadeira, em planos justos. Para este conflito linguístico da Conferência da Paz, só há uma solução: adotar uma única língua. Mas não basta só isso. É preciso que ela seja aprendida rapidamente; portanto, terá que ser

de fácil estudo, compreensível para todos que a usam, pois o pensamento de um terá que ser interpretado no verdadeiro sentido com que foi emitido e sobretudo neutra, absolutamente neutra, para que não fira suscetibilidades nacionais. Para Zamenhof o Esperanto não era simplesmente um remédio para solucionar o problema da diversidade de línguas, do ponto de vista puramente linguístico. Para êle o Esperanto era o caminho que conduziria à intercompreensão dos homens e à vida pacífica da humanidade, era o instrumento, como disse mesmo certa vez, de aproximação, não só dos nossos corpos, mas também dos nossos corações.

O Esperanto possui um vocabulário de raízes colhidas nas línguas cultas modernas, e selecionados à luz de rigoroso critério, para que o idioma neutro-internacional seja, como realmente é, um patrimônio comum de todos os modernos povos civilizados.

As peculiaridades da prosódia ou sotaque não perturbam absolutamente, como afirmam, a compreensão, como tem sido provado nos 31 congressos universais que já se realizaram, congressos êses que reúnem dezenas de nações heterogêneas, compreendendo-se com tóda a perfeição. Essa facilidade se explica, graças à composição vocabular e sintática do Esperanto, auxiliando o entendimento entre nações de idiomas diferentes.

O Esperanto já se acha consideravelmente difundido pelo mundo inteiro, existindo em todos os países associações consagradas ao cultivo, à propaganda e à utilidade dêsse precioso instrumento de "intercompreensão humana".

Artur de Azevedo, Afonso Celso, Olavo Bilac, Humberto de Campos, Sívio Romero e outros grandes vultos, co-

nheceram e divulgaram o Esperanto no Brasil. Embora seja ainda desconhecido de muita gente, está o Esperanto em franco desenvolvimento no nosso país, igualando-se à diversas nações da Europa. Com uma escrita inteiramente fonética, com uma gramática de 16 regras sem exceção, pode o Esperanto ser aprendido numa décima parte do tempo que se levaria para aprender qualquer outro idioma, como afirma Ismael Gomes Braga, um dos maiores esperantistas brasileiros. Apresentando fácil gramática, é formado de palavras internacionais, das quais um brasileiro medianamente culto já entende 75% sem estudo prévio.

A concepção de Zamenhof incendiou rapidamente o coração dos seus amigos, iluminando-lhes também o espírito, uma vez que magnífica era a idéia e fácil a compreensão daqueles vocábulos concatenados da melhor forma possível, para um entendimento e conhecimento futuro não muito remoto, do que chegaria a ser a "língua do mundo". Sabemos o quanto é difícil um idioma em nações onde os dialetos são variados. A dificuldade da aprendizagem dêsses dialetos diversos, impondo ao indivíduo um estudo mais aprofundado da sua própria língua para seu maior entendimento, afirma o quanto de sacrifício há, para os que querem conhecer sua língua-mater, falada e interpretada de diversas maneiras no próprio país. Assim é que se chega ao absurdo em dizer-se que em certos países, o idioma falado no norte é diferente do falado no sul! Não se quer absolutamente pretender impôr-se ao mundo civilizado. o Esperanto como língua única e universal. Pretendemos, sim, idealistas que somos, a difusão ampla e a aceitação

(Continua à página 23)

Anjo Fugitivo

Especial para "MILITIA"

Frederico D. P. Barros

— Você sabe onde ou moro,
Não sabe?
Você já passou por lá
E há de ter visto, brincando,
No meio da criançada,
Na rua ou na calçada,
Um menino crescido, maroto,
Um lindo garoto,
Travesso, alegre,
Pulando como uma lebre,
Mas sobretudo bonzinho,
Mesmo bancando o mocinho
Que viu,
Na última matinê a que assistiu.
As mães, sobretudo as mães,
Quando passam, dizem:
"Oh! ... Que menino bonito!"
Únicamente com o fito
De encobrir a própria inveja:
(Qual a mãe que não deseja,
Ser mãe de um menino assim?)
Pois bem: êsse garoto,
Tão disposto para tudo,
Não escuta; é surdo;
Não fala, é mudo.
— Que pena? Não!

— Você não ouviu dizer,
Que a gente antes de nascer
Já viveu?
Viveu lá em cima, no azul,
Com as estrélas coruscantes,
Em nebulosas flutuantes,
Jogando bola com a lua,
Que ilumina a nossa rua?
Quem é que acende os luzeiros
Nas noites enluzadas?
Quem é que em dias de sol,
Quando a gente está suando,
Corre a cortina de nuvens,
Prá diminuir o calor?
É gente que não nasceu,
Que não sabe o que é dor,
Que vive a brincar no Céu.
— Você se lembra do tempo
Que você era uma estréla?
— Não lembra? Tinha certeza!
Você era uma estréla pequenina,
“Assinzinha”,
Não sabia quase nada:
Mas as estrélas maiores,
As de primeira grandeza,
Sabem todo o segrêdo
Que há por cima de nós;
Quando elas caem no chão,
Caem em forma de crianças;
Ficam mudas e caladas,
Para não contar segredos,
Das leis sagradas de Deus.

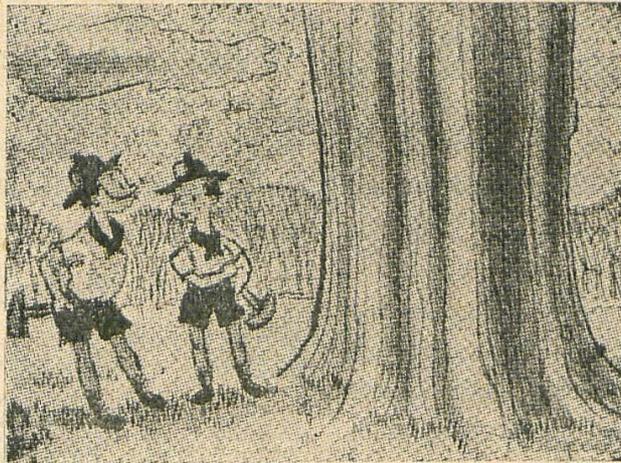
— E assim há muita gente,
Que nasce, que vive e anda,
Que vê, que brinca e que sente,
Mas não fala e não escuta.
Então é que eu reparo,
Que a ciência de Deus é astuta,
Meu caro;
Êsse rapaz que não ouve,
E que não pode falar,
Tem muita coisa bonita
Para contar;
Êle sabe como se faz uma terra,
Conhece um mundo de coisas,
Sabe como é que se rola
O sol pesado como é,
Por detrás daquela serra.
Deus não quer que os homens saibam
Como Êle faz para abrir
As corolas coloridas
Dessa multidão de flôres,
Sem nem a gente sentir;
Como êle faz prá pintar
Tão grande e com tantas côres.
Sem tela e sem pincel,
O arco-da-velha no ar;
E por isso impôs silêncio
A quem vem de lá de cima.

— Você não crê no que digo?
Então observe, amigo,
Os olhos daquela criança:
São como duas estrêlas
Cheias de luz e esperança.
— Já viu olhos tagarelas
Como os daquele menino?
Eu os ouço como um côro
Cantando estrofes de um hino,
Que ficou por concluir.
Aquêlo rostinho alegre,
Sempre disposto a sorrir,
Um sorriso de quem sabe
Mas não nos quer responder,
Como uma harpa dourada
Que não canta melodias;
Como os anjos que se vêem
Pintados pelas igrejas,
Pelas arcadas tão frias,
A tocar lindos violinos
Sem que ninguém os escute.
— Isso mesmo!... Adivinhou!
Aquêlo garoto vivo,
(Isto quase ninguém sabe)
É um anjo fugitivo.

... Porque um dia,
Não sei quando, mas, um dia
Eu fui a uma igreja,
Velha, velha, carcomida,
Onde os passarinhos vivem
Cantando hinos à vida!
Numa cúpula doirada,
Uma orquestra de anjos
Com seus pandeiros e banjos,
Com flautas e tamborins,
Com violões e clarins,
Faziam, eu não ouvi nada
Uma linda serenata,
Para a Mãe do bom Jesus.
Num canto do belo quadro
Já perdendo a própria côr,
Uma harpa altiva e só,
Sôzinha que dava dó,
Não de música, de dor.
Do anjo que a tocava,
Nada restava.
Só um par de asas esguias,
Erguidas como a voar ...
— Foi então que descobri
Quem é aquêlo menino:
É o anjo que fugiu.
É por isso que não fala;
Falar o quê neste mundo,
Se êle só aprendeu
A língua do Paraíso?
É por isso que não ouve:
Ouvir o quê neste mundo,
Se as músicas daqui,
São ruidos,
São rugidos
Para ouvidos celestiais!

— *Garoto da minha rua*
Já estou falando demais;
Mas você só falará
Quando voltar à igreja
Para tocar novamente
Aquela harpa que sente
A falta de suas mãos;
Quando for buscar as asas
Que ficaram lá, abertas,
Irriquietas,
Prontinhas para voar.

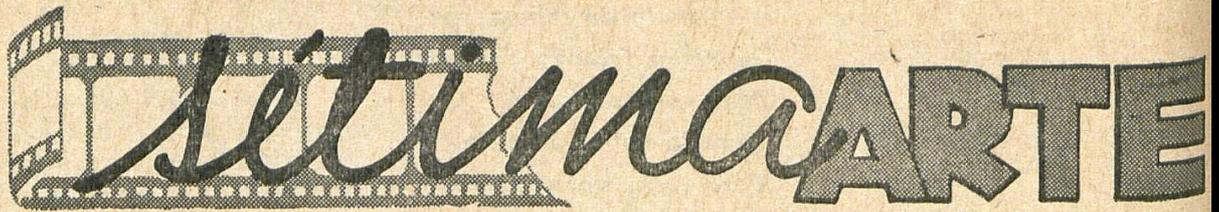
— *Garoto de minha rua*
Que vive sempre calado,
Você prá mim será sempre,
Como um hino inacabado;
Uma pintura,
Um anjo músico,
Sem asas, sem instrumento;
Uma iluminura viva,
Uma estrêla feito gente,
Um menino obediente
Que Deus proibiu de falar.



ESCOTISMO

— Esta também é para derrubar e
fazer lenha?

(Esquire, Chicago).



Sétima ARTE

Ortiz Monteiro

Crítico de cinema da "Folha da Manhã", professor de História do Cinema do Museu de Arte de S. Paulo e presidente em exercício da Associação Paulista de Cinema.

O filme como obra de arte

Uma interpelação freqüente-mente repetida é aquela que nasce da dúvida existente em torno do caráter artístico do filme, pelo fato de a obra cinematográfica ser fruto de um trabalho grandemente mecânico.

É claro que o cinema não existiria sem a máquina de filmar, sem a máquina de projetar e sem os recursos desta nossa era altamente industrializada. Acontece, porém, que um filme não se circunscreve aos carretéis de celulóide, com a imagem de um lado e o som do outro. Um filme é uma obra de criação estética, que inclui argumento, interpretação e direção, além de uma síntese de elementos plásticos e rítmicos provenientes das demais artes, porque o cinema serve-se do desenho, da pintura, da música, da eloqüência, da dança e da própria arquitetura que já foi rainha das artes.

Ora, o pintor, como qualquer outro artista de qualquer arte, quando é um artista autêntico, não pinta por desfastio, como Churchill, mas, pinta para dizer alguma coisa que fatos importantes da natureza ou da sociedade lhe tenham inspirado. Leonardo e Rafael, Corot e David, tornaram-se clássicos porque suas

obras se caracterizaram pelo conteúdo de valor humano e social, ao passo que as obras que refletem o interesse meramente pessoal, são apagadas inapelavelmente pelo tempo.

Comparemos dois quadros famosos, ambos versando sobre um funeral em uma aldeia da Europa, durante rigoroso inverno. Em um dos quadros, a amargura emociona a mulher e os filhos do morto, pela perda do único arrimo. No outro quadro, os participantes do cortejo fúnebre piscam os olhos ante a incidência da luz refletida pela neve. Em qual dos dois quadros há o «conteúdo humano» e dramático imprescindível na obra de arte autêntica? Naquela que reflete a amargura humana natural àquela circunstância, ou naquele que demonstra, embora muito bem, a incidência da luz?

Um outro valor caracteriza, também, não só a boa pintura, mas, a boa obra literária e a boa obra cinematográfica. É o valor conhecido como «forma». Sem forma não há arte. A composição ou a rima poética, por exemplo, são os elementos que estruturam a «forma» da pintura ou da poesia. Do equilíbrio entre a «forma»

e o «conteúdo» depende a obra de arte autêntica.

Síntese dos elementos plásticos que caracterizam a arquitetura, a estatuária e a pintura, e, síntese dos elementos que, por sua vez, caracterizam a música, a poesia e a elo-

quência, o filme será uma obra de arte autêntica, possivelmente a maior quando o seu diretor souber concebê-lo e realizá-lo com a observação desses dois valores, que deverão coexistir em rigoroso equilíbrio, quais sejam: a «forma» e o «conteúdo».

Consumir

É um dever de patriotismo.

Produtos

É contribuir para o
desenvolvimento da
nossa produção

Nacionais

É ajudar a libertação
econômica do Brasil.



“Consuma por um e produza por dois”.

Curiatan

1.º Ten. Félix B. Morgado

Curiatan não se assustou quando o clarim soltou no ar frio da manhã as notas da alvorada. Apenas abriu os olhos de cílios curtos e duros e ergueu um pouco a cabeça que repousava sobre a serragem da baia. Estava habituado àquele toque lânguido e bonito, que anunciava, todas as manhãs, a hora do início do trabalho no Regimento. Era uma sedução para ele aquele toque, principalmente quando o soldado clarim botava alma na sua execução e as notas finais saíam «sentidas». Fazia parte da sua vida, como tudo que o cercava, os muros velhos e novos do Regimento, marcando etapas da história da sua velha unidade. Curiatan amoleceu o pescoço e deixou a cabeça afundar na serragem. Queria gozar por mais alguns minutos o calor daquela cama tépida e macia. Como sua baia era uma das últimas da secção o cavalição demorava-se para chegar até ela, a fim de executar a faxina matinal. Os outros cavalos

da secção já estavam de pé, comendo a sua ração de milho que fôra distribuída há uma hora. Brigavam, faziam um barulho infernal. Curiatan estava acima dessas disputas sem fundamento. Para quem, nos bons tempos, sempre tivera à sua disposição montes de aveia chilena e alfafa molhada, fresca, uma raçãozinha de milho pouco importava. Suportava aquela baia estreita também por mero conformismo. Os seus 20 anos de existência lhe haviam ensinado que de nada valem a rebeldia e o descontentamento. Fôra, talvez, um dos cavalos mais fogosos e árdigos que viveram nas baias do Regimento. Isso lhe custou castigos dolorosos e cansativos trabalhos em círculo na guia. Agora adotava a filosofia como um meio de retirar da vida o que esta podia oferecer-lhe de melhor, mesmo que fôsse em parcelas diminutas.

Curiatan levantou-se instantaneamente. Sobrava-lhe alguma agilidade. Estava velho, é verdade, com sérios sintomas de efizema pulmonar, pêlos grandes e russos, lábio inferior caído, comissuras frouxas, mas orgulhava-se de ser ainda esperto, vivo. Precisava ser cavaleiro quem se dispusesse e experimentar-lhe as forças. Agilidade. Essa característica não queria perder, morreria com ela. Curiatan ainda personificava a velocidade, o ardor, a violência.



Cheirou o milho, provou e achou melhor comer um pouco, já que não lhe davam coisa melhor agora. Parecia de boa qualidade. Acautelava-se sempre para não comer milho mofado. Já vira muito cavalo piafando e transpirando de sair fumaça, com cólicas. As cólicas, muitas vezes, eram um passo para a morte.

Curiatan gostava de relembrar coisas e fatos enquanto comia, coisas e fatos que aconteceram no Regimento, durante os 16 anos que ali vivia. De antes não tinha muita lembrança, que a sua memória de cavalo não era lá muito boa. O Regimento, com seus velhos pavilhões, reavivavam constantemente a sua memória. Não tinha máguas. Até que fôra um cavalo feliz. Conformava-se agora com o seu trabalhinho rotineiro, de cavalo de fileira. A inexorabilidade do tempo o tinha reduzido a isso e ele não via outra saída se não a de conformar-se. A sua época de glória tinha passado. Restavam-lhe apenas as lembranças daquelas inesquecíveis tardes de concursos hípicas em que o seu nome era pronunciado com respeito e admiração. Curiatan fôra cavalo de provas de energia (lembrava-se perfeitamente da última, quando foi montado pelo capitão Romeu), cavalo ganhador. As suas pistas caracterizavam-se pelo ardor com que abordava os obstáculos mais difíceis. Não era fácil contê-lo. Era uma corrida vertiginosa, emocionante e cheia de ímpetos, que arrancava exclamações da assistência. Sentia até um frenesí ao lembrar-se desses concursos. E dizer-se que no comêço ninguém acreditava nas suas possibilidades! Pequeno, cabeçudo. Mas ele tinha jarretes de aço e um elã incomparável. Curiatan! Curiatan! A

sua época tinha passado, não tinha dúvida. A época de muita gente tinha passado, aliás.

Parou de comer, por uns instantes, para olhar o picadeiro próximo. Logo mais estaria cheio de oficiais trabalhando as suas montadas, todos novos, moços. Poucos eram os que chegaram a conhecê-lo como cavalo de concurso, cavalo ganhador, do Departamento de Equitação. Agora não era mais do que um cavalo numerado, do I Esquadrão. Bons moços, esforçados, mas não pertenciam ao seu tempo. Curiatan fôra contemporâneo de outros cavaleiros que ele julgava superiores. Por isso olhava-os, os novos, com um certo ar de indiferença que lhe fazia bem. Não pretendia ofender ninguém que ele não era cavalo para isso, mas apenas manter a nobreza conquistada com tanto sacrifício. Quem foi admirado por cavaleiros como Concistré, Dorival, Ernani, Bradaschia, Romeu, Fernando, sente-se com direito de tomar esse ar de superioridade. Essas lembranças enchiam Curiatan de saudade. Ficara saudosista sob a coação dessa saudade cada vez maior. Todos os velhos são saudosistas. Ah, aquêlo Regimento repleto de soldados, com cavalos de sobra, cavalos para saltar, para jogar polo, para a tropa! Tinha esperança de viver mais um pouco para chegar a ver tudo isso recuperado. O I Esquadrão com seus cavalos pretos, o II com os alazões, o III com os castanhos, o IV... Como o tempo passa, Santo Deus dos cavalos! Parece que foi ontem que Curiatan viu pela primeira vez a figura gigantesca do capitão Rodopiano à frente do seu impecável II Esquadrão, completo e luzido. Gostava do capitão Rodopiano, mas ti-

nha um certo receio do seu tamanho. Os oficiais novos eram bons também. Cometiam um pecado, contudo: não se lembravam d'êles, confundiam-no com qualquer cavalo da tropa, desconheciam a sua história.

Curiatan gostava das manhãs do Regimento. O picadeiro era uma atração para êle, principalmente quando os oficiais faziam o seu treino de saltos sôbre obstáculos. Da sua baia, erguia bem a cabeça e esquecia-se das horas nessa observação de todos os dias. Conhecia os bons cavaleiros e os bons cavalos. Achava que os cavalos de hoje não se iguavam aos de ontem. Não sabia bem porque, mas julgava que êle e seus companheiros de competição, que tantas glórias deram ao Regimento, não foram bem substituídos. Qualificava os de agora meio bastardos, não pertenciam à estirpe daqueles que só sabiam vencer. Netuno, Palhaço, Mimoso, Cací, Malandro, Rapadura, Congo, Pavão, Botafogo, Rena, Brazão, Quarain... Uns já tinham morrido, outros não mais saltavam por invalidez ou velhice. Curiatan reconsiderou um pouco. Êsses cavalos novos, que via todos os dias, ficariam bons possivelmente. Faltava-lhes ainda muita experiência. Continuariam a obra dos velhos. Se pudesse transmitiria a êles o que sabia sôbre saltos. Morava longe, porém, dos seus boxes de alvenaria, bem iluminados

e com cama permanente. A despeito de tudo êles constituíam a elite dos cavalos do Regimento e eram meio presunçosos. Não, Curiatan continuaria quiéto e calado no seu canto, fazendo seu juízo para uso próprio, filosofando e rememorando. Suportaria a velhice com dignidade. Êle que teve seus dias de glória, que inúmeras vêzes saiu duma pista de obstáculos, sob aplausos que já morou em box, com ração dobrada de aveia com açúcar, saberia, por certo, terminar sua existência briosamente.

Curiatan ! Curiatan !

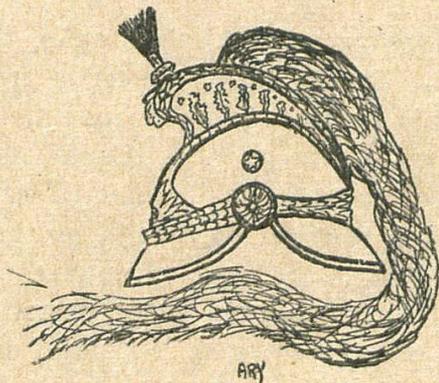
Só uma coisa entristecia agora Curiatan. Era o espetáculo doloroso da partida dos cavalos senís e inválidos para o Instituto do Butantã ou para a Invernada do Barro Branco. Seguia-os com os olhos até não mais poder. Parecia adivinhar-lhes o profundo pesar de deixar o Regimento para sempre. Não mais ouviriam o toque de alvorada ao amanhecer e nem ficariam atentos ao toque de forragem. Êsse não devia ser também o destino de Curiatan. Curiatan, o cavalo que já foi grande, que já emocionou grandes assistências com seus saltos espetaculares desejava morrer de repente, quando as últimas notas do toque de silêncio vivessem no ar, entre os muros do Regimento.

Curiatan ! Curiatan !



“Produzir mais é viver melhor”

ODISSÉIA DE UMA PATRULHA



Cap. Frederico Statt Müller

da 1.^a Missão Militar Francesa
de Instrução da Força Pública

Em 1896 achava-se de guarnição em Luneville (Meurthe et Moselle França), meu regimento, o 11.^o de "Cuirassiers", que fazia brigada com o 12.^o da mesma arma, cujo comandante era o coronel De Chabot.

Encontrando-me com êle, certo dia, em uma reunião de oficiais, solicitei-lhe a honra de nos relatar o episódio que mais o impressionara em sua vida militar.

O coronel de Chabot refletiu um momento e respondeu:

"Foi em 1870. Contarei a história tal como se passou. Eu era subtenente e servia no 12.^o Regimento de Caçadores a Cavallo. Certo dia meu pelotão foi destacado para descobrir uma patrulha inimiga que havia sido assinalada nas imediações. Durava já algumas horas o reconhecimento de que estávamos incumbidos, quando se nos aproximou ao galope do seu cavalo um habitante da região o qual nos informou

da presença da patrulha que procurávamos, na fazenda de Chirlenhoffen, cêrca de três quilômetros do local onde nos encontrávamos. Tomei as disposições adequadas, cercamos a fazenda, surpreendemos e aprisionamos um oficial e oito cavaleiros, que após terem se alimentado, descansavam, depois de haverem, durante 24 horas, explorado a região. O oficial aprisionado era o tenente conde Zeppelin, que comandava cavaleiros "Badois". Por pouco tempo, porém, tivemo-lo em nossas mãos. Ótimo cavaleiro e conhecedor perfeito de cavalos, o tenente Zeppelin, valendo-se do descuido dos meus comandados, saltou sôbre um dos nossos melhores animais e conseguiu escapar, apesar da tenaz e encarniçada perseguição que levamos a efeito". Calou-se um momento e concluiu: "Soubemos depois: tinha êle em seu poder os planos da batalha de Woert, ganha em seguida pelos Prussianos".

O último cartucho

Monte Serrat Filho

Piraquara, pacata cidade perdida na zona das terras cansadas do vale do rio do mesmo nome, na Campanha Nacional de Alfabetização de Adultos, destacou-se galharda entre suas mil e muitas irmãs espalhadas irregularmente pela vastidão territorial do Brasil.

A luta contra o analfabetismo, ali travada, foi violenta, de extermínio e sem tréguas.

— :: —

Corria o mês de janeiro de 1948, ou melhor, escorria, porque a vida continuava modorrenta, quase parada, como água de rio preguiçoso de planície que não tem pressa de chegar ao seu destino.

Piraquara vira mais um dia primeiro, que fôra formar humildemente como cerra-fila do respeitável batalhão composto de três centúrias de dias de Ano Bom, registrados em sua história de povoação descansada, sem alvoroços nem desordens.

Lembro-me como se fôra hoje. Dia 25, coincidentalmente dia de São Paulo, foi o «desperta e anda» da cidade dos resedás, — êste era o epíteto da cidade e orgulho dos piraquarenses. A «Crítica», semanário da oposição e único jornal da terra, trazia na primeira página, em letras gordas, escarrapachadas, a notícia da vinda do novo inspetor escolar e a da convocação das autoridades e pessoas gradas, para, no dia imediato, às 19 horas, no salão nobre do Paço Municipal, tratarem do problema da salvação nacional -

A Campanha da Alfabetização de Adultos. Depois de encarecer a importância transcendental do movimento, lá vinha, em grifo, a relação das pessoas convocadas nominalmente, embora o convite fôsse feito em geral ao patriótico povo piraquarense. A lista, encabeçada pelo prefeito, descia aos vereadores, incluía o delegado de polícia, dois bacharéis e três médicos, passava ao diretor e professores do grupo escolar, alcançava os cinco comerciantes mais fortes da praça, o gerente da Casa Bancária Águia de Ouro, e depois de muito esticada, terminava no Juca André, última autoridade policial do município, inspetor de quartelão no distrito do Tijuco Preto.

— :: —

Piraquara estivera sempre à margem, na estrada gloriosa dos acontecimentos nacionais. Tomou conhecimento, como fatos consumados, da Independência, da República e das muitas revoltas ou revoluções fracassadas ou vitoriosas. Sentiu, por isso, um arrepio de importância percorrer-lhe o corpo três vêzes centenário.

Naquela noite e no dia seguinte o assunto obrigatório de tôdas as conversas foi o da convocação. Falava-se que o inspetor, hospedado no Hotel Conforto, trazia plenos poderes do govêrno, para agir na luta contra o grande mal. Dizia-se mesmo que até o destacamento policial fôra colocado à sua disposição para

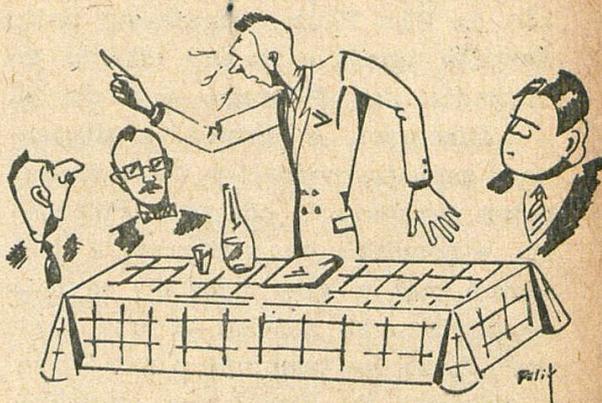
obrigar os analfabetos renitentes a encontrarem o caminho da escola.

— :: —

Eram 19 horas ... O salão nobre do Paço, uma sala de piso aladrilhado de 6 por 12 metros e de paredes nuas como as de um templo protestante, regorgitava quando chegou o inspetor acompanhado pelo prefeito, pelo padre, pelo dr. Tiburdino e pelo delegado de polícia. O vozerio cessou como que obedecendo a uma voz de comando imaginária. As autoridades sentaram-se à mesa, e o silêncio foi interrompido pelo acomodar-se nas cadeiras, da meia centena de patriotas.

O prefeito, cel. Elias Machado, descendente de antiga família de fazendeiros no município, assumiu a presidência da sessão e passou a palavra ao professor da capital.

Levanta-se o inspetor, fita por instantes a assistência e brada com voz firme e incisiva: «Senhores! A ignorância é treva de cegueira. Cada letra do alfabeto que nela sôa é como uma centelha na escuridão. O ignorante é um escravo cego carregado de ferros que mendiga nos degraus da escada do palácio, ouvindo as músicas que soam e os louvores dos que passam». Esquecendo-se de citar o nome de Coelho Neto, dono das frases proferidas, continuou veementemente, espichando-se em gestos de arrebatamento, esmurrando a mesa, pintando com côres negras as desgraças que o analfabetismo atrai, invariavelmente, sôbre a cabeça das nações suas prêsas. Lembrou a situação miserável dos povos, colônias onde a ignorância é seguida de perto pelo cortêjo terrível de suas conseqüências, tendo à frente a escravidão. Os presentes estavam



suspensos às palavras que saíam dos lábios do orador. A porta e as duas janelas estavam tomadas pelos retardatários.

«Senhores!» — continuou o inspetor — «seremos indignos dos nossos antepassados se permitirmos à falange imensa de patrícios que se debate na escuridão eterna do analfabetismo, continue sem receber o esplendor maravilhoso operado pelo milagre da combinação das 23 letras do alfabeto. O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever». — A esta altura os assistentes vibravam eletrizados. — «Guerra, pois, ao analfabetismo!»

— Guerraaaa! — gritaram oitenta peitos inflamados pela chama patriótica das palavras do mestre-escola. Até o Dito Farinheiro, representante do bairro da Agua Podre, que em doze meses de vereança nunca dissera sequer «não apoiado», ou mesmo, «muito bem», acompanhou os conterrâneos naquele brado de luta.

Falou o padre Liberato, lembrando a solicitude da Igreja pela instrução primária. Recordou aos presentes que onde se levanta uma igreja ou um convento, abriga-se uma escola. Reportou-se à funda-

ção de São Paulo, erigida ao redor de uma igreja e de um colégio levantados por Nóbrega e Anchieta.

Discursou o diretor, enaltecendo o espírito combativo do novo inspetor, presente do céu para Piraquara, e concitou os presentes a tornarem real a exortação do enviado do governo no sentido de que a cidade fôsse, ao terminar o ano letivo, a primeira do Brasil sem analfabetos.

Encerrando a sessão o cel. Elias prometeu ao povo, custasse suor ou sangue, Piraquara, até dezembro, ficaria livre da mancha infamante.

No dia seguinte foram constituídas as comissões de recenseamento e de festas, esta última subdividida em comissão de Leilão; Comissão de Concurso para a escolha da «miss» Piraquara, e Comissão de Partidas de Futebol. Era preciso angariar fundos para a campanha. A cidade acometida de calafrios cívicos, lançou-se à luta.

Foram registrados no perímetro urbano 428 analfabetos de mais de 18 anos. A pugna seria travada na cidade, pois a palavra do chefe estava empenhada e se fôsem atacados os bairros, os distritos e as fazendas, onde o inimigo se achava bem entrincheirado, não haveria munição que fizesse tremer, siquer, seus baluartes.

Criaram dez escolas noturnas, cada uma delas regida por uma professora, auxiliada por assistentes voluntárias.

A freqüência, a princípio, foi satisfatória, porém, com o tempo, aqueles homens de mãos pesadas e grossas capitularam ante as dificuldades de retenção na memória de tantos símbolos e do difícil manêjo

do lápis. E depois, para muitos, era mais agradável ficar «matando o bicho» num botequim. Nas classes femininas a sorte não era melhor. As domésticas preferiam namorar nas noites quentes do verão já em meio, ou ouvir novelas de rádio, a ficar présas das 19 às 22 horas numa sala de aula.

O diretor da «Crítica», vanguardeiro da campanha, experimentava, no entanto, satisfação secreta pelo inevitável desprestígio do seu adversário político. Conhecia um bom número de analfabetos impenetráveis. Costumava dizer do Zé Frângueiro: — «Este é tão burro, que se o abecedário fôsse uma seta de aço, haveria de quebrar a ponta ao tentar penetrar seu crâneo granítico». Muitos outros eram como o vendedor ambulante de frangos.

A notícia da queda da freqüência chegou ao conhecimento do cel. Elias, levada pelo próprio inspetor, em sua casa.

— «A coisa vai mal, professor, mas isso não me mete medo». E com ares sentenciosos: — «Para os grandes males, grandes remédios.» Cruzou a sala duas vezes em silêncio, para dar maior importância ao que ia anunciar.

— Vou convocar, para hoje à noite, o destacamento, os sub-delegados, suplentes, e inspetores de quarteirão. Mostrarei àqueles mandriões o caminho da escola. Só serão toleradas faltas por motivo de doença, devidamente constatada pelo dr. Tiburtino. Se essas medidas não forem suficientes, reservo para o fim um cartucho que não falhará, e sorriu satisfeito.

Naquela mesma noite um «comando» — estava em voga a ex-

pressão — integrado por elementos da polícia e da campanha, e dirigido pessoalmente pelo coronel, deu proveitosa batida em tôdas as vendas e botecos da cidade, dividia prèviamente em quatro setôres. Uma centena de fujões foi apanhada e reunida em coluna por cinco no galpão do grupo escolar. Os botequineiros foram advertidos de que seriam multados se acolhessem, durante o horário de aula, alunos do Curso de Alfabetização.

Os gazeteadores ouviram do coronel, longo discurso recheado de cegueira, escuridão, patriotismo, ignorância e miséria. No fim da fala o coronel lascou a ameaça: —«Tratem todos de aprender o b-a-bá e de escrever o nome, pois no fim do ano Piraquara será, custe o que custar, a primeira cidade do Brasil, sem analfabetos. Já mandei fazer, em São Paulo, placa vistosa, azul com letras brancas, com os dizeres: «Nesta cidade não moram analfabetos», para ser afixada à entrada de Piraquara. Ai daquele que pretender roubar esta glória à nossa terra!»

A advertência pairou ameaçadora por sôbre a cabeça da «manada» analfabeta, e surtiu resultado. Acabaram-se as faltas e o consumo de lápis aumentou apreciavelmente.

Em setembro, já proximos os exames finais, os professores esperavam conseguir noventa por cento de aprovações, o que era positivamente um resultado invejável.

Com isso não concordava o coronel. E a sua palavra? E a placa que já chegara da Capital?

Os exames foram camaradas, porém o Zé Frangueiro e mais noventa colegas foram reprovados. Não

tinham aprendido sequer a garatujar os respectivos nomes...

O cel. Elias ao saber o resultado da prova ficou roxo de raiva, mas não se deu por vencido. Restava o último cartucho para ser queimado.

Zé Frangueiro foi prêso como ladrão de galinha, e entre a alternativa de processo ou expulsão, optou pela última. Cupertino, mulher e filha foram contratados pelo coronel para trabalhar em sua fazenda. Outros analfabetos foram encaminhados com as famílias para as fazendas do município.

A 31 de dezembro, solenemente, com a banda de música e foguetório, colocou-se a placa à entrada de Piraquara. Oradores fizeram-se ouvir. Ergueram-se vivas ao Brasil e ao coronel Elias, o vencedor de mil combates, segundo um «Cicero» piraquarense.

Os jornais da capital noticiaram o acontecimento. Estamparam o «clichê» da placa sugestiva e teceram comentários elogiosos ao culto e nobre povo da cidade dos resedás.

As estações de rádio levaram a notícia aos quatro cantos da Pátria. Piraquara era sinônimo de cidade culta.

— :: —

O forasteiro observador que chegasse a Piraquara, notaria um grupo de vinte casas de tabuas, pouco antes da placa gloriosa; e se interrogasse algum caboclo da vizinhança obteria esta resposta: «É a vila dos alfabético. O pessoal trabalham na cidade mas moram aqui».

Estava ali o último recurso do decidido coronel Elias Machado, homem de palavra mesmo.

ALGUNS DETALHES TÉCNICOS DO

TIRO DE PISTOLA E REVÓLVER

1.º ten. J. G. Guilherme V. Cavalcanti
Base Aérea de Sta. Cruz



2.ª PARTE

mento “em sêco”, sabendo-se que à distância de 25 metros o visual teria 20 cm. de diâmetro.

Diariamente, reserve pelo menos 5 minutos para êsse treinamento, observando *cuidadosamente* os seguintes detalhes:

a) Alinhamento da massa e alvo no momento exato em que se dispara cada tiro, para se ter uma noção se o mesmo sairia bom ou não.

b) Tendência do desvio — se para a direita ou para a esquerda e para baixo ou ainda oblíquamente nos dois lados.

c) Levar a arma à altura dos olhos já com uma pressão no dedo de digamos 80% da pressão total necessária, para não cansarmos a vista e o braço.

d) Manter a mesma pressão quando a visada sair do ponto e aumentá-la gradualmente quando voltar ao alinhamento, até que em dado momento o tiro sai. Não pense que os campeões conseguem parar a mão no ar; isto é impossível, portanto, não fique aborrecido.

e) Focalização da massa de mira e *nunca do alvo* — Êste detalhe importantíssimo está ligado à parte da *visada*, e acho conveniente fazer algumas recomendações especiais.

Se o leitor teve curiosidade e paciência para botar em execução os primeiros ensinamentos de tiro de precisão sobre alvo fixo publicados no número 9 desta Revista *, passaremos agora à segunda palestra, evidenciando os detalhes mais importantes que deverão ser cuidadosamente observados e corrigidos.

Voltaremos à parte mais importante do tiro que é a “PUXADA DE GATILHO”. Já sabemos que deve ser contínua, fazendo com que o atirador tome um “susto”, ou seja não sabendo nunca o momento exato em que a pressão aplicada excede ao limite de escape, fazendo disparar a arma. Os americanos atribuem um valor extraordinário ao treinamento do gatilho “em sêco”, feito diariamente em casa ou em qualquer lugar, sobre um ponto prêto de diâmetro proporcional ao visual do alvo internacional (20 cm. de diâmetro). Assim, se temos um quarto de quatro metros, podemos facilmente calcular o diâmetro que deverá ter o nosso alvo de treina-

* Revista do Clube de Aeronáutica, de cujo n.º 10 se transcreveu êste artigo.

Noventa por cento dos tiros reais que inexplicavelmente vão para fora do prêto, são motivados justamente pela não focalização da massa de mira no momento exato do disparo da arma. É hábito de todo atirador principiante e mesmo de muitos veteranos, passear com a vista do alvo para a arma e vice-versa no momento crítico em que se puxa o gatilho. Esse costume deve ser combatido e eliminado a todo transe, se desejamos progredir no tiro. Lembre-se sempre de que o alvo visto fora de foco não traz erro algum à nossa visada, mas se a massa de mira estiver indefinida (fora de foco) o erro decorrente será multiplicado 40 vezes se atirmos a 25 metros e o dobro se o fizermos a 50 metros.

Focalização da massa de mira? E a alça de mira? Esta não é focalizada e sim de passagem enquandramos a sua abertura dentro da massa de mira, fixando a vista nesta e colocando-a na base ou no centro do prêto, conforme veremos mais tarde.

Devemos desde cedo nos acostumar a "cantar o tiro", ou seja, predizer a localização do impacto pela posição da massa e alça no momento em que nos assustamos com o estampido da arma.

Um rápido comentário sobre os detalhes que vimos atrás:

a) Alinhamento, massa e alvo no momento da batida do cão. Adquire-se exclusivamente com muito treino e sensibilidade do dedo indicador. Nunca exceder de 15 segundos o tempo total da puxada do gatilho. Dez é ótimo — 5 é perfeito. É lógico que quanto maior o tempo, maior cansaço da vista, braços, etc.

b) Desvio da massa causado pela batida do cão:

Desvio para a esquerda — dedo indicador muito avançado sobre o gati-

lho — sentido da puxada com uma resultante para a esquerda.

Desvio para a direita — Pouco dedo sobre o gatilho — Arma muito encaixada dentro da mão — Puxada resultante para a direita.

Desvio para baixo — Arma muito solta na mão. A combinação deste desvio com qualquer dos dois anteriores, dá os desvios oblíquos para esquerda e direita, respectivamente.

c) Se sabemos que a arma requer uma pressão de digamos 1,5 quilos, podemos levar uma hora ou mais com uma pressão inferior sem disparar o gatilho — Poupa-se o braço e a vista já começando a visada com no mínimo 80% da pressão total sobre o gatilho.

d) Somente longos anos de prática dão ao atirador o escape do gatilho no momento exato ou quase perfeito, ou seja quando o alinhamento da massa de mira e alvo estão em perfeita coincidência. Com o tempo adquire-se uma puxada rápida (menos de 2 segundos) sem contudo desviar o indispensável alinhamento, massa e alvo.

e) Também como no item anterior, somente depois de muito treinamento conseguimos concentrar a nossa vista na massa de mira, deixando o alvo sempre fora de foco.

Passemos agora à continuação da parte referente a EMPUNHADURA DA ARMA.

No tiro ao alvo, precisão é sinônimo de uniformidade. As armas do futuro talvez tenham um dispositivo para indicar a força aplicada à coronha quando as empunhamos.

Tem grande influência sobre a visada em altura a uniformidade da pressão aplicada à coronha. Por esse motivo estranhemos quando em determinado dia, visando na base do preto, atingimos

o centro; tempos depois o mesmo tiro com a mesma visada atinge sempre o ponto realmente visado. Qual o mistério? Sòmente a variação da fôrça de empunhadura. Diz o campeão mundial de revólver, que a empunhadura está bem equilibrada quando, durante o tiro, a arma sobe exatamente na vertical.

Também concluímos que, quanto *maior* a pressão exercida, *menor* o desvio em altura resultante da ação do coice da arma durante o tiro e de um modo geral — quanto *menor* o escape de gatilho de uma arma e quanto *menor* o seu calibre *menor* fôrça na empunhadura necessitamos.

Tem também muita importância a *horizontalidade da arma* durante o tiro. Tomando-se por referência o lado superior do alvo, podemos acertar o nivelamento da arma, pela aresta superior da alça de mira.

A arma inclinada para a direita ou para a esquerda dá um desvio do tiro para o mesmo lado. É aconselhável verificarmos cuidadosamente a posição e uniformidade da empunhadura antes de cada tiro dado — pois de tiro para tiro, o coice da arma modifica o ajustamento tão necessário ao fator uniformidade. Com o correr dos anos aprendemos por assim dizer “de cor” o ponto ideal de apôio e aderência da coronha à palma da mão.

VISADA — Não sei se a essa altura o leitor conseguiu ver duas armas e dois braços quando fêz a visada inicial com os dois olhos abertos. Infelizmente a coisa desta vez vai ficar um pouquinho mais complicada. Se focalizarmos a arma com os dois olhos abertos veremos infalivelmente *dois alvos* — Em qual dêles devemos atirar? Atire no da direita.

No princípio achamos uma coisa muito difícil e vai ver é mesmo muito pior do que se pensava... Assim dirão os pessimistas. Porém, com um pouco de treino diário durante quinze dias poderemos ver dois alvos. Não é de admirar que um atirador americano tenha dado um tiro no alvo do vizinho no campeonato mundial de tiro realizado em Buenos Aires em novembro de 1949! Será mesmo devido a essa confusão de alvos, *Não*. Aquilo acontece mais cedo ou mais tarde a qualquer um e é apenas de lastimar, pois aquêle engano custou-lhe um 1.º lugar que coube a um suíço, também atirando com os dois olhos abertos. Mesmo assim aquêle perdeu apenas por um ponto e o tiro perdido foi um 10!

Até 25 metros não é muito difícil conseguirmos um bom resultado. Daí até 50 metros a coisa muda de figura. Mas não se deixe abalar por isso. Arranje uma armação de óculos sem vidros e sôbre a vista esquerda coloque um papelão prêto que deve ser usado sòmente durante a visada pois do contrário força muito a outra vista entre um tiro e outro. Não é aconselhável fechar o ôlho esquerdo pelo cerramento da pálpebra, principalmente por aquêles que são obrigados a franzir a metade do rosto para conseguí-lo. Tal prática produz uma contração muscular excessivamente cansativa e que deve ser evitada sempre. O principal já foi dito e repetirei aqui: a visada deve ser feita focalizando a *massa de mira*, (olhando por dentro sem fixar-se no entalhe da alça), vendo-se o alvo sempre **FORA DE FOCO**.

POSIÇÃO DO CORPO — Se os tiros estão com muita dispersão sòmente em altura (todos com boa direção) é certo que os seus pés estão muito afastados e o corpo oscila no sentido da

direção do tiro. Também se o pé que está à frente estiver apontando muito para a esquerda o corpo oscilará no sentido transversal à linha do tiro, conseqüentemente haverá muita dispersão em direção (tiros em boa altura espalhados HORIZONTALMENTE).

Depois de adquirir uma boa posição repare bem a colocação dos pés e marque no chão com giz ou outra marca qualquer, observando atentamente antes de cada tiro a estabilidade perfeita do corpo com o peso distribuído igualmente sôbre as duas pernas. Não se esqueça de relaxar o outro braço apoiando-o de preferência com a mão no bolso.

RESPIRAÇÃO — Antes de cada tiro, tome uma inspiração profunda, solte-a lentamente e depois inspire somente um pouco de ar que será mais do que suficiente para os 15 segundos de apnéa. No intervalo dos tiros, respire normalmente. Esta parte está muito ligada ao estado de saúde do atirador. Os indivíduos braquicárdicos (ritmo cardíaco lento) são indicados para serem atiradores. A corrida é um excelente exercício para aumentar a resistência física, diminuir o ritmo cardíaco, dando ao atirador uma excelente disposição física para o desgaste exigido durante uma prova de tiro. Também a natação é um ótimo exercício. Na Argentina os atiradores suecos, durante o Campeonato Mundial de Tiro, faziam diariamente pela manhã uma corrida a pé de 1.500 a 3.000 metros para se manterem em boa forma. Os norueguêses e finlandêses faziam o mesmo.

Infelizmente, o mais difícil ainda não apareceu. Qualquer um pode em algumas horas aprender todos êsses "macetes" e aplicá-los eficientemente no tiro, desde que estejam sòzinhos ou apenas

brincando. Mas, como impedir que o coração *dispare* na hora da competição, chegando até a turvar a vista e causando um estremecimento geral?!

Já foi dito que a cura para essa doença é a competição de tiro. Procure organizar provas de tiro tôdas as semanas, todos os dias, tôdas as horas, se fôr possível. Se estiver sòzinho, procure sempre bater a sua média normal — atire sempre que puder em caráter de exibição procurando sempre fazer qualquer coisa difícil. Isto lhe ajudará a cultivar o hábito de manter a calma. Infelizmente, estamos lidando com a parte mais complexa do homem. Haverá um remédio específico para cada tipo de reação nervosa que sentimos durante uma prova? Tive oportunidade de observar certa vez, no Fluminense, o que fazia cada atirador para espantar o nervoso e a "tremedeira"! Um dêles resolveu apertar *novamente* a alça de mira da arma que minutos antes eu o ajudara nessa tarefa, chegando quase e quebrar a cabeça do parafuso, com mêdo (êle) dela cair durante a prova! Outro achou de chutar todos os cartuchos vazios que havia pelo chão — a prova era de silhuetas internacional a 25 metros, pistola calibre 22. Houve até quem se esquecesse de alimentar a arma antes de uma série de 5 tiros, resultando na perda de 4 silhuetas! Quando chegou a minha vez, achei que não podia passar sem uma cadeira para descansar entre uma série e outra... Ainda está para nascer o atirador com nervos de aço, insensível a essas emoções que afetam a todo ser racional. O treinamento em competições é o único remédio. Os americanos acham que 10 anos de prova (20 provas de tiro por ano) fazem um atirador insensível a essas emoções. Para terminar, alguns conselhos úteis:

a) depois de iniciada uma prova de tiro, esqueça-se do resto do mundo — procure concentrar-se ao máximo em cada tiro, pensando somente nos detalhes já ensinados: posição do corpo, empunhadura, puxada, pressão no dedo, respiração e atirando no seu alvo.

b) coloque algodão nos ouvidos para isolá-lo mais ainda do resto do mundo — os tiros dos outros não incomodam tanto como alguns comentários que quase sempre ouvimos ou percebemos se olhamos para trás, para os espectadores. Pense somente em fazer 8, 9 e 10 no alvo — se fizer algum 6 ou 7 não fique inconsolável; quanto menos isso lhe abalar, maior será a sua chance de vencer um outro menos calmo e controlado.

c) se começar a fazer tiros com desvio para qualquer lado não procure logo mexer na alça de mira — pergunte a si mesmo: a puxada foi boa? A empunhadura está uniforme? Eu não olhei para o alvo no momento do tiro?

d) Ficou nervoso? Raciocine assim: “o que é que eu tenho a perder nessa prova? Uma medalha? Um prêmio importante que eu desejava ganhar? Ou simplesmente o título de 1.º lugar? Ganharei muito mais experiência perdendo uma prova do que ganhando-a. Por que? Quando ganho, vejo confirmado tudo aquilo que já sabia em teoria, mas quando perco, posso sempre tirar um ensinamento valioso, resultante de um estudo detalhado das causas que me fizeram perder”. Seja franco consigo mesmo e reconheça que aquele 7 lhe abalou a moral a ponto de o perder a prova. E por que não?

e) atire com método — com o seu método: anote o valor de cada tiro no papel — deixe a arma sempre aberta

— carregue um cartucho de cada vez — separe o número certo de cartuchos da prova — confira os seus tiros no alvo com a sua anotação — observe o tempo para cada tiro e use-o todo — descanse sentado entre um tiro e outro — não pense em coisas inúteis na hora do tiro — concentre-se ao máximo — não converse durante a prova — uniformize os seus movimentos e gestos — coloque um cartucho vazio na arma e observe qual a tendência da mesma, dando um tiro “em sêco”.

Gostaria de saber se êsses “maces” por correspondência estão produzindo algum efeito nos que tiveram curiosidade bastante para empregá-los.

Se o leitor conseguir assinalar êsses primeiros ensinamentos que constituem a parte básica da instrução de tiro de armas curtas (tiro de precisão sobre alvo fixo) poderá com facilidade tornar-se um ótimo instrutor (se tiver muita paciência) de seus colegas e futuramente subir o segundo degrau, que é o tiro rápido ou tiro de velocidade e depois ao tiro aéreo (tiro contra alvos móveis no chão e no ar).

Tempo total do curso? Primeiro degrau: de 1 a 3 anos conforme o número de treinamentos e competições. Segundo degrau: de 2 a 5 anos, idem, idem. Terceiro degrau: de 2 a quem sabe? O céu é o limite, pois como disse o melhor atirador americano de todos os tempos, EDMC GIVERN: “Nenhum homem conseguirá viver o bastante para aquilatar e conceber todos os feitos possíveis e realizáveis de um atirador que queira estudar, pesquisar e experimentar o tiro ao alvo, como passatempo, esporte, instrução e arte”.

INCONFUNDIVEL!



Cerveja

FAIXA AZUL
de ANTARCTICA



PERL

Quem dá aos pobres empresta a Deus

Fazei o bem. Sôbre a
terra

¶ a beleza suprema.

(Tobias Barreto)

Fundada a Cruz Azul, em 1925, como organização de assistência médica à família do soldado da Fôrça Pública, logo apareceu lacuna sensibilíssima: a ausência do leito hospitalar. A simples receita no consultório médico não chegava. Mister se fazia, em freqüentes casos, a hospitalização. E como proceder? Os serviços de ambulatório eram custeados pela mensalidade de cada associado assim classificada: soldado, Cr\$ 2,00; sargento, Cr\$ 3,00 e oficial Cr\$ 6,00 — tabelas essas, aliás, que se estenderam até 1945. Sendo ainda facultada a permanência ou não dos componentes da Fôrça nos quadros da associação, pequena, em consequência, era a entrada mensal na tesouraria.

Mesmo assim atendiam-se os casos urgentes de cirurgia, distribuindo-se os doentes pelas mais modestas classes dos hospitais paulistanos.

Posto em equação, passou o problema e existir, agudo, desafiando a inteligência e o espírito de solidariedade dos responsáveis pelos destinos da Fôrça Pública, nos domínios do amparo à família dos seus elementos constitutivos, nesse ângulo de sua existência. Até aí já o auto-comando da milícia havia criado a Caixa Beneficente e a Mútua entre os

oficiais, com alto sentido de benemerência social. Incompleto, pois, apresentava-se o novo serviço e insatisfeitos, por sua deficiência, os nobres vultos que lhe davam apôio, formando em tórno à figura exponencial do cel. Pedro Dias de Campos, então comandante geral da Fôrça Pública.

Daí a indicação que apareceu, em assembléia geral realizada a 22 de abril de 1926, no sentido de ser dotada a Cruz Azul de um hospital, como coroamento à assistência médica, no momento existente. Aceita com entusiasmo a sugestão, inclusive o plano de trabalho que o seu autor, comandante Manoel Marinho Sobrinho expôs, alçada foi a invicta bandeira da bondade. À sua sombra e sob a orientação do abnegado lidador marcharam quantos, portadores de nobilíssimas tendências espirituais, esperavam apenas chegasse a ocasião de exercitarem os seus altruísticos sentimentos.

E aqueles que vêm desses tempos já distantes, lembrar-se-ão, sem dúvida, das incruentas hostes do bem que Marinho Sobrinho mobilizava no Estado, desde a capital ao mais longínquo rincão, no árduo trabalho de angariação dos fundos necessários ao bom êxito da grande obra. Eram senhoras e senhoritas, mi-

litares e civis que, distribuídos em harmônicos conjuntos de artistas amadores, times de futebol, orquestras e conferencistas — promoviam nas diferentes cidades paulistas interessantes festivais cujos resultados iam sendo religiosamente recolhidos à caixa comum. De tal sorte diligenciou Marinho Sobrinho que um ano e três meses depois, isto é, em julho de 1927, acusava o boletim financeiro da associação a importância de Cr\$ 911.000,00 depositada no Banco do Brasil e destinada à construção do hospital da Cruz Azul — vultosa soma essa para a época de moeda valorizada, correspondente a dez vezes mais sobre o momento atual.

Prestes a caducar andava, ao tempo a doação de um terreno que o filântropo J. Sampaio Moreira havia feito a um grupo de pessoas de boa vontade a fim de que nele se construísse o prédio para uma maternidade, de finalidades beneficentes.

Chefiava-o o dr. Godofredo Wilken o qual, por motivos vários não pudera levar a bom termo o generoso objetivo. Conhecendo o êxito financeiro alcançado pela Cruz Azul, com o mesmo destino, entrozou com Manoel Marinho Sobrinho a sua iniciativa e em outubro de 1928 batiam-se as estacas que marcavam o começo das obras do majestoso edifício do Hospital e Maternidade da Cruz Azul que ora se altêa numa das formosas colinas que pontilham os bairros da Aclimação e Cambucí, nesta Capital.

Orçadas as obras em 900.000 cruzeiros, foram as estimativas ultrapassadas, devido às conseqüências da revolução de 1930 que tão fundamente afetaram a ordem econômico-social do nosso meio. Superados, porém, pelas sucessivas administrações da Cruz Azul, os

entraves surgidos, pôde a diretoria de janeiro de 1935 solenizar o 10.º aniversário da entidade com a inauguração dos seus serviços hospitalares no dia 28 de julho do ano acima referido.

Inauguração em carácter quase de emergência, pois que de muito ainda carecia a aparelhagem do grande estabelecimento que se foi ajustando aos poucos, tanto no sentido de suas necessidades materiais e técnicas como na organização interna de suas relações com as leis trabalhistas, então postas em vigor no país, direitos dos associados, etc., etc. Foi por ocasião da troca de idéias entre os membros da diretoria sobre êsses delicados assuntos que surgiu o caso da retribuição honorífica de favores recebidos pela instituição, apreciados êles sob diferentes aspectos, de acôrdo com as suas origens.

A imprensa, por exemplo, que se mostrara tão amiga e solícita na campanha em benefício da Cruz Azul, além de uma enfermaria com a sua denominação, teve reservado um leito em quarto de primeira classe a todo o profissional que dêle necessitasse, apresentando-se devidamente credenciado. Apareceu, também no transcorrer dessas discussões amigáveis, a figura do benfeitor desconhecido, simbolizado naqueles — e foram milhares — que concorreram para a magna causa com o seu apôio moral e material, em maior ou menor volume, direta ou indiretamente, dêles não ficando o nome numa lista sequer. A êsse benfeitor desconhecido foram abertas as portas de 3 leitos na secção de cirurgia e 3 na de maternidade, destinados a quantos, vencidos e à margem da vida, transpusessem os humbrais do Hospital e Maternidade da Cruz Azul, pedindo lenitivo aos seus sofrimentos. En-

trando em execução, com o funcionamento do hospital, essas particularidades de sua complexa vida íntima, apareceu certa vez um caso dolorosíssimo: uma criança de menos de dois anos de idade, portadora de graves e generalizadas queimaduras, trazida pela mãe angustiada. Dispensados ao pequenino enfêrmo os urgentes cuidados que o seu melindroso estado reclamava, cogitou, em seguida, a administração do hospital, das formalidades inerentes à internação, verificando tratar-se de gente sem recursos para corresponder à parte financeira da questão.

Informada, determinou a diretoria a classificação num dos 3 leitos indicados para tais circunstâncias. Dias e noites sucessivas passaram então a descer sôbre a pequenina cama em tórno da qual se debruçavam além dos genitores, médicos e enfermeiros em prodigiosos esforços de dedicação pela volta da saúde àquele ente fragílmo que se debatia entre a vida e a morte. Ao fim de três meses de hospitalização teve alta o menino, refeito e são. Durante êsse longo martirológio fôra sempre visitada a criança pelo pessoal circense de São Paulo a cuja grei pertenciam os pais, não sei em que categoria.

A par do que se passara e impressionados com o desprendimento e espírito de solidariedade humana que surpreenderam na Cruz Azul, resolveram os remanescentes da antiga sociedade recreativa fundada nesta capital pelo pessoal do circo, oferecer à Cruz Azul restos patrimoniais dela existentes.

É que imprevistos sobrevindos em meio da jornada haviam-na levado a irremediável fracasso.

Arrolados os bens, inclusive uma chácara com 12.200 metros quadrados de área, denominada Chácara da Água Funda, situada em magnífico arrabalde da cidade, foi tudo avaliado em cêrca de cem mil cruzeiros. Tão valioso e espontâneo presente provocou, em gesto de retribuição da Cruz Azul, a inscrição nos seus quadros beneficiários, em grau de remidos, dos sócios em dia na associação circense, no acasião dissolvida. Viveram as alternativas dêsse drama de sofrimento, de ternura e de bondade, que se prolongou por quase todo o ano de 1936, desde a internação do menino acidentado até a lavratura das escrituras - já em dias de 1937 - por parte da Cruz Azul, os seus médicos, os seus enfermeiros, os seus funcionários, a sua diretoria. Integrada, na época, pelo tenente coronel Luiz Tenório de Brito, presidente; major médico dr. José Geraldo Pereira de Campos Vergueiro, vice-presidente; capitão Benedito Antunes Chaves, 1.º secretário; 2.º tenente José Antunes Coelho, 2.º secretário; capitães Luiz Gonzaga de Oliveira e Benedito Mário da Silva, primeiro e segundo tesoureiros, respectivamente, e, pela associação circense, notadamente, o saudoso ex-sargento da Fôrça Pública, Ataliba Duarte e o capitão Aristides Pinheiro — expressivas figuras justamente acatadas entre o pessoal do circo, pelo alto é compreensiyvo espírito público com que o representavam.



“Maior produção, menores preços, melhores salários”.

CULTURA E ARTE

Laura Della Monica

A DANSA ATRAVÉS DOS TEMPOS

Relata a história que, desde tempos imemoriais, os homens começaram a dançar. Mulheres fenícias, trazendo argolas nos joelhos e nos tornozelos, pulseiras, diademas, colares e brincos, jóias de fina contextura, ainda hoje existentes nos museus do Cairo e Alexandria, e trajando-se com os mais finos tecidos do Oriente, vinham dançar sobre as brancas areias que bordejavam o grande mar misterioso, uma dança de ritmos telúricos e místicos em louvor de Astartéa, a deusa do amor e da primavera.

Também na Grécia a dança era endereçada aos deuses. Coréias, bacantes, maiades, e sílfides traduziam, na rítmica do corpo o amor, a exaltação, o erotismo ou o sacrifício aos deuses. E era dentro do seu iluminado politeísmo, que a dança se transformava em plástica de corpo, refinamento de gestos e atitudes que hoje podem ser vistos fixados na gravura e na estatuária dos celenos.

Na Índia, dançava-se para Brahma, Buda, o fogo, a terra e as águas do Ganges.

Tôda a antiguidade clássica dançou para os seus deuses. Muitas vezes, a dança foi um rito selvagem, uma atitude de espírito de insânia, um grito bárbaro da natureza. Dançarinos tatuados em tribos selvagens expandiam-se em bacanais rítmicas, entregando-se ao gôzo diabólico ou à auto-flagelação quase

sempre em louvor ao desconhecido que divinizavam.

Entre os assírios, as tribos tártaras, mongólicas, e africanas e os primitivos germanos, a dança recendia a sangue, guerra e sacrifício. Era sinistra e espiritualmente diabólica. O «Alegretto» da Sétima Sinfonia de Beethoven, expressa, em sua rítmica sombria e desconcertante, tôda essa atmosfera primitiva do espírito da dança.

Os chineses dançavam muito. Foram muito refinados e também mui-selvagens.

Os cristãos da idade média dançavam nos templos e nos cemitérios. Oravam em ritmos, pediam para os vivos, exaltavam o misticismo e as flagelações em holocausto a Deus, aos santos e aos mortos. Como expressão de estética coletiva a dança, mais do que qualquer outra parte, traduziu uma profunda manifestação de religiosidade, quer em suas formas grosseiras de ritual cabalístico, quer nas expressões refinadas do politeísmo egípcio, greco-romano e oriental. Os primitivos valores dessas civilizações, de onde decorrem as outras modalidades de arte, mesmo as de superior categoria estética, estão contidos também nas expressões da dança de cada uma delas. Apenas o corpo é que se revela como origem dos sentimentos artísticos. Contudo houve posteriormente, uma integral libertação da dança. Sucedeu, quando os dançarinos começaram a dançar a música, e não apenas o ritmo da

música. Os temas da dança continuaram a ser místicos, telúricos ou eróticos. A arte porém, já era uma expressão autônoma dentro da estética. O instinto passou a ser espiritualizado, o impulso estilizado e regras técnicas e escolas surgiram sujeitas a princípios de arte perfeitamente estruturada. A dança primitiva passou a ser apenas uma ginástica ou divertimento volúvel para o corpo, ao ritmo da música. Dançando a música, os dançarinos transformaram a arte em coisa seríssima. Escreveram compêndios de teoria rítmica, aprofundaram-se estudos sobre a forma, atitude e caráter do corpo, tôdas as combinações de movimentos rítmicos, tudo para explicar a dança e seus aspectos de beleza intelectual e emotiva. Dançarinos, homens e mulheres, andróginos e assexuados, passaram a se exhibir nos palcos do mundo, fazendo surpreendentes revelações, através da muda linguagem rítmica.

Então a própria música se enriqueceu de substância rítmica e os temas musicais da música de câmara e sinfônica passaram a ser também criados para a dança. Tudo isso, sem prejuízo da própria linguagem musical do conteúdo temático essencial à música.

Criou-se o ballet russo dentro das sinfonias, dos concertos, e os grandes músicos começaram a compor para o ballet propriamente. Partituras como «L' après midi d' un faune» de Debussy e a «Sétima Sinfonia» de Beethoven são temas puramente rítmicos, além de expressarem o sentido poético elegiaco próprio da dança. Por outro lado, os temas populares da dança

passaram à estilização, a exemplo do minueto, da chacone, da tarantella, da ronda etc.

O tempo passou.

Criar! Criar era e é sonho grandioso!

Arte é luta pela perfeição do que se sonha.

A coreografia se modifica. A realidade da dança é a verdade para a nossa vida íntima. Aí reside o poder de comover e transmitir o que se sente e cria.

A nova escola ao projetar uma idéia ou uma emoção conta com movimentos rítmicos naturais do corpo que podem ser compreendidos por serem universais. Cada idéia coreográfica tem seu próprio e inevitável movimento do corpo.

Cada gesto, cada expressão, cada movimento, tudo tem razão de ser.

— :: —

Nada pode servir melhor aos interesses da arte em qualquer país do que a criação de uma séria cultura de dança. A cultura nasce da tradição e esta da boa organização. Não temos tradição porque não temos organização.

Faltando-nos isto no terreno da dança, ficamos privados do mais fértil campo que possa existir para o desenvolvimento simultâneo das artes em nossa terra.

É preciso não esquecer nunca este ponto. A dança teatral — só ela entre tôdas as artes — oferece condições práticas para a realização da unidade da arte, ou melhor, para harmonizar a unidade com a diversidade.

A montagem de um bailado solicita a cooperação do músico e do artista plástico; muitas vezes, a cooperação do próprio homem de letras. A dança tem as afinidades mais íntimas com a pintura, a escultura, a música e a poesia, e um bom coreógrafo deve reunir tôdas essas qualidades.

O sonho dos românticos manifestou-se com tanta fôrça na poesia de um Musset, ou na música de um Chopin como na dança de Taglioni ou do Pawlova.

Si chegarmos aos tempos modernos descobrimos o parentesco e a colaboração íntima entre a pintura expressionista da Europa Central e a escola de Mary Whigmann.

E para repetirmos o exemplo clássico, há o fenômeno da renascença russa no camêço dêste século que é literalmente obra do «Ballet Russe».

Podemos aqui citar alguns nomes de grandes bailarinos, tais como a inesquecível Isidora Duncan, Nijinsky cujo falecimento entristeceu o mundo artístico; Anna Pawlova, Maria Ruanova Vaslav, James Ushakov, Saharoff, Wladimir Irman, Igor Schweoff.

Para a projeção artística de um povo no campo internacional, para a sua aproximação em espírito com os outros povos, diz Ruben Navarro, a dança é universal e indicada. Um livro precisa ser traduzido antes de ser comunicado ao leitor estrangeiro, mas um bailado fala uma língua que pode ser originariamente entendida por todos.

Quer dizer, a dança é o meio mais completo para a universalização da arte de um povo, seja pela cooperação que reclama de tôdas as

artes, seja pela própria essência da sua linguagem.

Criou-se no Brasil, um dia, o «Ballet negro». Luiz Brasil, seu diretor — era um cearense franzino e sêco, mais parecido com o «pai de santo» — organizou êsse conjunto, cujo repertório constava de danças afro-brasileiras, com marcações originais, maracatús, frevos, sambas e macumbas.

Mas o Ballet desapareceu como costuma acontecer quando a gente se interessa por alguma coisa folclórica, tradicional ou não.

A Escola de Bailados do Teatro Municipal do Rio de Janeiro tem apresentado elementos de grande valor e que prometem um brilhante futuro.

A Escola da Municipalidade de São Paulo, fundada em 1939, pelo grande Vaslav Wiltchek continua em franco progresso. Teve como diretora Maria Oleneva e agora Marília Franco, artistas de grande mérito.

Esperamos que o Brasil, com suas escolas de bailados, ocupe também o seu lugar de destaque entre as escolas de «ballet»; tudo depende, porém da boa vontade e colaboração dos elementos que compõem e dirigem essas organizações.

Poderíamos apresentar grande «ballet». Basta olhar para o aspecto folclórico, e aí encontraremos temas coreográficos, musicais, literários e até a policromia.

Parece que o Brasil esqueceu do presente que o Boitatá lhe deu: a lanterna de pirilampos para enxergar na noite escura da Arte e da Cultura coreográficos, musicais, literários e de cima, e espatifou a lanterna de pirilampos no chão.

DISTÚRBIOS POPULARES

Seu contrôle, pela polícia, por meio dos agentes químicos não letais

Cap. Cális C. Montes

Segundo de uma série de três artigos

III — GRANADAS QUÍMICAS

GENERALIDADES

A granada química é um projétil carregado com um agente químico, o qual é dispersado por um dispositivo de ignição ou explosão. É lançada a mão ou disparada por um fuzil.

GRANADAS QUÍMICAS — TIPOS

As granadas químicas classificadas como «Tipo», são lançadas a mão ou postas a funcionar em determinados pontos. Quando lançadas a mão, o alcance máximo é de aproximadamente 35 metros, dependendo da habilidade do lançador. Podem também ser jogadas de veículos como carros blindados ou tanques. Essas granadas constam de:

RECIPIENTE

ESPOLETA DE IGNIÇÃO

CARGA

O RECIPIENTE é um cilindro de fôlha, com aproximadamente 117 m/m de altura. Dois discos de 65 m/m são embutidos e soldados às paredes, formando o tampo e o fundo do recipiente. O tampo tem um furo central de 15 m/m, no qual é soldada uma peça roscada internamente para receber a espoleta de ignição. Pequenos furos nas paredes do recipiente, se destinam ao escapamento do agente. Esses furos são, normalmente, cobertos por pequenos círculos de fita adesiva.

A ESPOLETA DE IGNIÇÃO consta de um corpo contendo o mecanismo de disparo e de uma estopilha.

O mecanismo de disparo compõe-se de um percussor e de uma mola de aço. O percussor mantém-se afastado da estopilha, sob tensão da mola, por uma alavanca que forma o envoltório do mecanismo de disparo e se estende para baixo ao longo do recipiente. A alavanca prende-se a ressaltos no corpo da espoleta, tendo duas asas por onde passa um pino de aço. Este pino constitui o dispositivo de segurança do mecanismo de disparo.

A estopilha compõe-se de uma cápsula de fulminato de mercúrio e de um retardador de um segundo de tempo (existem também para dois segundos) contido em um recipiente de fôlha.

A CARGA é uma mistura sólida ou solidificada.

Um misto de ignição de nitrato de potássio, trissulfureto de anti-mônio, sulfureto ferroso e dextrina é colocado por cima do agente.

MODO DE PREPARAR — LANÇAMENTO A MÃO

Quando se retira o grampo de segurança, a alavanca segura na palma da mão evita o contacto entre o percussor e a estopilha. Logo que a granada deixa a mão, o percussor, por efeito da mola, solta a alavanca e vai chocar-se contra a estopilha. A estopilha inflama a espoleta que dentro de um ou dois segundos de tempo (conforme tenha sido ela preparada), por sua vez, inflama o misto, o qual gera o calor necessário para iniciar a reação do agente. A pressão resultante da combustão rompe a fita adesiva dos pequenos furos de emissão e o agente desprende-se do recipiente.

DISPARAR DE UM PONTO DETERMINADO — Coloca-se a granada no local, mantendo-se firme a alavanca enquanto se retira o pino de segurança. Assim que se estiver pronto para disparar, solta-se a alavanca e afasta-se da granada a favor do vento.

GRANADAS QUÍMICAS DE FUZIL

A projeção das granadas químicas por meio de fuzil, torna-as mais eficientes do que as granadas de mão, em vista do aumento do alcance. O seu grande ângulo de tiro e maior alcance são de grandes vantagens nos distúrbios populares, quando se deseja atingir áreas desenfreadas ou a retaguarda dos amotinados.

A granada química de fuzil se acha provida de uma vareta de aço que é introduzida na boca da arma. O disparo se efetua por meio de um cartucho especial de festim.

O alcance depende do ângulo de elevação que se dê ao fuzil e pode variar de 150 a 250 metros, aproximadamente.

Na Fôrça Pública não temos presentemente granadas químicas dessa espécie, e por isso não daremos suas características. Para alcançar os efeitos dessa espécie de granada, usamos armas especiais (Riot-Gun e Tru-Flit), que lançam projéteis químicos. As características dessas armas e de suas munições, veremos mais adiante.

TUBOS QUÍMICOS

Os tubos químicos são munição de oportunidade. Sua eficiência depende de vento favorável, do tempo e das condições locais. Entretanto, os tubos químicos são muito eficazes quando convenientemente aplicados e oferecem vantagens que não possuem os outros meios.

Podem ser aplicados em certos casos de distúrbios populares.

Os tubos químicos são cilindros de fôlha de aço, com aproximadamente 200 m/m de diâmetro e 160 m/m de altura, carregados com misturas químicas e acionados por um dispositivo especial.

Existem tubos carregados com HC, que sômente produzem fumaça, e com D.M., que têm efeitos fisiológicos esternutatórios.

— :: —

IV — CARATERÍSTICAS DAS GRANADAS QUÍMICAS DE MÃO

GRANADA LACRIMOGÊNEA — CN

Pêso carregada:	— 450 gramas
Forma:	— Cilíndrica
Dispositivo de segurança:	— Pino de segurança
Ignitor:	— Espoleta queimando M1
Carga:	— CN — (285 gramas) misto de cloracetofenona, pólvora sem fumaça e óxido de magnésio; uma camada fina de misto de ignição é posta sôbre a carga.
Características da nuvem:	— Branca para azul cinza, de vapor transparente, tendo um odor acre de frutas. Causa um efeito imediato lacrimogêneo em pessoas desprotegidas; não é tóxica, salvo em forte concentração; praticamente nenhum efeito obscurecente.
Tempo de combustão:	— 25 a 40 segundos (atinge o volume máximo depois da ignição, em 5 segundos); uma pequena corrente de vapor continua cêrca de 10 ou 15 minutos além.

GRANADA IRRITANTE CN — DM

Pêso carregada:	— 450 gramas
Forma:	— Cilíndrica
Dispositivo de segurança:	— Pino de segurança
Ignitor:	— Espoleta queimando M1
Carga:	— CN-DM, aproximadamente 285-gramas —misto de cloracetofenona e

Características da nuvem:

defenilaminaclorarsina, pólvora sem fumaça e óxido de magnésio. Uma camada fina de misto de ignição é posta sôbre a carga.

- Azul acinzentada para amarelo, com um odor forte de frutas. O cheiro da pólvora sem fumaça é também sensível. O vapor tem um efeito imediato lacrimogêneo e nauseante sôbre pessoal desprotegido e pode causar espirros e vômitos.
- De 25 a 40 segundos (atinge o volume máximo cêrca de 5 segundos após a ignição).

Tempo de combustão:

GRANADA DE MÃO FUMIGENA — HC

Pêso carregada:

- 800 gramas

Forma:

- Cilíndrica

Dispositivo de segurança:

- Pino de segurança

Ignitor:

- Espoleta queimando M1

Carga:

- HC (500 gramas) misto de hexacloreto de zinco, zinco pulverizado e óxido de zinco. Um misto de rápida combustão, carga de 600 gramas, é posto na parte superior do agente.

Características da nuvem:

- Fumaça branca de grande valor, obscurecendo, densa e não tóxica; em condições normais, a cortina estabelecida forma a obscuridade completa para uma distância de 100 metros na direção do vento.

Tempo de combustão:

- 3 minutos (necessita de 10 a 15 segundos para o funcionamento máximo).

O FUMO, êsse veneno lento...

(Continuação da página 61)

conseqüentemente as intestinais, produzindo o mesmo bem estar, porém, sem os inconvenientes do fumo.

Diante dos perigos que o fumo apresenta é que dispuzemos-nos a alinhavar estas linhas, com o objetivo já dito — alertar os desavisados e mesmo os recalcitrantes.

Todos aqueles que têm podido deixar de fumar, incontestavelmente, têm apresentado melhoras gerais dos males que até então vinham sofrendo e, com o objetivo da pregação da saúde do corpo, combatendo êsse vício elegante que é o veneno lento, aqui finalizamos.

Preservando o Passado

1.º ten. Monte Serrat Filho

Ninguém porá em dúvida seja o culto do passado o melhor e mais seguro caminho para a construção da grandeza das Instituições e da Pátria. É, o pretérito, repositório de atos de abnegação e desprendimento em benefício da coletividade, dos que nos precederam. É, pois, fonte vivificadora de civismo à qual os hodiernos se acercam sequiosos para sorverem a ninfa cristalina que possui a virtude de fazer os homens levantarem os olhos dos seus rasteiros interesses pessoais para os elevados destinos da nacionalidade.

Eis porque foi motivo de júbilo unânime, a resolução do Comando Geral da Fôrça de atribuir a um oficial, de reconhecida capacidade intelectual, a tarefa do levantamento histórico da Corporação criada pelo Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar. S. excia., em boletim geral, dirigiu um apêlo a todos os companheiros, principalmente aos já reformados, no sentido de que encaminhem à 2.ª secção do Q. G., publicações, fotografias ou narração de fatos inéditos que digam respeito ao nosso passado.

Comentando essa acertada resolução do alto comando da Fôrça, queremos, não apenas, por intermédio de MILITIA, ampliar o pedido de colaboração aos nossos camarads, mas principalmente juntar ainda outra voz ao côro que sou-

be, com justiça, aplaudir a inspirada e oportuna decisão do sr. cel. Jesus Zer-bini.

Sabemos que preocupação idêntica teve o nosso ex-comandante general Luiz Gaudie Ley, o qual, em 1941, nomeou cinco oficiais — caps. José Nogueira Sampaio, Virgílio de Azevedo, Ary Gomes e tens. Joaquim de Paula Soares e Oscar Paes Leme — para escreverem a história da Tropa de Piratininga. A missão foi levada a bom têrmo e os seus resultados constituem hoje valioso documentário, principalmente se considerarmos que dois incêndios, — em 1924 e em 1932 — reduziram a cinzas, preciosos arquivos do Quartel General.

Concitamos, pois, todos os milicianos a colaborarem nessa empreitada de consolidação do vetusto edifício, que, para nos receber, abriu pròdigamente seus amplos portais, e o qual temos a obrigação moral de transmitir maior e de bases mais sólidas, aos que nos vierem suceder.

Esse baluarte respeitável que já enfrentou altaneiro dias borrascosos e que pelo amor dos seus filhos há de continuar pelos tempos afora como bastião inabalável da segurança e da tranqüilidade da Família Bandeirante, é a Fôrça Pública.

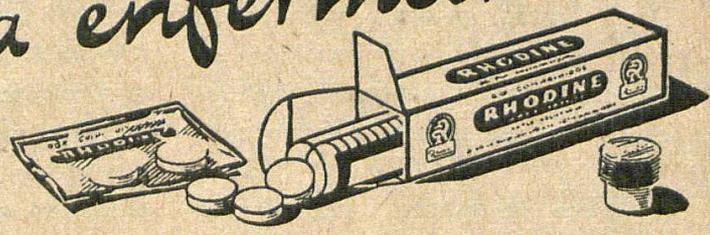
— :: —

“Árduo é o trabalho que se faz de má vontade”.



DÔR - GRIPE - RESFRIADOS
RHODINE
CAFEINADA

A boa enfermeira



O FUMO

êsse veneno lento

1.º ten. farm. Irani Paraná do Brasil

Muito se tem falado e escrito sôbre a ação nociva do fumo no organismo humano. Entretanto, nunca será em demasia voltarmos a tratar do assunto, considerando êsse mal, já profundamente arraigado em tôdas as camadas sociais e de difícil extermínio, para alertar os desavisados e também os recalcitrantes.

Os cigarros são feitos das folhas de planta pertencente à família das solanáceas, muito rica em alcalóides — *tabacum nicotiana* — vulgarmente chamada de folha de fumo.

Tabacum Nicotiana originária da América Tropical, cultivada e conhecida em todo o mundo, é, para nós, o veneno lento que vem produzindo tanto mal à humanidade.

Foram os espanhóis que introduziram, por ocasião do descobrimento da América, o uso do tabaco ou fumo como vício, o qual chegou até nossos tempos como uma herança maldita.

O nome de "tabagos" procede dos índios aborígenes do Peru, que foram os primeiros a enrolarem as folhas da "Planta que se fuma", legando-nos o vício e o nome de "cigarrillas" ou cigarros.

Desde então, o fumo vem sendo usado em diversos modos; enroladas as folhas em forma de charutos, cachimbos, cigarros e até mascar o fumo curtido.

Os fôros de planta ornamental, grangeados graças às suas belas flôres,

garantiram-lhe a sobrevivência na Europa, onde foi cultivada no jardim de Juan Nicot que, na qualidade de médico, recomendava seu uso como desinfetante externo e inseticida.

Mais tarde Linneo, prestando uma homenagem a Juan Nicot, lhe deu o nome de *Nicotiana*.

O fumo contém um alcaloide, a nicotina, que foi primeiramente isolada em forma impura pelo químico Vanguilin, em 1809; mais tarde Reymam e Passelet a obtiveram em estado de pureza, em 1898.

Em 1893 Pinner, descobriu sua constituição química (C10 H14 N2) e Pectet obteve-a, mais tarde, sinteticamente.

A nicotina apresenta-se isoladamente em forma líquida, incolor, levogira, exposta ao ar adquire uma coloração parda-escura, côr de tabaco. É muito solúvel em água, éter e alcool. Emite um odor peculiar e seu sabor é amargo, salino e quente. Além da nicotina, a folha de fumo contém outros alcalóides e elementos, como o alcatrão. Tanto farmacológica como toxicologicamente, a nicotina e o alcatrão são os mais ativos.

As folhas de fumo, ao natural, contém nicotina na proporção de 0,6 a 0,9% e, maceradas, ou melhor, submetidas a uma fermentação, como os fumos em corda, que conhecemos, contém aproximadamente de 0,2 a 0,4%.

AÇÃO DA NICOTINA

A nicotina é um tóxico geral das sinapses-junções dos neurônios que são células nervosas com seus prolongamentos, e que constituem todo o sistema nervoso. Age tóxicamente também nos gânglios, primeiro estimulando e depois paralizando.

Nos diversos órgãos age mais ou menos das maneiras seguintes:

— no **CORAÇÃO**: primeiro produz bradicardia (retardamento dos batimentos cardíacos), depois uma parada transitória do órgão, em consequência da paralisia do pneumogástrico (nervos cardíacos), restabelecendo espontaneamente;

— na **RESPIRAÇÃO**: produz dispnéa;

— nas **GLÂNDULAS**: (salivares, sudoríparas, bronquiais, gástricas, sexuais etc.), aumenta a atividade secretória e logo a inibe;

— na **CIRCULAÇÃO**: a princípio aparece hipotensão arterial (baixa da pressão) e depois hipertensão (aumento dos batimentos cardíacos);

— na **PUPILA**: primeiro estreita e depois dilata;

— no **ESTÔMAGO e INTESTINO**: em consequência da excitação, produz náuseas e vômitos, excitando o peristaltismo (movimentos dos intestinos) e finalmente diarreia;

— no **ÚTERO**: a ação da nicotina neste órgão é bastante complexa, dependendo do seu grau de excitabilidade;

— no **METABOLISMO**: dificulta a síntese e o desdobramento dos ácidos complexos dos tecidos, o que, em conexão com outras alterações metabólicas, ocasiona o aparecimento de sintomas próprios.

Pelo exposto vemos que os órgãos mais importantes do corpo humano são atacados pela nicotina, produzindo os sintomas de intoxicação pelo fumo.

Os efeitos do veneno dependem da dose e da sensibilidade do organismo, mas é certo que, depois de um determinado tempo, todos os fumantes apresentam sintomas de intoxicação. Os órgãos que acima citamos, são afetados muito lentamente, e, por isto, o veneno é chamado lento.

Devemos dizer quais os motivos que nos levaram a alinhar estas linhas.

Também tivemos o vício de fumar e não havia palavras nem conselhos que nos fizessem deixar o vício, até que, no Curso de Post-graduação, que hora fazemos na Faculdade de Farmácia e Odontologia da Universidade de São Paulo, destinado a farmacêuticos, tivemos a feliz oportunidade de nos aprofundarmos nos estudos da nicotina.

Só nos convencemos do perigo ao fazermos, sob a orientação do prof. Richard Wasick, catedrático de Farmacodinâmica do curso, a avaliação biológica da nicotina contida nos cigarros.

AVALIAÇÃO BIOLÓGICA DA NICOTINA NOS CIGARROS

Nos animais de laboratório, rãs, camundongos, coelhos, ratos, etc. observam-se a princípio, após a ingestão da nicotina extraída dos cigarros, uma forte agitação, secreção cutânea (suor) abundante, permanecendo depois imóveis em posição forçada característica da intoxicação pelo fumo. Sobrevém depois incontinência da urina e fezes, grande salivação, dispnéa e morte rápida.

Usamos para as nossas avaliações, camundongos sãos. Os resultados foram completos, positivando nestes animais os

sintomas descritos, inclusive morte rápida.

Fizemos avaliação da nicotina de diversas marcas de cigarros e todos êles produziram morte do animal, dentro de 2 a 3 minutos.

Foi usado um animal para cada cigarro e da seguinte forma:

- 1) em um funil de decantação de 200 cc. colocamos 100 cc. de ácido clorídrico, em solução, nele insuflamos a fumaça de um cigarro, agitando fortemente, repetindo-se a operação. É importante notar que os 2/3 finais do cigarro são os mais ricos em alcalóides;

- 2) conteúdo foi alcalinizado pelo amônia;

- 3) juntamos éter para extração da nicotina;

- 4) decantamos o éter separado;

- 5) evaporamos o éter a B.M. e recebemos o resíduo;

- 6) o resíduo é transformado em acetado de nicotina pela solução de ácido acético ao 0,5%.

Tratado o acetado de nicotina pelo reativo de Bouchardat constatada a presença da nicotina pela precipitação.

Injetando 1 cc. desta solução de acetado de nicotina no peritônio do camundongo, o animal sucumbiu minutos depois, com os sintomas das intoxicações nicotínicas.

Demonstramos com isso, praticamente, a ação venenosa da nicotina nos camundongos, o que nos autoriza a proclamá-la também tóxica para o homem, no qual os efeitos são lentos e de conseqüências futuras.

Disto tudo e pela sua ação farmacodinâmica no organismo humano, concluímos que o fumo é verdadeiramente um veneno lento.

Agindo do mesmo modo que nos animais, produz os mesmos sintomas, porém, graças à maior resistência do corpo humano, de uma forma longa e demorada, de conseqüências bastante funestas.

Pode causar moléstias graves, como o câncer, a tuberculose, a faringites, a laringite, a surdez, a hipertensão arterial, a fraqueza cerebral, a insônia, a fraqueza sexual, os tremores, a angina do peito e outras doenças mais.

Sobre o câncer e por ser muito oportuno, transcrevemos opiniões a respeito. Como sabemos, êste mal é produzido por várias causas, muitas das quais ainda desconhecidas.

Não sabemos mesmo se o câncer é produzido por uma bactéria ou parasita, nem se se trata de moléstia, mas é certo que as irritações produzem o câncer. Diz Roffo (diretor do Instituto de Med. Esp. de Buenos Ayres). "Os estudos modernos são a favor de que êle tem origem celular, por irritação, sendo êsse fato baseado em observações experimentais".

"Nos homens as estatísticas de todos os países demonstram maior porcentagem de cânceres, localizados nos lábios, na língua, nas gengivas e na laringe, enquanto que, nas mulheres, estas localizações são raras, isto por que no homem o fumo encontra maior adepto".

"O fumo produz a princípio pequenas lesões irritativas que se traduzem mais tarde, por placas leucoplásticas e por último em ulcerações cancerosas".

Carlos Gomes, o imortal compositor de "O GUARANY", morto há 50 anos, teve como causa-mortis um câncer, atribuído ao abuso do fumo, pois, como sabemos, estava sempre com charuto na boca, fato êste contado pela própria filha, em sua biografia.

Grandes são os perigos que o fumo, veneno lento, produz no organismo, provocando irritações, ao contacto do cigarro, do charuto e do cachimbo e mesmo, pela fumaça tóxica que dêle se desprende.

O prof. Elis Bervem (Impr. Méd. n.º 437/950), declara, "o câncer localizado na boca, é inerente das pessoas que fumam".

Machado Asland (Res. Med. Julho-Agosto 950), diz "o câncer da boca constitui doença da velhice e tem como principais fatores etiológicos o fumo, a sífilis e a má higiene bucal".

As intoxicações produzidas no homem pelo fumo, podem ser agudas ou crônicas. As agudas dependem somente da dose e sensibilidade do fumante. As crônicas, entretanto, dependem, em parte, de reiteradas excitações provocadas pelo fumo, produzindo paralisia das sinâpses.

Os sintomas concomitantes das intoxicações crônicas pela nicotina são observados pelos clínicos nos aparelhos circulatórios, sobretudo nos vasos coronários, cardíacos, em forma de angina do peito, esclerose coronária, etc., que agindo por descargas adrenálicas da cápsula supra-renal produz abundante secreção da mesma.

COMO SE EXPLICAM OS EFEITOS FARMACODINÂMICOS DO FUMO E O VÍCIO DE FUMAR?

Os fumantes alegam que se sentem bem e que não podem deixar de fumar, porque, fumando, apreciam melhor as comidas, as bebidas etc.

Parece, à primeira vista, que tudo isto obedece a um fator puramente psicológico; entretanto, não é certo.

Considerando a ação farmacodinâmica, atribuímos isto a uma série de possibilidades para explicar a causa.

Apesar da grande toxidez do alcalóide, o organismo humano chega a habituar-se a êle até certo ponto.

A observação demonstra que os distúrbios apresentados pelos fumantes logo desaparecem, para dar lugar a uma sensação de bem estar, satisfação e calma. O organismo viciado ao fumo, tem analogia com o que a contece aos morfínomanos, cocainómanos e alcoólatras.

Certas fibras do organismo humano são estimuladas pela ação da nicotina do fumo, ocasionando modificações da distribuição do sangue e o aumento da secreção das glândulas, dentre elas as salivares, digestivas e do intestino, concorrendo para uma excitação digestiva e dos movimentos intestinais.

As fibras adrenérgicas, estimuladas, desde os gânglios, aumentam a quantidade de adrenalina, elevando assim a tensão arterial, ativando o metabolismo dos hidrocarbonetos (açúcar), produzindo outros transtornos metabólicos, que têm ação excitativa, capaz de produzir irritação lesando os órgãos e, conseqüentemente, paralizzando-os completamente.

O organismo habituando-se a esta ação excitativa vicia o paciente, escravizando-o de tal maneira que só mesmo uma verdadeira fôrça de vontade pode libertá-lo.

Assim, quando não se tem a necessária fôrça de vontade para deixar o vício, de uma maneira mais brusca, deve-se procurar estimular estas fibras e órgãos viciados, procurando de uma forma branda desintoxicar o organismo, com substitutos inócuos, tais como bala de chupar ou de mascar (chiclets) etc. que, tendo ação mecânica, estimulam do mesmo modo as glândulas salivares e

(Continua à página 55)

Causas que influíram na derrota da Alemanha

II

Segundo declarações do Almirante Raeder (*)

A melhor oportunidade desperdiçada pela Alemanha foi, sem dúvida alguma, a invasão das Ilhas Britânicas durante o verão ou outono de 1940.

Alemães e estrangeiros, por igual, perguntam como foi que Hitler, que se aventurou a inciar tantas campanhas arriscadas, absteve-se de materializar essa idéia, que tem sido o sonho de todos os conquistadores durante os últimos oito séculos.

Nos círculos de opinião anglo-saxões parece prevalecer o critério de que não invadimos a Grã-Bretanha por causa de um invento dos Aliados, capaz de disseminar fogo sobre a superfície do oceano, ao longo da costa, e de destruir nossa frota e contingentes invasores. Isso não é certo, tanto Hitler como o Almirantado Alemão estavam perfeitamente informados do referido «invento» e posso assegurar que nunca nos causou a menor preocupação.

A informações dos nossos técnicos eram unânimes em afirmar que o artifício era de eficácia duvidosa. Por outro lado, se houvéssemos decidido invadir as ilhas, o temor de perecer queimados na travessia de Calais não nos teria fei-

to desistir do nosso propósito. Para ser mais explícito demonstrarei uma deficiência do dito «invento»: a mencionada arma de defesa teria sido praticamente inútil se no momento de pô-la em execução não houvesse podido determinar a direção do vento. Os ventos contrários poderiam ter impellido as chamas até as costas em vez de dirigi-las em direção da frota invasora; como até ao presente não há um artifício técnico que possa mudar a direção dos ventos, bastaria que escolhêssemos um dia ou uma noite em que o vento fôsse favorável para efetuar a invasão, e o tal invento do «mar de chamas» teria resultado inútil.

A verdadeira razão — nunca revelada — que nos induziu a não invadir as Ilhas Britânicas foi uma controvérsia entre Goering e eu. Recordo que apresentei uma informação a Hitler, declarando que não podia garantir o êxito da campanha de invasão a menos que tivesse completo domínio aéreo, o que implicava que pelo menos uma parte da Luftwaffe ficasse sob o comando do Almirantado. Goering negou-se categoricamente a pôr de parte a sua autoridade sobre qualquer contingente aéreo, por menor que fôsse. Hitler deu-lhe razão, porém, quando ambos

(*) — Transcrito da "Revista Militar Brasileira".

perceberam que eu não estava equivocado, era demasiado tarde para realizar o intento. A campanha de invasão teria que ser iniciada até meados de setembro mas não se havia feito nenhuma preparação aérea para a ocupação. A culpa cai exclusivamente sobre Goering que, ao final de contas, foi o responsável de que não prosseguíssemos com os nossos planos em questão.

A segunda oportunidade, em ordem de importância, que tivemos de ganhar a guerra, foi, na minha opinião, o desembarque Aliado nas costas da Normandia. Tínhamos uma segurança quase absoluta de nossa capacidade para repelir qualquer intento nesse sentido e se falhamos foi principalmente devido à falta de uma boa espionagem. Tínhamos conhecimento, por suposto, dos preparativos anglo-americanos no outro

lado do canal e sabíamos que os Aliados dispunham de meios artificiais para efetuar o desembarque; porém, faltavam-nos detalhes sobre esses meios e nunca imaginamos que se pudesse chegar a tal grau de perfeição.

Não há dúvida alguma que os ditos meios, perfeitamente pré-fabricados, se devem a rapidez e a feliz efetivação do desembarque Aliado. Considero que a invasão da Noruega, em abril de 1940, efetuada em um tempo mínimo, foi a façanha mais brilhante da marinha alemã durante a última guerra mundial, porém não podemos deixar de admitir que a invasão da França pelos Aliados em junho de 1944, foi ainda muito mais brilhante e admirável».

(Transcrito da Revista Militar Brasileira)

— :: —

A maior organização de Rádios, Refrigeração, Máquinas de Costura,
Bicicletas e Material Elétrico

Representantes e importadores de afamadas marcas americanas e européias

VENDAS EM 20 PRESTAÇÕES

RÁDIOS BELMONTE LTDA.

UM NOME — UMA TRADIÇÃO — UMA GARANTIA

Rua São Caetano, 315 — Fone 34-6038 — S. PAULO

Bilhetes a um Aspirante (1)

OITAVO BILHETE

APROVEITA DA INTIMIDADE DOS TEUS HOMENS

Há momentos propícios à confiança, em que as almas se rompem confiantes. Instantes de intimidade.

O exercício foi duro. A missão perigosa. Os soldados estão satisfeitos. Conhecem o prazer da tarefa dificilmente realizada e seus corações rebatem sonoramente, pois a fadiga repousa no dever cumprido. Pensam. Sentem anseio, que é nascimento, confiança, expansão, movimento para a luz. Todos se entregam a confissões.

Estas horas de transbordamento são preciosas. Aproveita-as, esclarecendo os teus subordinados sobre disciplina, conduta... Faze que se abram, deixando ver os sentimentos que embalam suas almas.

Sem a pretensão de criar ou reformar personalidades, faze que compreendam a necessidade da disciplina, os dolorosos sentimentos de um chefe forçado a reprimir e punir. Mostra-lhes "Sem disciplina não há exército. Sem exército, impossível vencer o inimigo, conservar a integridade da Pátria, mantê-la livre e soberana".

Demonstra-lhes a inabilidade da crítica, tão comum entre nós — "Um magistrado só pronuncia a sentença após ouvir o magistério público e a defesa. Procedendo de modo diferente é um mau juiz. Não julguem, meus camaradas, sem conhecer as razões que determinaram o procedimento dos chefes, que muitas vezes são obrigados a mantê-las em segredo. Aceitem, pois, confiantes as ordens dadas. Sejam lógicos, razoáveis".

Esforça-te por despertar, desenvolver em suas consciências a noção nítida contida nesta pequena palavra: DEVER.

(1) Os BILHETES foram extraídos da obra de Arthur Deloge — CONDUIRE LES HOMMES! (Nota do autor).

Um pensamento dentro da noite

Sargento Azarias de Oliveira

Noite imensa, horrivelmente fria.

Lá fora, um vento álgido e cortante açoita os arvoredos que, numa inquietação murmurante produzem u'a música estranha e esquisita — qual lamentação funéreo a provocar estremecimentos lúgubres.

Sob a superfície de um céu triste e escuro paira uma sensação de angústia e de tédio, cujo aspecto transmite à sensibilidade uma impressão constrangedora. Uma garoa penetrante e lacrimosa cai do céu despovoado de estrêlas, supliciando pobres criaturas, quase aniquiladas, sem abrigo e sem lar, tendo por berço as lages úmidas das calçadas, jogadas como coisa inútil, ao abandono das ruas adormecidas.

O negror da noite densa, o pesadelo das ruas solitárias e o silêncio que se eleva dentro do meu quarto, embalsamando a tristeza que acalenta os objetos imóveis, imprime na minha alma uma nostalgia funda que fala com suavidade melancólica, de muitas coisas lânguidas e de muitas coisas mortas. Nessa calma desoladora, pensamentos vários assaltam-me o espírito fazendo lembrar crianças esquecidas, que a estas horas choram ao relento, agonizando na morte lenta, sem um gesto de compaixão, um olhar de piedade. Inocentes seres humanos, vítimas do mundo inutilizado, que no limiar da existência são destinados a sorver a taça amarga do infortúnio.

Minha imaginação perscruta o interior dos palacetes para contrastar o conforto material onde o esplendor das lareiras constitue a poesia das noites glaciais, enquanto essas criaturas suportam pacientemente, a inclemência da garoa, do vento e do frio, sem uma palavra de conforto, sem um carinho que lhes amenize o sofrer.

Um vento mais forte agora agita as vidraças embaçadas; parece que tomou a resolução inexorável de torturar míseros corpos extenuados e combalidos. Todos os ruídos lá fora têm a característica de aflições humanas. Há um despertar de rumores e, dentro da solidão entorpecente, tudo se transfigura num cântico de pungentes máguas. Até o bulício das coisas inanimadas dá-me a impressão de lamentos aflitivos. Parece que alguém, com voz entrecortada, apela com carícias divinas — bordadas de preces ao céu que, contemplativo, o assiste enternecido.

O tic-tac persistente do relógio, companheiro de velhos anos, despertame dêsse marasmo. Pouco a pouco tento fugir ao ambiente martirizante que fustiga o íntimo.

A noite vai alta e no seio da escuridão reinante os dramas se sucedem enquanto êsses tristes pensamentos verberam minha alma, pungida do amargor e da tristeza pesada que se insinua silenciosa. Nas ruas carregadas de des-
(*Continua à página 76*)

O "DIA DA PÁTRIA"

na capital bandeirante

O memorável desfile do Anhangabaú



O Governador e os chefes das guarnições federais e estadual.

Mais uma vez a corporação criada pelo brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar comemorou condignamente a magna data nacional, o 7 de Setembro. Nas Unidades e Serviços sediados na capital e no interior, foram realizados desfiles, além das comemorações regulamentares nos pátios dos quartéis.

Entre os atos cívicos destacou-se a grande parada militar efetuada no vale do Anhangabaú, em que se apresentaram todos os Corpos do Exército e da Aeronáutica sediados

na Capital Bandeirante, unidades da Fôrça Pública e elementos da Guarda Civil e da Guarda Noturna.

Para abrilhantar o grande desfile a nossa Fôrça contribuiu com um destacamento, comandado pelo cel. Heliodoro T. da Rocha Marques, constituído das seguintes unidades: Centro de Formação e Aperfeiçoamento, Batalhão de Guardas, 1.º Batalhão de Caçadores, Batalhão Policial, Regimento de Cavalaria e Corpo de Bombeiros.



A Banda de Antão Fernandes precede o desfile da Fôrça Pública



Curso de Formação de Oficiais da Fôrça Pública





Batalhão de Guardas da Fôrça Pública.

O desfile, que foi encabeçado por uma formação de 500 ex-combatentes da FEB, foi comandado pelo general Honorato Pradel.

No palanque oficial encontravam-se ao lado do governador Lucas Nogueira Garcez, os governadores dos Estados de Paraná, Goiás e Mato Grosso, general Henrique D. Teixeira Lott, comandante da 2.^a Região Militar, brigadeiro Armando Ararigboia, comandante da 4.^a Zona Aérea, cel. Euriale de Jesus Zerbini, comandante da Fôrça Pública e outras altas autoridades civis, militares e eclesiásticas.

Uma multidão compácta, calculada em mais de duzentas mil pessoas,

postou-se de ambos os lados do vale de Anhangabaú e nos altos do Viaduto do Chá, aplaudindo entusiásticamente a tropa que desfilou. Sôbre o destacamento da Fôrça, caiu abundante chuva de flôres, atiradas pelas mãos de gentis patricias que se encontravam no Viaduto do Chá. Foi um grande dia para a nossa Corporação e, das Unidades componentes do destacamento comandado pelo cel. Heliodoro, nenhuma deve ser destacada, pois tôdas se impuseram à admiração da enorme assistência pela marcialidade e correção com que desfilaram. Os cliches que publicamos dão aspectos parciais da magnífica parada do dia da Pátria.



Polícia do Exército.



Corpo de Bombeiros da Fôrça Pública.

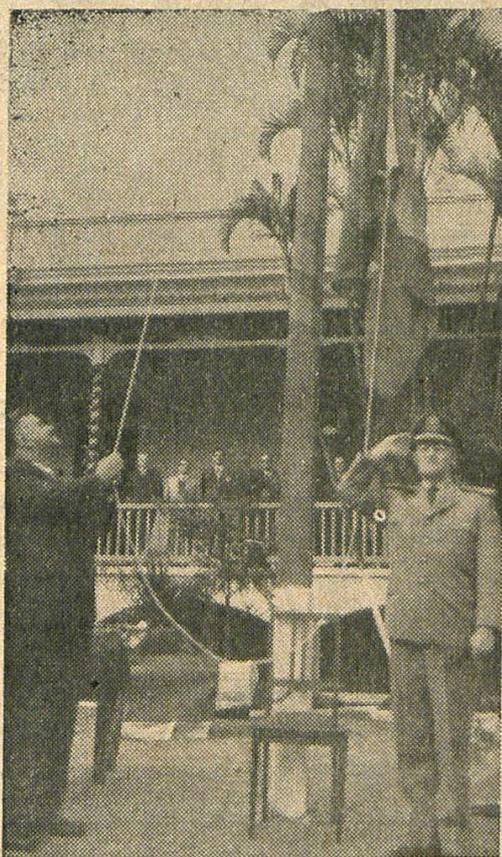


Ao alto, um aspecto da tribuna oficial e parte da compacta multidão que assistiu ao desfile; em baixo, os gen. Honorato Pradel e cel. Heliodoro T. da Rocha Marques, comandantes da tropa federal e estadual, respectivamente, em seus veículos-comando. Ao centro, passando a tropa em revista: governador Lucas Nogueira Garcez, General Teixeira Lott (2.a-RM), brigadeiro Ararigboia (4.a zona aérea) e coronel Jesus Zerbini (Fôrça Fúbrica).

O GOVERNADOR GARCEZ

Em visita à Fôrça Pública

Aniversário do B. G., que recebeu nova Bandeira, ofertada pelo Governador do Estado. — Inauguração dos retratos do gen. Salgado e do Professor Garcez



NO BATALHÃO DE GUARDAS
S. Excia. hasteando o Pavilhão Nacional

A Fôrça Pública do Estado recebeu, no dia 1.º de setembro a visita oficial do governador do Estado, professor Lucas Nogueira Garcez.

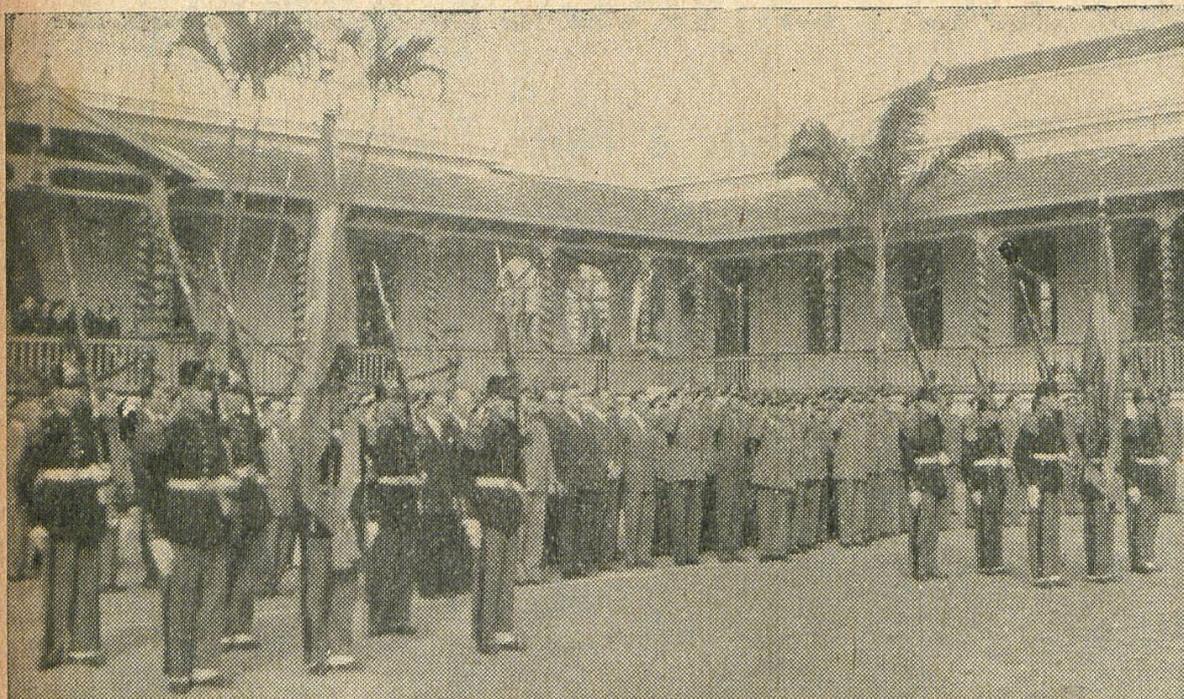
As 8,30 horas s. excia. acompanhado do secretário da Segurança

Pública, dr. Elpídio Reali, deu entrada no Q.G., sendo recebido pelo cel. Jesus Zerbini, comandantes de corpos e chefes de serviço e oficiais da guarnição da Capital. No salão nobre, o governador do Estado foi saudado pelo comandante geral que disse da satisfação que sentia a Fôrça Pública, em receber a mais alta autoridade do Estado, aproveitando o ensejo para externar que, mais do que nunca estava a corporação sob seu comando imbuída do espírito de lealmente servir o Estado a que pertence, porque assim estaria servindo o Brasil.

Respondendo, o sr. Governador afirmou que se sentia feliz em penetrar, pela primeira vez, como Governador do Estado, os muros dos quartéis, que já havia visitado como Secretário da Viação e que seu conhecimento e admiração pela milícia estadual datava do tempo em que, como estudante de engenharia, observava o trabalho diário por ela executado.

Em seguida foram-lhe apresentados os oficiais recém-promovidos, assim como todos os demais presentes.

Do Quartel General dirigiu-se s. excia. e comitiva para o Batalhão de



NO PATIO DO QUARTEL DO B.G.

Autoridades e convidados presentes, ao ato de substituição do Pavilhão Nacional.

Guardas, onde imponentes comemorações assinalaram a passagem do 15.º aniversário daquela unidade da F. Pública do Estado. Com a presença do governador do Estado, sr. Lucas Nogueira Garcez; do sr. Erlindo Salzano, vice-governador, e senhora dña. Eucarys Salzano; dos srs. Elpídio Reali, secretário da Segurança; Mário Beni, secretário da Fazenda; Cunha Lima, secretário do Trabalho; coronel Euryale de Jesus Zerbini, comandante da Fôrça Pública; ten. cel. Condeixa Filho, cap. Osvaldo Feliciano, representantes do Exército, da Marinha e da Aeronáutica, foi realizado no quartel da corporação extenso programa comemorativo à data.

Logo pela manhã, ali chegou o governador Lucas Nogueira Garcez.

Recebido pelo cel. Guilherme Rocha, comandante do Batalhão de Guardas, e oficialidade, foram prestadas, à

s. excia., no pátio do quartel, as contínuas de estilo. Em seguida, procedeu-se à cerimônia de hasteamento da Bandeira, pelo chefe do Executivo, após o que o cel. Guilherme Rocha leu o boletim comemorativo, de que destacamos estes trechos:

“Comandando esta brilhante unidade pelo espaço de dois anos e meio, bem conheço da sua capacidade de trabalho, de sua invejável disciplina e do ardor e elevação com que se tem desempenhado nas várias missões a ela atribuídas.

Nos seus quinze anos de existência a sua brilhante fé de ofício, está pontilhada dos mais honrosos conceitos, quer pela sua marcialidade dos momentos de gala, quer pela sua correta atuação nos momentos em que foi chamado, para atuar como unidade mantenedora da ordem e da lei.



NO QUARTEL GENERAL

Em baixo, o cel. Zerbini saúda o governador Garcez; ao alto, s. excia. respondendo à saudação

Na sua caserna, verdadeira forja de trabalho e de patriotismo os seus elementos se congregam, num todo homogêneo para, a execução da grande obra afeta à nossa corporação, tão bem conduzida pelo seu digno comandante geral, o exmo. sr. coronel Euriale de Jesus Zerbini.

Assim é que temos assistido às grandes reformas que se têm verificado neste quartel e ainda agora, neste memorável dia, s. excia., o governador do Estado, irá fazer entrega do Pavilhão Nacional que, tão gentilmente, houve por bem doar ao batalhão, como penhor de sua imperecível admiração e parti-

cular apreço à nossa unidade e à nossa querida Fôrça Pública.

O Batalhão de Guardas, por meu intermédio, agradece ao eminente governador tão preciosa dádiva, rogando a s. excia. que receba a certeza de sua eterna gratidão e que o mesmo pavilhão nos faça recordar sempre e cada vez mais a figura do estadista moderno que soe ser o ilustre chefe do Govêrno de nosso querido São Paulo.

Terminada a leitura do boletim comemorativo, o governador Lucas Nogueira Garcez, fez entrega do Pavilhão Nacional ao Batalhão de Guardas, exe-

cutando-se em seguida o Hino Nacional.

INAUGURAÇÃO DO RETRATO DO GOVERNADOR

Na sala do Comando do B.G. foi então realizada a cerimônia de inauguração do retrato do governador do Estado. Falando sobre o significado do ato, usou da palavra o cap. Walter José Hollatz Nogueira, dizendo:

Cabe-me, neste momento, a honrosa incumbência de saudar a v. excia., sr. governador, e agradecer a gentileza da sua presença nesta unidade, cujos componentes abrem os braços para recebê-lo, porque está em nosso coração o sentimento que nos dita essa atitude acolhedora do nosso afeto.

Tem, este ato tão singelo — srs. presentes — a mais alta expressão, qual seja a de inaugurar, na galeria de retratos do Batalhão, conforme determina uma ordem regulamentar, prevista no art. 52, § 1.º do RISG, o retrato do exmo. sr. Nogueira Garcez, chefe do Executivo estadual.

A simples silhueta original e típica e o simples nome, por si mesmo retumbante, dêsse homem de Estado, dêsse incansável lutador, dêsse tipo o mais perfeito e completo, evocam, por assim dizer, toda uma vida de trabalho, de atividade intensa em favor da gente bandeirante.

Vultos como Lucas Nogueira Garcez são motivo de orgulho para um povo. Ele é um benemérito de São Paulo e os seus governadores podem desde já lhe tributar as homenagens que e posteridade jamais lhe deixará de reconhecer... O perfil dos eleitos fica nas páginas da história.

Em seguida, sob aplausos gerais, a sra. Eucarys Salzano, espôsa do vice-

governador do Estado, descerrou a cobertura que envolvia o retrato.

HOMENAGEM À MEMÓRIA DO GENERAL JÚLIO MARCONDES SALGADO

Tocante homenagem foi prestada logo após, à memória do General Júlio Marcondes Salgado, constante da inauguração ali do seu retrato. Sobre a personalidade do grande soldado, falou o major Décio de Lima, sub-comandante do Batalhão, que pronunciou o discurso de que destacamos estes trechos:

Ao comemorarmos o XV aniversário do nosso tradicional e querido B.G., foi incluído no programa respectivo u'a homenagem deveras significativa para toda a F.P. — a inauguração do retrato do valoroso Gen. Júlio Marcondes Salgado, muito justamente consagrado como patrono desta Milícia.

O simples ato inaugural de um retrato, embora em recinto de quartel, nada diz da sua grandiosidade, magnificência, exaltação, si não recai em uma personagem histórica, política ou legendária, cujo culto e respeito deveremos reverenciar.

Batalhador incansável, Júlio Marcondes Salgado só cessou de lutar quando tombou, trágicamente no campo da luta, no cumprimento do dever, havendo deixado pelo caminho que trilhou em vida, um rastro luminoso a ser seguido por aqueles que, como ele, estão prontos a dar a própria vida por um ideal e pela Pátria.

Convidamos Da. Ofélia Marcondes Salgado a descerrar a bandeira paulista, que cobre o retrato do nosso patrono, tão glorioso, idealista e tão pranteado.

Da. Ofélia Marcondes Salgado, viuva do saudoso militar, foi então convidada a descerrar o retrato, e o fez sob forte emoção dos presentes.

No II Esq. Rec. Mec.

Oficiais promovidos oferecem
um churrasco de confraternização



Os maiores do E.B. Leocádio Rêgo Chaves e Sebastião Marcondes da Silva, recentemente promovidos, comemoraram o feliz acontecimento oferecendo um churrasco aos seus camaradas e amigos, no quartel do II Esq. Rec. A festa que deram os novos componentes do quadro de oficiais superiores compareceram al-

tas patentes militares e inúmeros civis da sociedade paulistana. Apresentamos dois aspectos da reunião, que contou com a presença do cel. Euriale de Jesus Zerbini, comandante geral da Fôrça Pública.

Aos promovidos, os parabens de «MILITIA».

—:—

“Maior produtividade, progresso, fartura e liberdade”.

Écos do Aniversário do 8.º B. C.

Aprova a Assembléia Legislativa do Estado, u'a Moção de Felicitações àquela unidade.

É o seguinte o teor da Moção que recebeu o n.º 84, de 1951:

“O 8.º Batalhão de Caçadores da Fôrça Pública, aquartelado em Campinas, completará a 8 do corrente o seu cinqüentenário de fundação. Foi êle criado em 1901, com a denominação de 3.º B.I. e teve como primeiro comandante o major Aires de Campos Castro, cuja memória é reverenciada com profundo respeito pelos que hoje integram a brilhante unidade policial. Portador de uma folha de serviços que honra a Fôrça Pública do Estado, o 8.º B.C. foi, não raro, chamado a cooperar com o glorioso Exército Nacional, na manutenção da ordem pública. Foi também notável a sua participação na Revolução de 32, quando os seus integrantes escreveram magníficas páginas de heroísmo, ainda hoje lembradas com res-

peito e admiração. Em seu meio centenário, de existência o 8.º B.C., tem percorrido uma senda de labor profundo de realizações, graças à lealdade e espírito de sacrifício, próprio do soldado paulista.

Ao ensejo da efeméride que se aproxima e que é particularmente grata para Campinas e à Fôrça Pública do Estado vimos apresentar esta Moção de Felicitações ao 8.º B.C., propondo seja oficiado aos Exmos. Srs. Comandante da Fôrça Pública e daquele Batalhão, transmitindo-se-lhes as congratulações da Assembléia Legislativa de São Paulo, pelo transcurso de tão magna data.

Sala das Sessões, 1.º de agosto de 1951

(aa) RUY DE ALMEIDA BARBOSA
RENÊ PENA CHAVES.

Um pensamento . . .

(Continuação da página 65)

prêzo, vultos indistintos se erguem e se projetam como visões cadavéricas. São os efeitos de minha sensibilidade cheia de pesar por aqueles que suportam o

maior dos sofrimentos e padecem resignados dentro da noite imensurável e densa a mais negra das angústias — a dor da miséria humana.

—

“Um homem vale pelo seu trabalho, um país pela sua produção”.

Posse da nova Diretoria da CASA DOS SARGENTOS



Os novos diretores da Casa do Sargento

A «CASA DO SARGENTO DE SÃO PAULO», comemorando solenemente a data nacional — DIA DA INDEPENDÊNCIA — fez realizar uma Sessão Mágnã, quando aproveitou a oportunidade para empossar os novéis gestores que administrarão a «CASA», no biênio 1951-53.

São os seguintes os elementos eleitos:—

Para o Conselho Deliberativo:

Sargentos Walter de Carvalho, André Avelino Brandão, Hildeth Carvalho Silveira, Décio de Araujo Franco, Ulysses Athayde Marcondes, Deomedes Ferreira, Antônio Marini e João Máia.

Para a Diretoria:

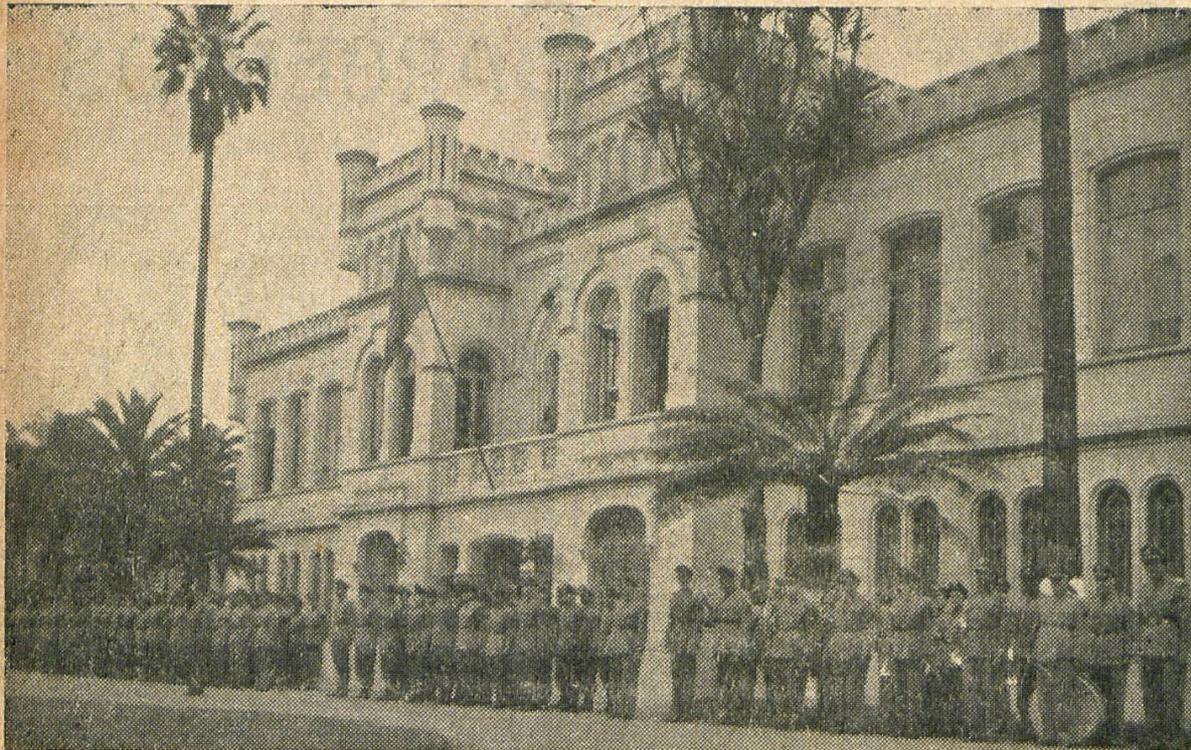
Sargentos Benedito de Mello, Agenor de Lacerda, José Carlos do Prado Altro, Jorge de Mello Furlaneto, Orlando de Jesus e Ernestino Mariano.

Para o Conselho Fiscal:

Sub-Ten. Waldomiro Dantas Cortez e Sargentos Ernani Cintra Brandão, Enestor Mikilita, José Silvino de Freitas, Jayme Lucas D'Avila e Silvano Fonseca Hernandorena.

Compareceram à solenidade, além de inúmeros associados, famílias e pessoas gradas, das quais destacamos os srs.:— cel. Milton Cezimbra, Chefe do E.M. da 2.a R.M.,
(Continua na página 79)

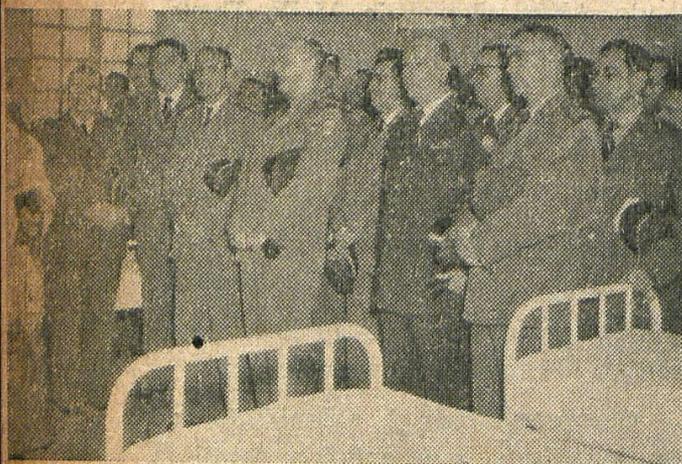
FÊZ ANOS O H.M.



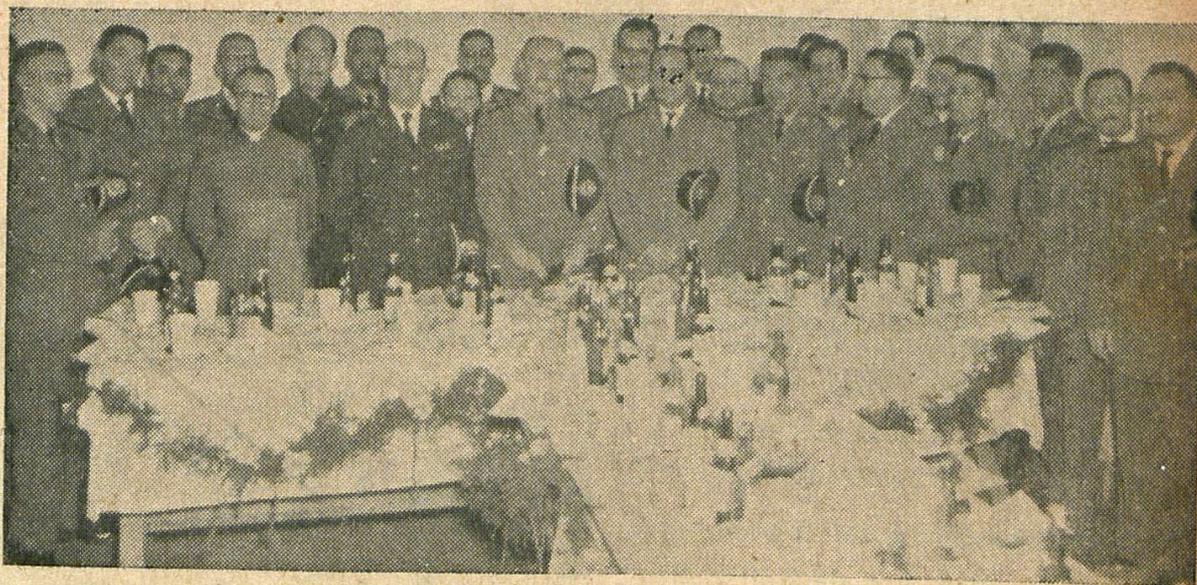
Fachada do H.M., tendo à frente, em linha, o seu pessoal técnico e administrativo.

Completo 59 anos o H.M. da Fôrça Fública, no dia 21 de setembro. Como parte do Serviço de Saúde o hospital da milícia bandeirante, vem prestando inestimáveis serviços à Fôrça e a São Paulo. Mesmo para fora do Estado tem transbordado sua humanitária missão, pois inúmeros membros de outras polícias procuram e obtêm internação em nosso hospital, melhor dotado que os de outros Estados.

Presta serviços continuamente, porém, seus momentos de esforço supremo sempre foram as revoluções e epidemias. Se a história de São Paulo, neste último meio século, registra



da enfermaria recém-inaugurada, pelo major honr Cavalheiro Freire, capelão militar da Fôrça Pública



Aspecto do coquetel oferecido às autoridades presentes.

uma página em que há sangue ou enfermidade em massa, ali está o H.M. com sua colaboração.

Esteve presente o sr. cel. Euriale de Jesus Zerbini, que foi recebido pelo cel. dr. Henrique Otávio Vespoli, Chefe do Serviço de Saúde da Força Pública.

Após o hasteamento da Bandeira e leitura do Boletim Comemorativo, o comandante geral cumprimentou

22 enfermeiros que concluíram o respectivo curso, que teve a duração de seis meses.

Integrou ainda as festividades a inauguração da nova terceira enfermaria dedicada à clínica cardiológica.

Como fêcho às solenidades os presentes foram deliciados com farta mesa de doces e coquetel.



Posse da nova Diretoria...

(Continuação da página 77)

representando o comando da 2.a Região Militar; cel. Aviador Alcides Moutinho Neiva, Chefe do E.M. da 4.a Z.Aé., representando o comando da 4.a Z. Aé.; Ten. cel. Rubens Teixeira Branco, representando o Cmt. Geral da Força Pública do Estado de São Paulo; dr. Cantídio N.

Sampaio, representando o sr. dr. Adhemar Pereira de Barros, presidente de Honra da «CASA»; ten. ceis. Náiro Villanova Madeira e Diderot Torriceli Ayres de Miranda; e outras autoridades militares e civis.

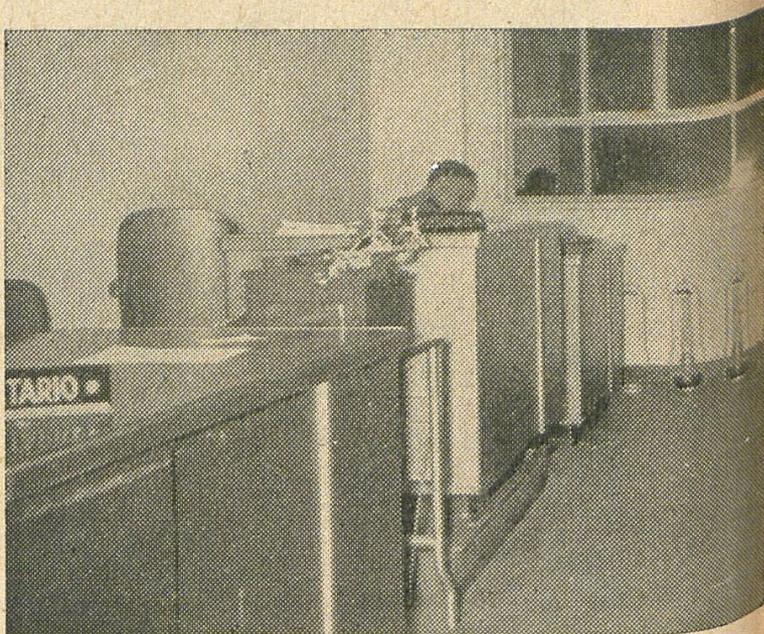
Centro Social dos Sargentos

INAUGURAÇÃO DE NOVA SÉDE SOCIAL

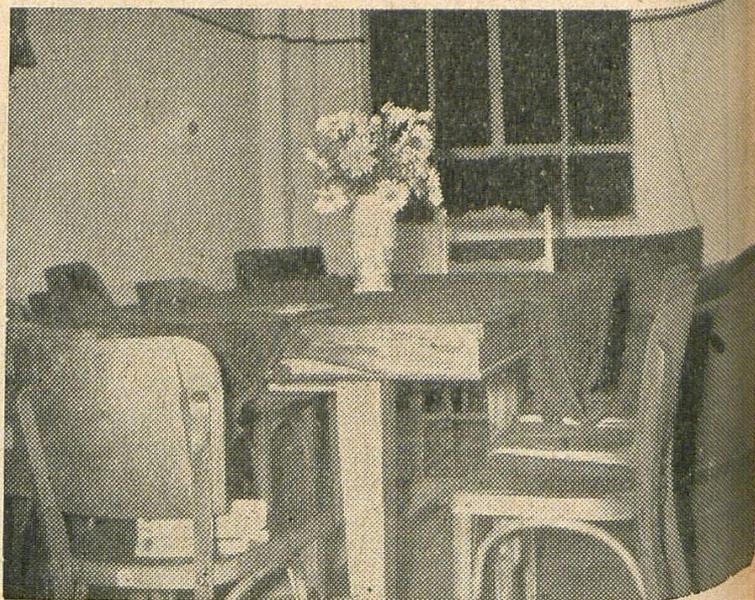
A 28 de julho do corrente ano, foi solenemente inaugurada a nova sede do Centro Social dos Sargentos, que passou a funcionar no 1.º andar do suntuoso edifício «Nemer», situado na rua Senador Queiroz, 312.

As festividades de inauguração, elaboradas pela sua dinâmica diretoria, deram motivo a entusiásticos elogios por parte da numerosa e brilhante assistência que, desde as primeiras horas da noite, enchia os amplos salões daquela entidade social.

As vinte e uma horas foi aberta a sessão, pelo presidente em exercício, sgt. José Antunes, que após saudar os presentes, convidou o sr. cel. Euryale de Jesus Zerbini para assumir a presidência da mesa encarregada dos trabalhos inaugurais. Depois de ouvir-se um dos associados, agradecendo a presença das autoridades, exmas. famílias e demais convidados, assumiu a tribuna o cel. Zerbini que, num eloqüente improviso, disse da satisfação que sentia em inaugurar a nova sede dos sargentos sob seu comando. Concluindo sua brilhante oração fez votos pela felicidade da associação, dos associados e



Sala da Diretoria



Sala de recepção

suas respectivas famílias, crendo que, neste novo ambiente, abriam-se novos rumos em prol do fortalecimento das amizades, dentro dos princípios da ordem, da disciplina, da paz, da união, para gáudio da Fôrça Pública. Em seguida s. excia. deu por inaugurada a sede, após o que foi oferecido às autoridades e convidados um «cocktail».

Entre as autoridades presentes, além do cel. Zerbini, destacaram-se: João de Oliveira Melo, Chefe do E.M., Sebastião do Amaral, presidente do T.J.M., Odilon Aquino de Oliveira, presidente do Clube Militar; ten.-cel. Aquiles Montes, representando o comando da 2.a Região Militar; cap. Adauto Fernandes de Andrade, representando o Vice-Governador do Estado; majores Cantídio Nogueira Sampaio e José Porfírio da Paz, Deputado Estadual; professor Emanuel Maroldo, pertencente ao Clube Militar da Fôrça; cap. Bento de Barros Ferraz, representando o sr. Secretário da Educação; Ten. Benedito Lagonegro, representando o sr. Desembargador Presidente do Tribunal de Justiça do Estado, representante do dr. Moraes Novais e diversas delegações de sargentos dos batalhões sediados no interior do Estado.

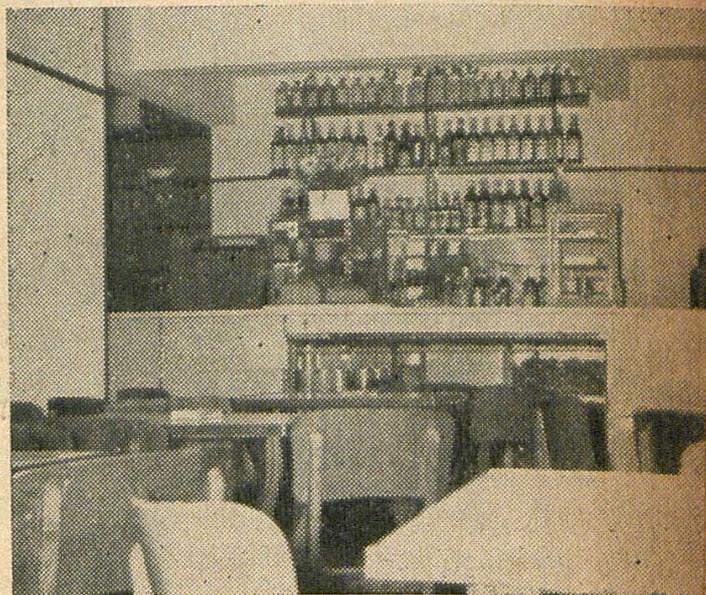
Finda a cerimônia, foi realizado um grandioso «show» por diversos artistas do «cast» da Rádio Tupi de São Paulo, os quais foram delirantemente aplaudidos pela assis-



Sala para Senhoras

tência, que superlotava o auditório do C.S.S.

Coroando as festividades teve início animadíssimo baile que se pro-



Bar

longou até às quatro horas da manhã do dia seguinte, encerrando festivamente a inauguração da cnfortável sede social dos Sargentos da nossa Fôrça Pública.

Manutenção e Emprêgo de Material Automóvel

Aula inaugural do Curso, no R. C.



Oficiais alunos do Curso de Manutenção e Emprêgo de Material Automóvel

No salão de conferências do Regimento de Cavalaria da Fôrça Pública, dia 23 de julho, foi dada, pelo major Romeu de Carvalho Pereira, a aula inaugural do «Curso Rápido de Manutenção e Emprêgo de Material Automóvel», que versou sobre a evolução do veículo, hoje universalmente utilizado pelo homem moderno.

Estiveram presentes à solenidade, além dos ceis. Euryale de Jesus

Zerbini, Comandante Geral, Ribamar de Miranda, Diretor Geral da Instrução, Cândio Bravo, comandante do R.C., Jayme Bueno de Camargo, chefe do S.T.M. e outros oficiais superiores da Corporação.

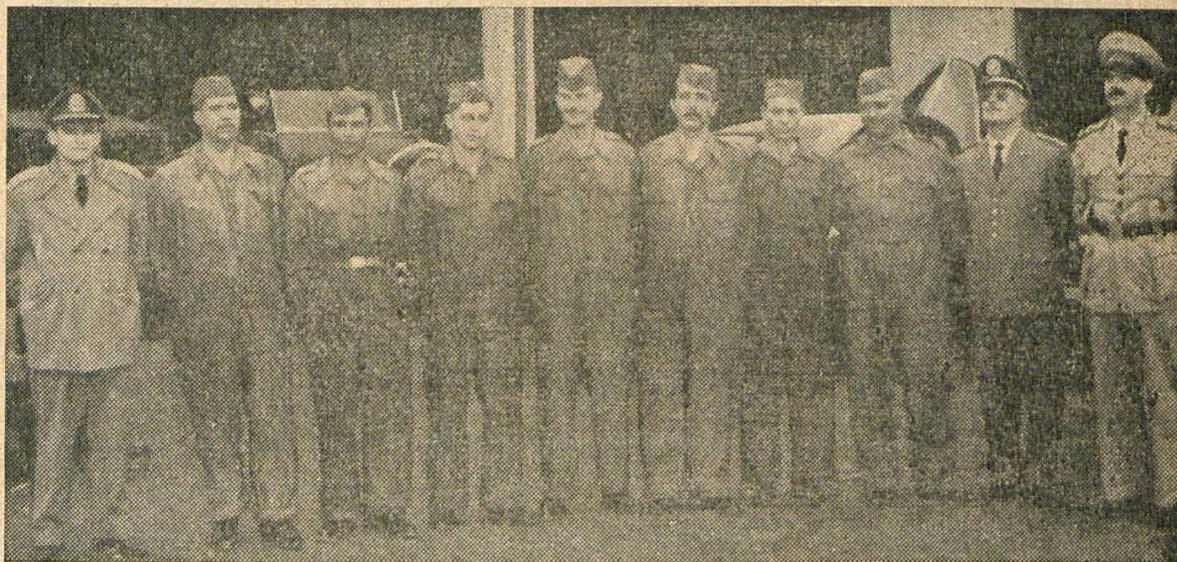
Discorreu brevemente sobre as finalidades do curso prestes a ser iniciado, o cel. Ribamar do Amorim, passando em seguida a palavra ao major Romeu de Carvalho. Este historiou a evolução do automóvel, par-

tindo da tentativa de Isaac Newton, no ano de 1680, ao construir u'a máquina provida de caldeira fornecendo jactos de vapor em comunicação com as rodas trazeiras. Depois recordou o processo do holandês Christian Huyghens que inventou um processo de combustão interna pela pólvora. Esclareceu que o crédito da construção de um legítimo veículo de propulsão, para uso nas estradas, é devido ao engenheiro militar francês, Nicolas Joseph Cugnot, que, em 1763 e 1769. construiu dois carros movidos a va-

pregado com sucesso em operações militares.

INSTRUTORES E ALUNOS

O major Romeu, que também é instrutor de «Técnica Automóvel e Suprimentos», tem como auxiliares os seguintes instrutores e monitores: cap. Hamilton Rangel Gama — «Transportes e Circulação, e Conduta Automóvel»; Ten. Eduardo da Conceição Cordeiro — «Manobras de Fôrça»; engenheiro Gurgel de Saint'Clair — «Técnica de Oficina»; engenheiro Luiz Boni —



Oficiais alunos de outras polícias militares e das Guarda Civil e Guarda Noturna de São Paulo.

por, destinados a substituir os cavalos na artilharia.

Após enumerar as sucessivas conquistas na evolução do automóvel, através dos séculos XVIII e XIX, citou as principais indústrias que se desenvolveram na Europa e nos Estados Unidos da América do Norte depois do emprêgo dos motores a gasolina — finalizando por um estudo do jipe, modernamente em-

«Manipulação»; subtenentes Carmine de Angelis, Francisco Cardoso, Ubirajara de Oliveira, José Barbosa e o ficharista 2.º Sargento Amauri de Carvalho Pereira.

As matérias enumeradas compreendem: trabalho de oficina em viaturas em estudos; estudo da maneira racional de emprêgo das viaturas, individual ou coletivamente;

disciplina em combôio ou em viaturas isoladas e rede rodoviária do Estado; confecção de peças de substituição, em tôrnos, frezas, plainas, etc.; maneira racional de distribuição das unidades, peças, subconjuntos, conjuntos, pneus, baterias, etc.; operações com guinchos, carros de socorros, bombas de bombeiros, escadas e grupos de eletrogênios e socorros de viaturas em ruas ou estradas; e preparação de motoristas para as quatro centenas de viaturas automóveis que possui a Fôrça Pública

O CURSO

O curso que será ministrado nas dependências do Serviço de Transportes e Manutenção, conta com de-irmã.

zoito alunos, dos quais quatro da Polícia Militar do Paraná, um da P.M. do Estado de Sergipe, um da Guarda Civil, dois da Guarda Noturna, e onze oficiais da Fôrça Pública, e terá a duração de doze semanas, com um período de aulas de oito horas, com uma hora para almoço.

Os colegas do Paraná que se encontram entre nós cursando o C.R.M.E.M.A. — cap. Washington Honório de Moura Brasil, 1.º ten. Mário Cursino Dias Parede, 2.º tens. José Scheleder Junior e Carlos Dondeo Junior — estão destinados a constituir o núcleo da futura Companhia Motorizada daquela co-



Comércio e Indústrias Arguiso Ltda.

FORNECEDORES DA FÔRÇA PÚBLICA,
EXÉRCITO E REPARTIÇÕES PÚBLICAS

Rua Duque de Caxias, 144

Caixa Postal, 4062

Fone 36-2397

— End. Teleg. «ARGUIISO»

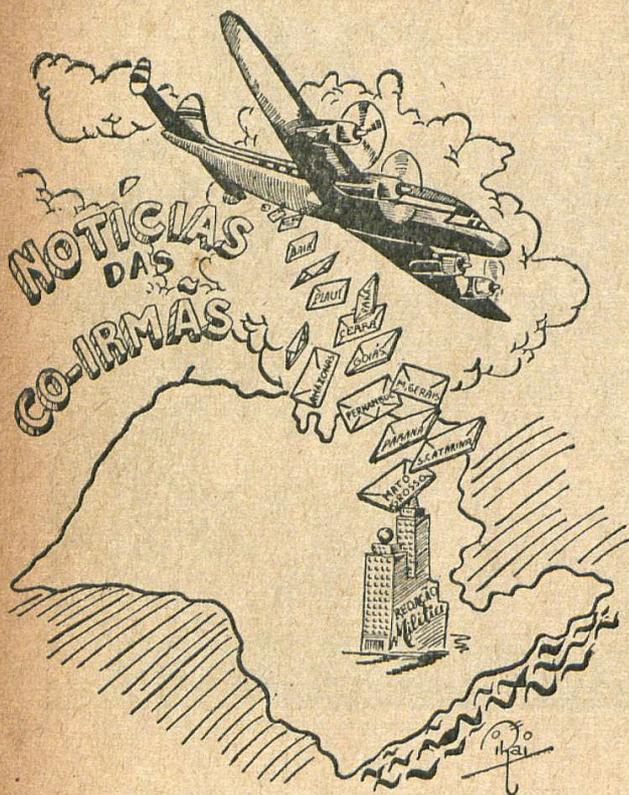
— SÃO PAULO



Baile da Primavera

Esteve muito animada a reunião dansante que o Clube Militar promove anualmente, assinalando o início da estação das flôres. "MILITIA" esteve no Clube Homs e ali focalizou os aspectos que aqui apresenta aos seus leitores.





Ceará

Promoção de oficiais

Por decreto do sr. governador do Estado, de 12 de outubro, foi promovido ao posto de major e transferido para a reserva remunerada, o cap. Alfredo Dias da Cruz, que serviu nesta P.M. por mais de trinta anos, tendo galgado, à custa de seus esforços, todos os degraus da hierarquia militar.

Parada de 7 de setembro

O general Edgardino de Azevedo Pinta, comandante da guarnição Federal de Fortaleza, em boletim regional, consignou o seguinte elogio, abrangendo a P.M. do Ceará:

"Este comando tem a satisfação de externar à guarnição de Fortaleza a sua ótima impressão sobre os resultados obtidos na parada militar de 7 de Setembro. A preparação, organização

e execução da revista e do destile, decorreram na mais perfeita ordem, concorrendo, deste modo, para que o público e as autoridades presentes tivessem impressão justa e prova efetiva do grau de instrução, da disciplina, do entusiasmo e do contentamento que reina no seio da tropa".

Comando da Polícia Militar

Deixou o comando da Polícia Militar, no dia 20 de setembro, o cel. Abelardo Rodrigues, que passou à disposição do sr. governador do Estado. Assumiu aquelas funções, acumulativamente com as de Secretário de Polícia e Segurança Pública, o cel. Aldenor da Silva Maia.

Novos vencimentos para a P.M.

Autorizado pela Lei n.º 1080-51, o governador do Estado baixou a seguinte tabela de vencimentos:

Coronel	Cr\$ 5.400,00
Ten. cel.	4.500,00
Major	3.900,00
Capitão	3.250,00
1.º ten.	2.700,00
2.º ten.	2.160,00
Asp. a of.	Cr\$ 1.600,00
Subten.	1.550,00
1.º sgt.	1.140,00
2.º sgt.	1.035,00
3.º sgt.	950,00
Cabo mus.	720,00
Cabo	480,00
Sd. corneteiro	360,00
Sd.	330,00

Nomeação de Delegado Regional

Foi nomeado delegado da 3.ª Região Policial, o cap. José Silvino da Silva.

Espírito Santo

Lemos na «A GAZETA», de Vitória que, por ocasião da passagem do Dia do Soldado, durante as solenidades cívicas promovidas pelas autoridades municipais de Itapoama, foi entregue ao soldado Delecardino Wanzeler, do destacamento local, uma placa de prata contendo a seguinte dedicatória: «Ao soldado Delecardino Wanzeler, tributo de gratidão do povo de Itapoama, 25 de agosto de 1951». Usou da palavra no ato da entrega da placa, pelo Prefeito Municipal da localidade, o farmacêutico Clecínio Barcelos, que disse da razão da homenagem, justificada pela conduta exemplar do brioso militar que a recebia. O sr. Clecínio Barcelos, ao terminar a sua oração, solicitou ao sr. Prefeito Municipal para fazer a entrega da placa a Delecardino. Nêsse momento ouviu-se uma estrondosa salva de palmas.

O soldado Delecardino em poucas palavras apresentou os seus agradecimentos pela homenagem que acabava de receber.

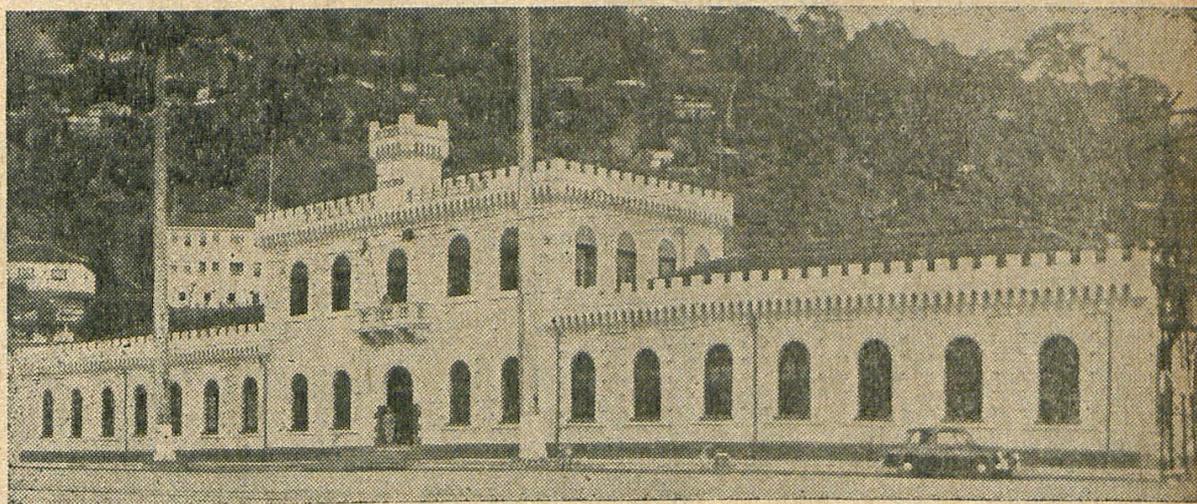
Falou, ainda, em nome do sr. Dorgilio Paixão — Delegado Municipal, o sr. Miguel Hermerly Elias, que agradeceu, em seu nome, aos que, em boa hora, tiveram a lembrança de homenagear o soldado Delecardino; frizou que tal iniciativa,



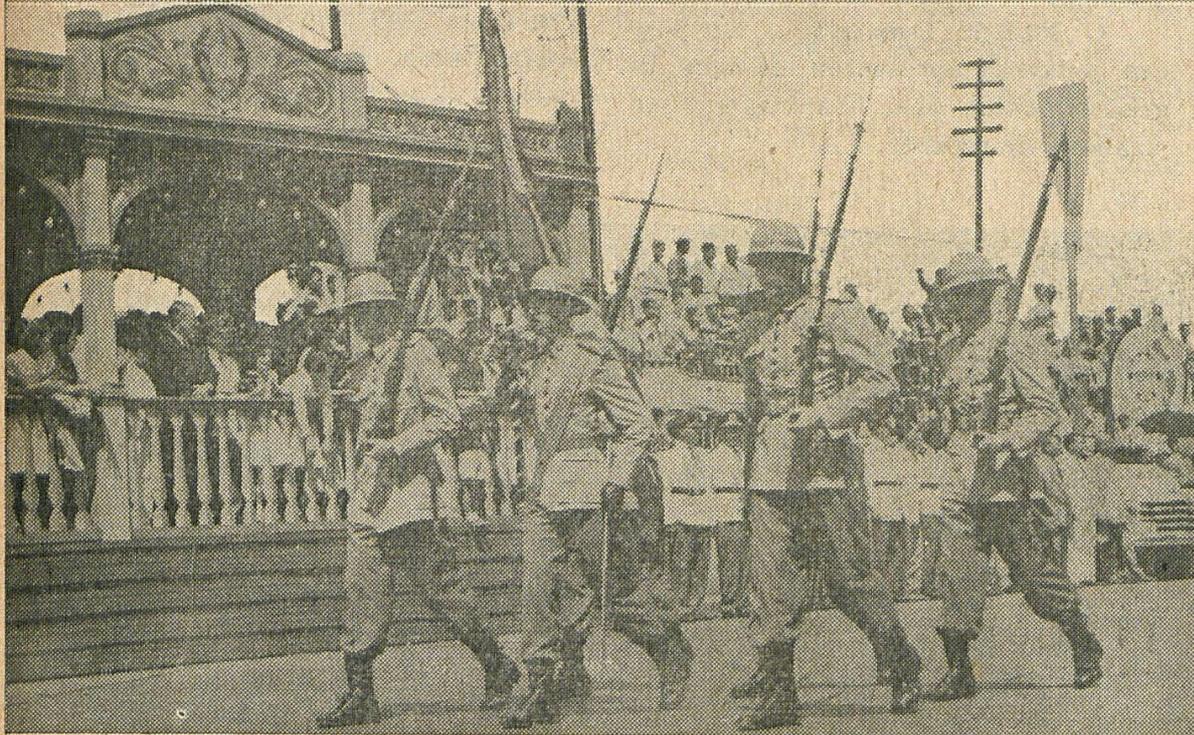
Nosso operoso representante na Polícia Militar do Estado do Espírito Santo, 1.º ten. Alfredo P. Barroca

talvez inédita não só no Estado como no Brasil, servirá de estímulo às demais praças para se dedicarem, com mais amôr, ao cumprimento de seus deveres.

Tal gesto do povo de Itapoama, homenageando em solenidade públi-



Fachada do Quartel da Polícia Militar



ECOS DOS FESTEJOS DO IV CENTENARIO DE VITÓRIA

Ao alto e ao centro, as bandas de música e de corneteiros e tambores da Polícia Militar, desfilando; em baixo, a guarda de honra da Bandeira, conduzida pelo ten. Alceu Junger Vieira

cão o humilde policial que ali serve com dignidade e brio não nos surpreendeu, conhecido o carinho dispensado pelo povo capichaba à sua Polícia Militar.

Ainda recentemente, por ocasião das festas do IV Centenário da cidade de Vitória, um nosso companheiro de trabalho, que por ali passou teve oportunidade de observar um vistoso cartaz colocado no gradil do cais de desembarque, em frente ao Palácio Presidencial, no qual se destacava um soldado da Fôrça Espiritossantense, com os seguintes dizeres ao lado:

«Nossos agradecimentos à Polícia Militar, única responsável pela nossa tranqüilidade, mesmo com sacrifício da própria vida. Homenagem de seus admiradores»

Elogio de praças

Foram elogiados pelo comando da P.M. os soldados Gentil José Marcelino e Osmar Maia, por terem se distinguido de maneira brilhante no cumprimento do dever. Procurando efetuar a prisão de perigosíssimo «fora da lei», na localidade de Piasu, o primeiro dêles, já em meio a intenso tiroteio, e quando sua arma havia emperrado, vendo que o o criminoso procurava evadir-se, a êle se atirou, conseguindo dominá-lo e desarmá-lo, efetuando a sua prisão. Constatou-se então que Gentil estava com as vestes rotas e ferido por bala na altura do peito. Gesto louvabilíssimo êste, que significa alta compreensão do cumprimento do dever e serve de exemplo a todos seus camaradas.

Curso de Aperfeiçoamento de Sargentos

Por conclusão do período foi encerrado êste curso, com a aprovação dos seguintes elementos: sub-tens. Misael A. Lacerda, Miguel Mota, Agenor T. Mota, Domingos C. Rocha, João S. Matos, Ariston Estevam, Antônio F. Silva, Lauro R. Junqueira, Manoel Matias e Francisco O. Silva; e 1.ºs sargentos Camilo Cosme, João F. Filho, Cesar P. Machado, Perilo J. Santos e Antônio F. Prata.

Goiás

Comissão de Intercâmbio

O comando da milícia goiana nomeou, para constituir a Comissão de Intercâmbio Pró Federalização das Polícias Militares, os seguintes oficiais: major Odenir Barbosa Guimarães, 1.º ten. Antonio Bonfim dos Santos e 2.º ten. Mauro de Freitas Corrêa.

A Comissão em apreço entrou imediatamente em atividade, dirigindo circular a tôdas corporações congêneres do País, articulando um congresso da classe, que se realizaria na Capital Federal ou em outro estado mais indicado.

Delegacia Especial de Polícia de Goiânia

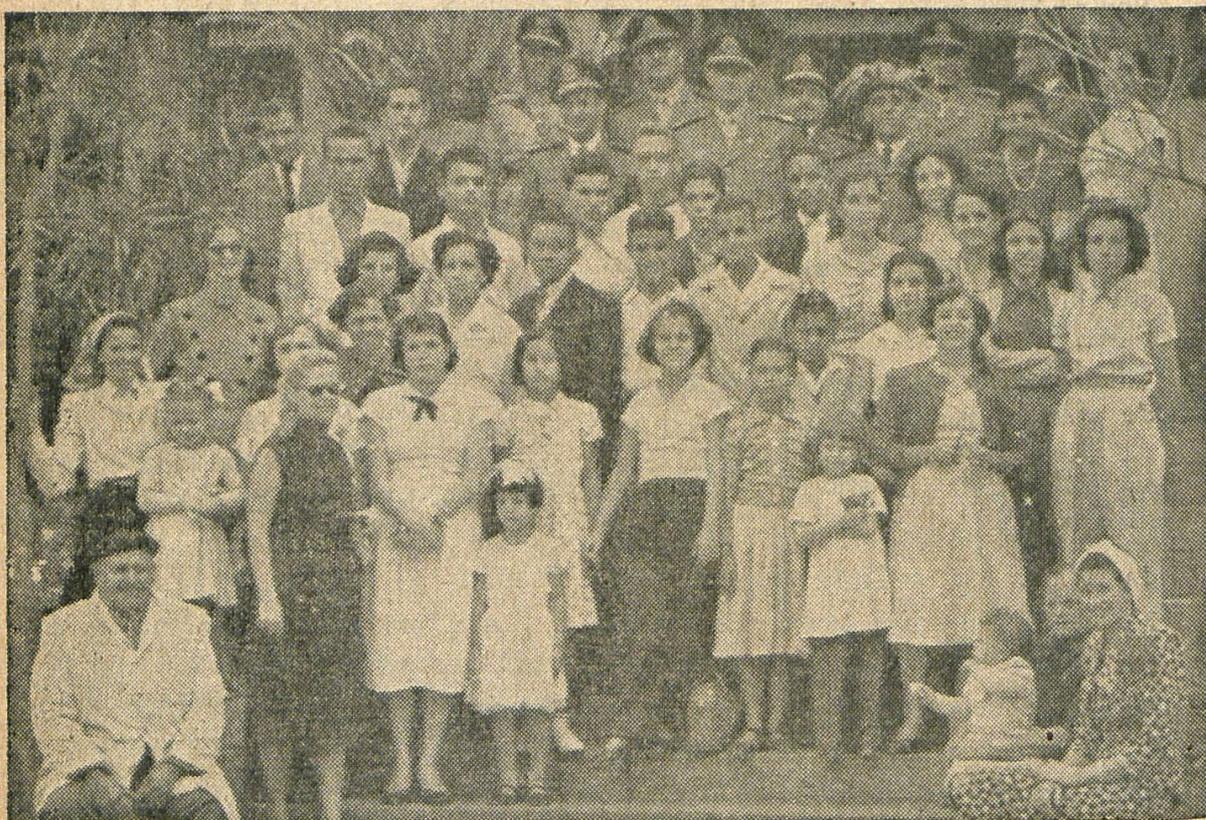
O sr. governador do Estado, atendendo ao que solicitou o 2.º ten. Mauro de Freitas Corrêa, concedeu a exoneração dêste oficial, do cargo de Delegado Especial de Polícia do município da capital goiana, em cujo posto se achava desde fevereiro dêste ano. Para substituir o ten. Freitas Corrêa foi designado o seu colega 2.º ten. Luiz de Freitas Silveira.

Rio de Janeiro

Praça de Desportos Gerardo Lemos

Realizou-se, no dia 16 do corrente, no «Monumento Rodoviário», Estrada do Rio — São Paulo, um coquetel, oferecido ao Departamento Feminino do Clube dos Oficiais da Polícia Militar, pela senhora Regina

de foi recebida festivamente pelo povo, tendo o sr. cel. Comandante Geral inaugurado, solenemente, a sala «Tenente Laurênio de Azevedo», fazendo uso da palavra, o professor Lourival Gomes de Andrade, que exaltou as qualidades do referido oficial, falecido em combate, quando o 1.º B.C. desta Corporação penetrou na Vila



NO MONUMENTO RODOVIÁRIO RIO-SÃO PAULO

Excursão do Departamento Feminino do Clube dos Oficiais da Polícia Militar

Sampaio Júnior, digníssima esposa do ten. Sampaio, num ambiente de franca e sã cordialidade, contando com a presença do Comando Geral, vários oficiais, famílias e demais pessoas gradas.

Minutos após a elegante reunião, a comitiva partiu com destino à 1.ª Cia., sediada em Barra do Piraí, on-

Mariana, na capital de São Paulo, por ocasião da revolução de 1924. Em seguida o representante do prefeito local descerrou a bandeira que cobria a placa da Praça de Desportos «Gerardo Lemos do Amaral», dando-se a mesma por inaugurada, fazendo, nesta ocasião, o Comandante Geral, um belo e curto improviso,



ATIVIDADES ESPORTIVAS DO CLUBE DOS OFICIAIS

1.º "Six" do Departamento Feminino: Armandina, Jocelina, Florise, Rovena, Laís e Irene. — Reservas: Marlene e Jacira.

agradecendo, sensibilizado, a surpresa que lhe fizeram os seus comandados, numa evidente demonstração do quanto prezam o ilustre chefe e propugnador dos desportos na Corporação.

Prosseguindo as solenidades desfilaram garbosamente as jovens integrantes das equipes do D.F., do Clube dos Oficiais e da Escola Nossa Senhora Medianeira, de Barra do Piraí, tendo à frente o seu técnico, senhorinha Leny Paranhos, seguidas das equipes masculinas de basquete e voleibol dos Clube Central, Escola

Henrique Goulart e sargentos da Polícia Militar.

A nota de realce nas festividades foi dada pelo encontro aguerrido das equipes femininas, que brilharam pelo ardor com que disputaram a renhida partida.

A torcida, que literalmente ocupava a Praça de Desportos, vibrou pelo entusiasmo e esforço dispendidos pelas jovens atletas dos quadros femininos, sagrando-se vencedora a equipe da Escola N. Senhora Medianeira, pelo merecido «score» de 2 x 1. A equipe do Dep. Feminino

do Clube dos Oficiais, apesar de ter sido vencida, não decepcionou a sua animada torcida que, ao reconhecer a derrota, retirou-se bem impressionada com a estréia do seu aguerrido quadro, que soube enfrentar uma equipe forte, à vista de uma multidão que para ali fôra atraída para assistir às pugnas desportivas.

Rio Grande do Sul

O Comando da Guarnição Federal de Santa Maria visitou o Regimento Pilar, da Brigada Militar.

Esteve em visita de cortesia ao Regimento Pilar, sediado em Santa Maria, o gen. Osvino Ferreira Alves, comandante da guarnição federal daquela cidade.

Após as continências regulamentares, prestadas por um esquadrão sob o comando do cap. Jardini Tombesi, foi o gen. Osvino recepcionado no salão nobre do Regimento, pelo comando e sua oficialidade, ocasião em que foi saudado pelo ten. cel. Dormelindo.

Agradecendo, disse sua excia., da satisfação que sentia, em rever os velhos camaradas da Brigada Militar, pertencentes ao Regimento Pilar, e que era motivo de imenso júbilo para si, contar entre seus comandados, com a briosa oficialidade e praças do R.C., do qual é um velho amigo e admirador. Em seguida manifestou o desejo de conhecer as várias dependências do quartel, as quais lhe foram mostradas, tendo se mostrado encantado com o asseio e excelente aspecto da conservação dos diferentes Esquadrões. Ao despedir-se cumprimentou o comando do regimento, pelo garbo e marcialidade

da tropa que lhe prestou continências.

Visita de Cortesia

No dia 18 de agosto, estive no Q.G., em visita de cortesia à Brigada Militar, o cel. E. Buchalet, do Exército Francês, adido militar à Embaixada de seu país, no Rio de Janeiro.

Recebido à entrada do Quartel pelo Chefe do E.M., foi s. s. introduzido no salão de Honra, onde o aguardava o Comandante Geral e a oficialidade do Q.G., aqui mantendo cordial palestra com o comando e oficiais, durante alguns momentos.

O comando, dizendo-lhe da satisfação com que a Brigada Militar recebia sua visita, manifestou-lhe o pesar que sentia em não ser ela mais prolongada para que, numa visita aos Corpos e Estabelecimentos e num contacto mais íntimo com a nossa oficialidade, pudesse s. s. sentir bem a nossa admiração pelo Exército Francês e pela sua Pátria.

S. s. agradeceu, dizendo ser um grande admirador do Brasil, onde tem vivido por longos anos; tinha tido magnífica impressão de nossa tropa e prometia voltar com mais tempo para ter o prazer de uma visita mais demorada à Brigada Militar.

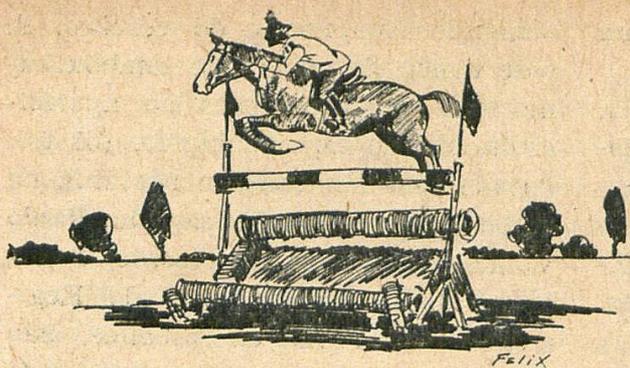
Professor de Educação Física

Foi designado, pelo govêrno estadual, para professor de educação física da Escola Normal «Osvaldo Aranha», de Alegrete, o ten. Pedro Celeny S. Pires Garcia.

Diárias de diligência

Comandante Geral Cr\$ 120,00
Oficiais superiores Cr\$ 100,00

(Continua na página 96)



ATIVIDADES HÍPICAS DO R.C.

PROVAS INTERNAS

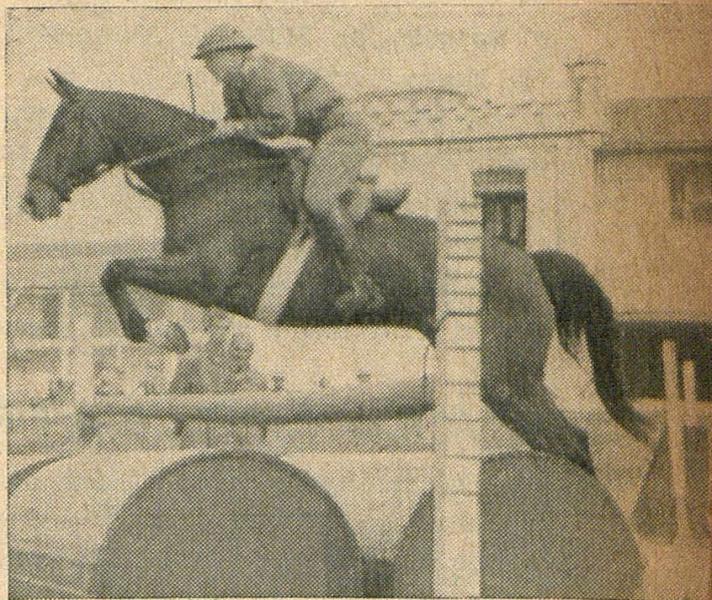
Para a intensificação da prática de saltos a cavalo, tem o R.C. realizado provas internas para oficiais e sargentos, que, além de ter contado com um número cada vez maior de concorrentes, tem melhorado sensivelmente o resultado técnico, incentivando o adestramento dos cavalos e ligando cada vez mais o cavaleiro à sua montada. Entre êsses concursos tivemos no dia 25 de agosto — «Dia do Soldado» — na várzea da Casa Verde, um «Cross-Country» com a participação de 35 sgts; conduzindo montadas próprias, num percurso coberto de obstáculos naturais, na distância aproximada de 5.000 metros.

O resultado demonstrou bom treinamento e boa resistência física dos cavalos e cavaleiros, levando a crer que se tenha atingido plenamente a finalidade prevista pelo organizador do «Cross», 2.º ten. Augusto dos Santos Cordeiro, encarregado da instrução equestre dos sargentos do Regimento.

O Júri Técnico, presidido pelo major Geraldo Rangel de França, teve como demais membros os caps. Paulo da Cruz Mariano e Hugo Portela, os tens. Plínio D. Monteiro, Roberto Mondino e Anselmo Peres,

e 2.º ten. Augusto S. Cordeiro, assistindo como membro de honra o Monsenhor Paulo Aurissol Cavalheiro Freire, major Capelão Militar.

Classificaram-se: em 1.º lugar, montando «Vinte», o 3.º Sargento Domingos Beletado de Oliveira; em 2.º lugar chegaram os sgts. Manoel Longo da Silva, conduzindo «Biriba», Urias de Moraes montando «Borracha», e José Lara Lima montando «Zaino». Feito o desempate, os sgts.



NO II ESQ. REC. MEC.

1.º ten. Bráulio Guimarães, com «Artilheiro», num salto da prova «Pedro Celestino Silva», em que obteve o 2.º lugar

âcima ficaram, respectivamente, em 2.º, 3.º e 4.º lugares.

Alguns dias após, teve lugar, no salão de reuniões do R.C. a distribuição dos prêmios, tendo nessa ocasião o brilhante incentivador do hipismo — monsenhor Aurissol oferecido um prêmio extra ao 2.º ten. Cordeiro, pela feliz realização da prova, e contribuído ainda com um pecúlio para a aquisição de prêmios destinados a um futuro concurso de sargentos. Agradeceu, com oportunas palavras, o ten. Cordeiro.

O segundo desses concursos internos, realizou-se dia 15 de setembro, no picadeiro descoberto do R.C.. Constatou-se de uma prova para oficiais, sobre obstáculos de 1m,20 para a classe «B», com «handicap» para as classes «A» e «C», contando com a participação obrigatória de todos os tenentes e capitães da unidade e contando ainda com o 2.º ten. José Scheleder, da Polícia Militar do Paraná, que se acha frequentando o Curso de Manutenção e emprego de Material Automóvel, em nossa Corporação.

A prova tomou o nome de «Tenente Otávio Luiz Viana», brilhante oficial de cavalaria falecido em setembro de 1944, quando, ao saltar um obstáculo, num treinamento, o cavalo caiu sobre sua cabeça, oca-

sionando compressão do cérebro. A esse irmão de arma que tombou como que em holocausto ao aperfeiçoamento do esporte hípico, foi tributada essa homenagem póstuma na pessoa de seu irmão capitão Paulo Viana que se achava presente, e que, a pedido do comandante do Regimento, distribuiu os prêmios, não sem breves palavras de emocionado agradecimento a essa carinhosa lembrança dos organizadores do certame.

Transcorreu normalmente a competição, tendo se classificado em 1.º lugar, com zero pontos por falta, no tempo de 57", o cap. Fernando H. da Silva, conduzindo «Galan»; obteve a 2.ª colocação o 1.º ten. Roldão de Lima, que aparece na fotografia acima, durante a realização do percurso, montando «Corsário»; em 3.º lugar, ten. José Gominho da Costa, com «Caci»; e em 4.º lugar, o ten. Scheleder, da Polícia Militar do Paraná, montando «Baio».

Na entrega de prêmios oferecidos pelo dr. Paulo Sales, cavaleiro que acompanha carinhosamente as atividades hípias do Regimento há vários anos, falou, fazendo apreciações sobre o resultado técnico e sobre o homenageado pela prova, o cel. Cândido Bravo, após o que se encerrou a feliz jornada esportiva.

PROVAS EXTRA DE AGOSTO

Os resultados abaixo vêm demonstrar, o preparo equestre dos nossos cavaleiros, sobrepujando com larga vantagem os seus concorrentes, arrancando-lhes quase tôdas as mais importantes classificações nas provas em que a Fôrça Pública se

faz representar pelo seu Regimento de Cavalaria.

Em Santos, no dia 19 de agosto, tiveram lugar as provas abaixo, com um resultado final magnífico para o R.C.:

Na PROVA D. GENNY FRIELE (percurso normal, classe «A»), o ten. Wilson de Vasconcelos, que conduziu satisfatoriamente «Cabrito» e «Marambaia», obteve com esses cavalos o 1.º e 4.º lugares, respectivamente. Na prova seguinte, «BERENT FRIELE» (Classe «B»), ainda coube o 1.º posto ao tenente Wilson, montando a égua «Marambaia»; e o 2.º ten. Augusto dos Santos Cordeiro obteve a 2.ª colocação, com «Bolero» e a 4.ª, conduzindo «Xingu».

Como resultado final do percurso «Coronel Zerbini», difícil prova de energia com um triplo de tripeças a 10 metros e meio, o 1.º ten. Roldão Nogueira de Lima conquistou galhardamente o 1.º lugar, montando «Changai», e o 2.º ten. Augusto dos Santos Cordeiro, com «Bolero» o 3.º lugar.

Anteriormente, no dia 12 de agosto, na cidade de Campinas, nas comemorações do aniversário do 8.º B.C., tinham os oficiais do Regimento elevado mais uma vez seu conceito hípico:-

PROVA OITAVO BATALHÃO — Percurso normal, Classe «B»

1.º lugar — ten. Augusto S. Cordeiro, com «Bolero»;

3.º lugar — ten. Wilson de Vasconcelos, com «Cabrito»;

4.º lugar — ten. Bráulio Guimarães, montando «Baio».

PROVA FORÇA PÚBLICA DE S. PAULO — Classe «C»

1.º lugar coube ao ten. Augusto dos Santos Cordeiro, montando «Onix»;

2.º lugar — ten. Roldão Nogueira de Lima, conduzindo «Shangai»;



1.º ten. Roldão N. Lima, montando «Corsário», com qual obteve o 2.º lugar na prova interna «Ten. Otávio Luiz Viana».

3.º lugar — 1.º ten. Bráulio Guimarães, montando «Baio» e que vemos na foto acima quando no 2.º Esq. Rec. Mec., montando «Artilheiro» obteve o 2.º lugar na Prova «PEDRO CELESTINO DA SILVA»:

4.º lugar — ten. Anselmo Peres, sobre «Kid».

Pelo resultado dessa prova (1.º a 4.º lugares conquistados pelo R.C.), podem os leitores ser levados a crer que a ela concorreram somente oficiais da F.P., o que não se deu; ao contrário, foi uma disputadíssima prova com considerável número de concorrentes de outras entidades hípicas.

PROVA STO. ANGELO

Essa mesma demonstração tinha sido levada a efeito no dia 2 de agosto, no Sanatório «Santo Angelo», a convite de seu ilustre diretor, dr. Renato Braga, a fim de completar as festividades do aniversário daquele nosocômio.

Contamos, lá em Santo Angelo, com a presença dos srs. Elpídio Reale, secretário da Segurança Pública, cel. Euriale de Jesus Zerbini, comandante Geral da F.P. e cel. Cândido Bravo, comandante do R.C.

Esse comparecimento, que muito tem agradado aos doentes, já está se tornando, por assim dizer, obrigatório, pois é o terceiro 2 de agosto

NOTÍCIAS DAS CO-IRMÃS...

Capitães Cr\$ 80,00
Oficiais subalternos e asps. Cr\$ 60,00
Sub-tenentes e Sargentos Cr\$ 40,00
Cabos e soldados Cr\$ 25,00

Propaganda Político-Partidária

O comando da Brigada Militar dirigiu aos seus comandados a seguinte determinação:

«Têm surgido, ultimamente, constantes reclamações de autoridades a respeito de estarem elementos desta Força fazendo propaganda política ostensiva, ora a favor de um, ora a favor de outro partido político.

Não se coaduna essa atitude com a isenção de ânimo e a serenidade que devem caracterizar o policial.

A luta eleitoral, no terreno partidário, sempre é apaixonante, levando fatalmente à parcialidade, quando a autoridade, mormente a policial, deve ser sistematicamente imparcial, para que possa julgar com serenidade, como lhe compete.

Não basta sua atitude «como autoridade», o que lhe dá força moral é sua conduta «como cidadão».

E' graças a essa conduta que o policial se impõe socialmente. Si ele, de qualquer forma, toma parte nas contendas, si passa a raciocinar

que lá temos comparecido, com satisfação de parte a parte, eles pela nossa exibição, nós pelo caráter social e humano do evento e ainda pela fidalga acolhida de que temos sido alvo, principalmente por parte do ilustre dr. Braga e sua digníssima esposa, D. Santina, agradável figura de anfitriã.

(Continuação da página 92)

dentro dos moldes partidários, como pretenderá depois impor sua autoridade, que, por definição, deve sempre ficar equidistante das facções em choque ?

O policial deve manter a mais rígida imparcialidade, eximindo-se rigorosamente de qualquer manifestação política, mantendo-se alheio às flutuações de sua propaganda.

Quando, por força da função, deve assistir a comícios, sua incumbência é manter a ordem com energia, serenidade e imparcialidade, precisamente para assegurar um clima sadio, de sã política, onde os cidadãos possam, com plena liberdade, manifestar seu pensamento.

A Brigada Militar é apertidária.

Compete-lhe a manutenção da ordem, o que deve ser feito com irrestrita imparcialidade.

Para que o todo não sofra por desvio de conduta de alguns de seus componentes, ficam os elementos da Força proibidos de, por qualquer forma, participar de atividades político-partidárias ostensivas, salvo aqueles que para isso obtiverem licença das autoridades competentes, em virtude de se candidatarem a cargos eletivos».

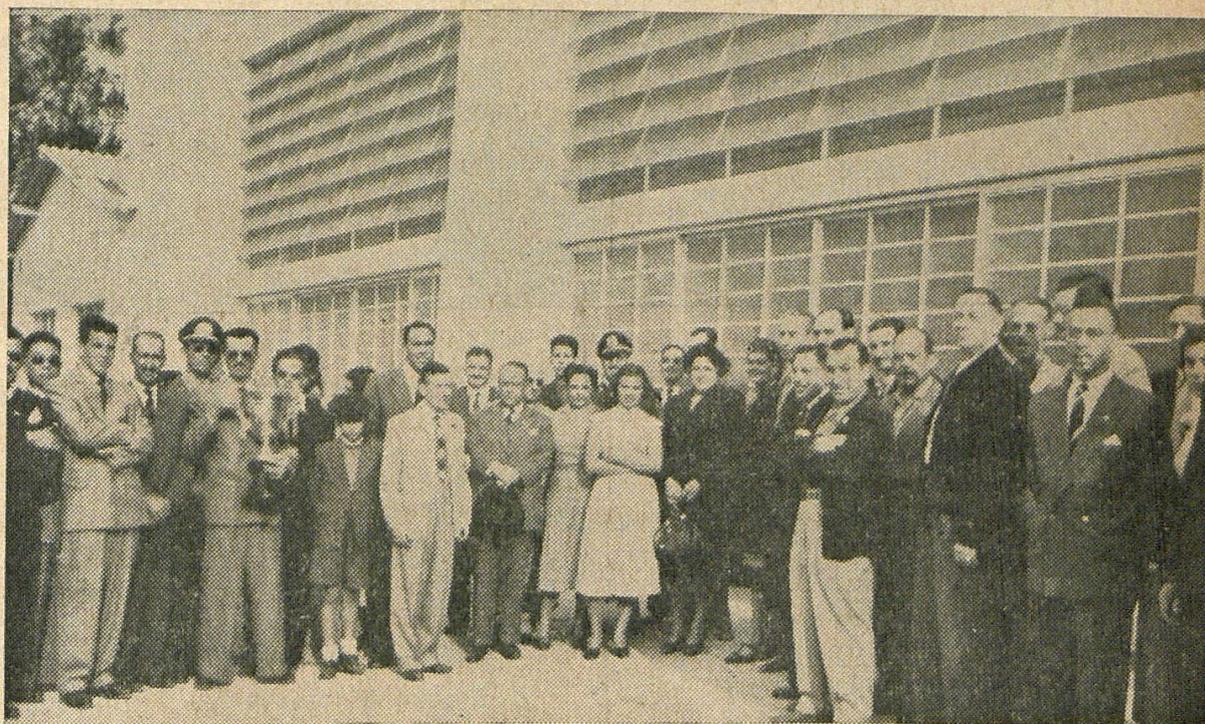
III TORNEIO POPULAR DE TIRO AO ALVO



CATANDUVA sagrou-se campeã no corrente ano, continuando, entretanto, **PRESIDENTE PRUDENTE** em primeiro lugar, no cômputo geral, para a posse definitiva do troféu "Dr. Adhemar de Barros"

Simultaneamente, nos estandes de tiro do Clube de Regatas Tietê e da Associação Desportiva Floresta, nesta Capital, no dia 19 de agosto

último, tiveram lugar, sob grande entusiasmo e intenso interesse, as provas finais do Torneio Popular, com o comparecimento dos três melhores



Grupo tomado em frente ao estande de tiro do Clube de Regatas Tietê.

atiradores de cada cidade inscrita, em cada uma das modalidades de tiro:

— Revólver — Cal. 32/38 — mira fixa — 20 tiros a 25 metros

— Carabina — Cal. 22 — deitado — 30 tiros a 50 metros.

A cidade de Catanduva conquistou prêmio em disputa por intermédio de Paulino Corradi e ten. Waldemar Castilho de Oliveira, su-

rão os futuros ases do Tiro ao Alvo Paulista. Na prova de revólver destacamos os dois primeiros classificados com ótimos resultados, ten. Luiz Carlos P. Moreira e major Arizê Pais Brasil, os quais defenderam a conquista do troféu, respectivamente, para as localidades de Duque de Caxias e Piraçununga.

Tivessem essas duas localidades apresentado também uma equipe para disputar a prova de carabi-



◡ major Rubens Teixeira Branco, presidente da F.P.T.A., quando procedia à abertura da sessão de entrega da taça

perando o excelente atirador de Presidente Prudente, Minoru Kosuki. Outros atiradores apareceram neste torneio com resultados promissores, na prova de carabina, destacando-se Hugo Kluppel, Amilcar Caldeira, Paulo Afonso Ribeiro, Ralph Steittinger e Paulo de Camargo Barros, constituindo um grupo de onde sai-

na, poderiam ter vencido na classificação geral.

A classificação final das cidades concorrentes no presente ano, foi a seguinte:

1. Catanduva65 pontos
2. Duque de Caxias51 pontos
- 3 Piraçununga30 pontos
- 4 Presidente Prudente 30 pontos



No momento em que a exma. Sra. Dna. Leonor Mendes de Barros fazia entrega da taça "Adhemar de Barros" ao representante de Catanduva.

- 5. São Paulo (Capital) 23 pontos
- 5. Sorocaba 23 pontos
- 7. Campinas 22 pontos
- 8. Santos 17 pontos
- 9. Bauru 15 pontos
- 10. Ribeirão Preto 5 pontos
- 11. São Vicente 3 pontos
- 12. Mogi das Cruzes 2 pontos

Não conseguiram pontos no corrente ano as cidades de Taubaté, Marília, São José do Rio Preto, São Simão e Helvetia.

Segundo a regulamentação do troféu «Dr. Adhemar de Barros,» a posse definitiva caberá à cidade que tiver maior número de pontos após três torneios consecutivos, isto é, no próximo ano será disputado em definitivo, pois será a terceira realização patrocinada pelo ex-governador do Estado de São Paulo.

Podemos prever grande animação e resultados técnicos compensadores para as próximas competições

pois, considerando os pontos obtidos no ano de 1950, nada menos de sete cidades se encontram com possibilidades na conquista do troféu: - Presidente Prudente, Catanduva, Bauru, Duque de Caxias, São Paulo, Piracurungua e Campinas, sendo a situação geral a seguinte:

	1950	1951	total
1. Presidente Prudente	10	3	13
2. Catanduva	1	10	11
3. Bauru	7	—	7
4. Duque de Caxias	—	7	7
5. Campinas	5	—	5
6. São Paulo	3	2	5
7. Piracurungua	—	5	5
8. Taubaté	2	—	2
9. Sorocaba	—	1	1

Os prêmios conquistados pelos atiradores que tomaram parte nas provas finais foram entregues, após o torneio, pela exma. sra. D. Leonor Mendes de Barros, que honrou com sua presença a reunião que teve lu-

gar no estande de tiro do Clube de Regatas Tietê.

A proclamação dos vencedores foi presidida pelo sr. cap. Sílvio de Magalhães Padilha, Diretor do Departamento de Esportes do Estado, tendo estado presentes, além dos atiradores de nosso interior, representantes de

tôdas as entidades filiadas á Federação Paulista do Tiro ao Alvo.

Foram os seguintes os resultados individuais do Torneio Popular, destacando-se entre as senhoras que tomaram parte, a senhorita Thea Maria Gut, do Club Campineiro de Tiro e Esgrima.

CARABINA 22 — 30 tiros — deitado — 50 metros — Estande do Floresta

1. Paulino Corradi	Catanduva	294
2. Minoru Kozuki	Pres. Prudente	293
3. Hugo Kluppel	Sorocaba	291
4. Valdemar C. Oliveira, Ten.	Catanduva	290
5. Amílcar Caldeira, Dr.	Santos	287
6. Paulo Afonso Ribeiro, Dr.	Campinas	287
7. Ralph Stettinger	Campinas	286
8. Paulo Camargo Barros	São Paulo	285
9. Osvaldo L. Casali	Sorocaba	284
10. Rolando Corradini	Sorocaba	283
11. Afonso A. Muniz	Mogi das Cruzes	282
12. Ary de Paulo Machado	Taubaté	282
13. Luiz G. Cardoso	São Paulo	281
14. Tácio de Barros S. Doria, Dr.	S. José R. Preto	280
15. Fares Giorgi	São Paulo	280
16. José Saber	S. José R. Preto	280
17. Antônio T. Muniz	Mogi das Cruzes	279
18. Meirimar Barbosa	Taubaté	278
19. Walter Ambiel	Helvetia	278
20. Arizê Pais Brasil, major	Pirassununga	277
21. Wassimon Santos Pereira	Bauru	277
22. Lúcio Mendes	Santos	276
23. Egidio Alberti	Pres. Prudente	273
24. Pedro Cassimiro de Araujo	S. José R. Preto	273
25. Medaldo Wolff	Helvetia	272
26. Oderly Cordenossi	Campinas	270
27. Agenor Santos Silva, Ten.	Santos	270
28. Mário Motta	Mogi das Cruzes	269
29. Valdemar Indalécio	Taubaté	265
30. Luiz Canal	Catanduva	264
31. Rubens Futuro	São Vicente	262
32. Vicente P. Soares Fo.	São Vicente	261
33. Juvenal A. Gomes, Sgt.	Ribeirão Preto	261
34. Orminio De Cunto,, Comte.	São Vicente	260
35. Aparecido A. Gurgel, Ten.	Bauru	257
36. Dervile Germano, Sgt.	Pres. Prudente	249
37. Domicio Silveira, Ten.	Bauru	244
38. Leonardo Amstalden	Helvetia	241
39. Sebastião Moreno, Sgt.	Ribeirão Preto	237
40. Rafael Peres Busatto, Cap.	Ribeirão Preto	203
41. Antônio Paixão, Fo.	Marília	173

SENHORAS

1. Thea Maria Gut.	Campinas	284
2. Annie Maria Gut.	Campinas	276
3. Dirce P. Soares.	São Vicente	241

CLASSIFICAÇÃO DAS CIDADES NESTA PROVA

1 — Catanduva	65
2 — Pres. Prudente	30
3 — Sorocaba	23
4 — Campinas	12
5 — Santos	10
6 — São Paulo	3

REVOLVER 38 (comum-mira fixa) 20 tiros — 25 metros — Estande do C. R. Tietê

1. Luiz Carlos P. Moreira, Ten.	Duque de Caxias	181
2. Arizê Pais Brasil, Maj.	Piraçununga	181
3. João Augusto Los Reis, Maj.	São Paulo	174
4. Wassimon Santos Pereira	Bauru	174
5. Gil Celidonia G. dos Reis	Campinas	173
6. Aristides Cittadino	Santos	173
7. Rinaldo N. de Sá, Sgt.	Ribeirão Preto	172
8. Mário Vasconcelos, Cap.	São Viceite	171
9. Afonso Alves Muniz	Mogí das Cruzes	171
10. Luiz Carlos M. Machado, Ten.	Duque de Caxias	170
11. Natalino Mastrofrancisco, Dr.	São Paulo	170
12. Aparecido A. Gurgel, Ten.	Bauru	166
13. José Olavo de Castro, Ten.	Duque de Caxias	165
14. Milton Sobocinski	São Paulo	165
15. Waldemar Indalécio	Taubaté	165
16. Agenor dos Santos Silva	Santos	163
17. William Teixeira, Ten.	Bauru	163
18. Oswaldo Elis Casale	Sorocaba	163
19. Gilberto A. Martins	Ribeirão Preto	163
20. Meirimar Barbosa	Taubaté	161
21. Ademar da Silva Costa	Pres. Prudente	160
22. Paulino Corradi	Catanduva	160
23. Antônio A. Almeida Filho	Sorocaba	160
24. Emílio Trevisan	S. José Rio Preto	159
25. Vicente Buchianeri	S. José Rio Preto	158
26. Ilques Barbosa	Ribeirão Preto	155
27. Rubens Ortega	Santos	154
28. Mário Motta	Mogí das Cruzes	154
29. Moacyr P. Mello	Sorocaba	154
30. Raimundo Figueiredo, Sold.	Marília	153
31. Ary de Paula Machado	Taubaté	152
32. Thea Maria Gut	Campinas	151
33. Egídia Alberti	Pres. Prudente	151
34. Saturno Boscoli	Pres. Prudente	150
35. Conrado G. de Castro, Ten.	Campinas	150
36. Benedito A. Delfin	Marília	145
37. Waldemar C. de Oliveira, Ten.	Catanduva	145
38. José Saber	S. José Rio Preto	139
39. Vicente P. Soares Fo.	São Vicente	134
40. Antônio Gomes, Sgt.	Marília	132
41. Santelmo C. Magalhães Fo.	São Vicente	130
42. Gabriel Clemente	Catanduva	129
43. Fernão G. Souza, Cap.	Mogí das Cruzes	125

SENHORAS

1. Thea Maria Gut	Campinas	151
2. Maria Santos Pereira	Bauru	132

CLASSIFICAÇÃO DAS CIDADES NESTA PROVA

1 — Duque de Caxias	51
2 — Piraçununga	30
3 — São Paulo	20
4 — Bauru	15
5 — Campinas	10
6 — Santos	7
7 — Ribeirão Preto	5
8 — São Vicente	3
9 — Mogí das Cruzes	2

—:—

“A batalha da produção é a que menos exige e compensa mais”.

Instruções para o ingresso no Curso de Oficiais da F. P.

1 — **INSCRIÇÃO** — Deverá ser feita mediante requerimento dirigido ao Exmo. Snr. Cel. Cmt. Geral da Fôrça Pública, podendo os interessados remeterem a documentação ao Centro de Formação e Aperfeiçoamento (Estr. da Cantareira — São Paulo), pessoalmente, pelo correio ou através de portador, de 16 a 31 de dezembro.

2 — **DOCUMENTOS EXIGIDOS:**

- a) requerimento, de acôrdo com o modelo anexo, selado com Cr\$ 5,00 (estampilha estadual);
- b) certificado de conclusão do Curso Secundário (Ginásial ou Colegial), passado por escola oficial ou oficializada do Brasil. Obs.: — As praças da Fôrça Pública alistadas até 13-IV-950 ficam dispensadas da apresentação do certificado de ginásio e terão limite máximo de idade dilatado para 25 anos incompletos;
- c) certidão de idade, em original, que comprove ter o candidato, no mínimo 16, e no máximo 21 anos incompletos, até o dia 31 de dezembro do ano da apresentação do requerimento;
- d) nota de corretivos e juízo pessoal do Cmt. da Unidade, se o candidato fôr praça da Fôrça Pública ou das Fôrças Armadas Federais (comprovante de bom comportamento); atestado de bons antecedentes, passado pela Polícia da cidade onde residir, se o candidato fôr civil.
- e) Consentimento do pai, mãe ou tutor, se menor de 18 anos;

Nota: — 1) Os candidatos devem apresentar, com os documentos acima, 3 fotografias 3x4, de frente e descoberto.

2) — Todos os documentos devem ser originais, com firmas reconhecidas.

3) — Os candidatos militares deverão encaminhar os documentos pelas suas unidades.

3 — **INÍCIO DOS EXAMES**

Os candidatos deverão estar no quartel do C.F.A. (Capital), às 07,30 hs. do dia 2 de janeiro, para as provas de campo.

4 — **EXAME FÍSICO**

Comportará provas de campo constante de:

- 1) — Corrida de 100 m. em 15½ segundos;
- 2) — Salto em altura 1,10 m.;

- 3) — Salto em extensão 3,50 m.;
- 4) — Corrida de 1.000 m. em 4 minutos e 20 segundos;
- 5) — Levantar e transportar 40 Kgs. a 50 m. com as 2 mãos;
- 6) — Lançamento de pêso (5 Kgs. a 12 m. com as duas mãos);
- 7) — Subida em corda lisa de 3 m. com o auxílio dos pés.

5 — EXAME ODONTOLÓGICO

1) — O candidato deve possuir 20 dentes nas arcadas dentárias, restaurados ou não. Não serão tolerados dentes ou raízes infeccionados.

2) — No total de vinte dentes: a) serão exigidos os incisivos e caninos e seis molares naturais, opostos dois a dois, em lado diferente, sendo para êste fim computados como existentes os terceiros molares (sisos) ainda não nascidos, desde que comprovados radiograficamente; b) serão tolerados seis dentes artificiais (como de porcelana ou ouro, estampados, fundidos e dentes em ponte, isolados ou em conjunto) desde que as bases se apresentem sem focos, mediante verificação radiográfica.

Será realizado após os exames já referidos.

6 — EXAME DE SAÚDE

Altura mínima: 1,60.

7 — EXAME PSÍQUICO

O candidato será submetido a provas de avaliação da normalidade mental e psíquica.

8 — EXAME INTELECTUAL

Será feito de acôrdo com os programas das matérias.

OBS — Quaisquer outras informações bem como o programa das matérias, poderão ser obtidos no Quartel General da Fôrça Pública (Av. Tiradentes 718), no quartel do C.F.A. (Av. Nova Cantareira), em São Paulo; e no Interior, nas sedes das unidades da Fôrça (Santos Campinas, Ribeirão Preto, Taubaté, Sorocaba, Bauru, Presidente Prudente, S. José do Rio Preto, Mogi das Cruzes, e Araraquara).

9 — VANTAGENS

O candidato aprovado e matriculado no Curso Preparatório da Escola de Oficiais terá fardamento, alojamento e alimentação por conta do Estado, com os vencimentos mensais de:

No Curso Preparatório: — Cr\$ 1.500,00

Na Escola de Oficias: —

1.º ano	Cr\$ 1.600,00
2.º ano	Cr\$ 1.700,00
3.º ano	Cr\$ 2.100,00

10 — DURAÇÃO E REGALIAS

O C.P. tem a duração de dois (2) anos, findos os quais os alunos aprovados serão matriculados no 1.º ano do C.F.O., independente de exames. O Curso de Formação de Oficiais (C.F.O.) tem a duração de três (3) anos, findos os quais serão os alunos aprovados declarados aspirantes com acesso ao primeiro posto do oficialato, cujos vencimentos são de Cr\$ 4.000,00 mensais. O aluno da Escola de Oficiais está colocado, na escala hierárquica, entre os aspirantes e subtenetes, tendo precedência sobre estes.

Modêlo do requerimento para inscrição :

Exmo. Snr. Coronel Comandante Geral da Fôrça Pública do
Estado de São Paulo

(Deixar 8 linhas)

F. (nome completo do candidato), abaixo, assinado, brasileiro, solteiro, com anos de idade, nascido em.....
....(cidade), Estado de no diade.....
de 19....., filho de (nome do pai) e de (nome da mãe), satisfazendo as condições de matrícula no Curso Preparatório da Escola de Oficiais dessa Fôrça Pública, e submetendo-se às exigências regulamentares, requer a V. Excia., se digne mandar inscrevê-lo para os exames de admissão ao referido Curso.

Nestes têrmos

P. D.

(data)

.....
(assinatura)

Modêlo de autorização :

A U T O R I Z A Ç Ã O

Eu, B. (nome do pai ou tutor), (nacionalidade), residente à rua ..
..... n.º em (cidade), Estado de
....., declaro que autorizo meu filho (ou tutelado) F.
(nome completo do candidato), a se alistar na Fôrça Pública do Estado de São Paulo, e matricular-se no Curso Preparatório da Escola de Oficiais dessa Fôrça, satisfeitas as exigências regulamentares.

(data)

.....
(assinatura)

Legislação Administração Jurisprudência

Cap. J. Arimathea do Nascimento

Condenação de menor

O Tribunal de Justiça Militar julga e confirma a sentença que condenou o sd. HG a seis meses de detenção pelo crime de deserção, apesar de contar o réu na ocasião do crime dezessete anos, sete meses e dezessete dias de idade. O MM Juiz dr. L. Câmara Lopes vota vencido, pela absolvição do menor, justificando, em longo parecer, o seu ponto de vista. BG 48, de 2-III-51.

Cursos e escolas

Havendo perto de 100 vagas de 3.º sargentos e 300 cabos, é intenção do Comando Geral preencher dentro das normas existentes essas vagas motivo pelo qual determina:

a) que os Cmts. de Unidade, Corpo e Serviço envidem esforços no sentido de que acorram aos cursos de cabos e sargentos combatentes o maior número possível de seus comandados;

b) - que tenham em vista a necessidade de se preparar convenientemente seus elementos a fim de se obter boa porcentagem de aprovação;

c) - para tal devem influenciar as praças, mostrando as vantagens desse proceder, além de possibilitar os meios para o alcance desse objetivo, aumentando as aulas da escola regimental, o que deve ser feito e também designando um oficial para acompanhar ou mesmo lecionar aos interessados;

d) - os elementos para a realização do que se deseja estão contidos em anexo ao Bol. Geral n.º 110-50 e nos artigos 43 49 do RCFA, que deverão ser transcritos em Boletins Regimentais para conhecimento de modo mais amplo possível. BG 90, de 25-IV-51.

Diária de Diligência e vantagem do art. 30

Em face da tabela "B" do CVV, alterada pela Lei 419, de 12-VIII-49, estabelecer o "quantum" da diária pelo posto que o interessado tem, a diária a que tem direito um cabo, beneficiado ou não pelas vantagens do art. 30, deve ser a correspondente ao posto de cabo. BG 50, de 5-III-51.

Licença-prêmio não gozada — Contagem em dôbro

O período de licença-prêmio não gozada e contada em dôbro, deve ser computada para efeito de obtenção de mais a 6.ª parte dos vencimentos. BG 51, de 6-III-51.

Policiamento — Urbanidade com presos

Fica terminantemente vedado a todos os agentes da autoridade praticar violência física ou moral contra qualquer cidadão sujeito à ação policial.

No caso de resistência, os agentes da autoridade deverão agir rigorosamente de acôrdo com as permissões legais, evitando, por qualquer forma, a prática de atentados à integridade dos detidos.

As autoridades policiais ficam com a incumbência de proceder às necessárias sindicâncias enviando-as à Secretaria da Segurança Pública, todas as vezes que tomarem conhecimento de fatos que contrariem a presente portaria.

Portaria da SSP n.º 31, de 9-IV-51.
BG n.º 80, de 12-IV-51.

Transferência de praças

Nos requerimentos de praças pedindo transferência as Unidades devem informar:

a) - desde quando o requerente serve na unidade;

b) - o motivo da inclusão (se por efeito de promoção, a pedido, por conveniência do serviço ou da disciplina).
BG 72, de 3-IV-51.

Vinte por cento sôbre os vencimentos

Em aditamento ao item 17 do BG 25-51 declara-se que os elementos do SE e do SMB sômente farão jus às vantagens previstas no art. 60 do CVV, desde que satisfaçam as condições contidas no referido artigo e se encontrem em serviço ou incumbência próprios dos citados órgãos. BG 79, de 11-IV-51.



NOSSA CAPA

Fotografia da parada militar da Fôrça Pública, no dia 7 de setembro de 1929, no Ipiranga. Vê-se, no último plano, o Museu e na elevação da esquerda a casinha histórica, testemunha do ato de nossa emancipação política.

militia

PROPRIEDADE DO CLUBE MILITAR DA FÔRÇA PÚBLICA
DE SÃO PAULO

Redação e Administração:

RUA ALFREDO MAIA N.º 106

externo 34-6488

interno 142

SÃO PAULO, S. P. _____ Brasil

Revista de assuntos técnicos, policiais,
militares e culturais em geral.

ANO IV — SETEMBRO/OUTUBRO DE 1951 — N.º 24

DIRETOR GERAL cel. José Anchieta Torres

DIRETOR RESPONSÁVEL E

REDATOR-CHEFE: — cap. Milton Marques de Oliveira

SECRETARIO · — 1.º ten. Miguel M. Sendin

GERENTE: — cap. Francisco Vieira Fonseca

TESOUREIRO: — cap. Manoel Pereira da Silva

REDADORES:

- major mons. Paulo A. Cavalheiro Freire
- cap. Francisco Vieira Fonseca
- cap. Bento Barros Ferraz
- 1.º ten. Paulo Monte Serrat Filho
- 1.º ten. Felix de Barros Morgado
- 1.º ten. Iraní Paraná do Brasil
- 1.º ten. Miguel M. Sendin
- 2.º ten. Hildebrando Chagas da Silva
- 1.º ten. Ari J. Mercadante

ILUSTRAÇÃO E FOTOGRAFIA:

- 1.º ten. Felix Barros Morgado
- al. of. Iraí Vieira Catalano
- Sgt. João Tancler
- José de Campos Montes

ASSINATURAS:

Por 6 números Cr\$ 25,00
Por 3 números Cr\$ 15,00
Número avulso Cr\$ 5,00

AOS COLABORADORES E LEITORES

- * A colaboração nesta revista é franca a todos; porém, não será possível a publicação de trabalhos político-partidários ou religioso-sectários, os quais não se enquadram em seu programa.
- * Tõda a matéria deve ser datilografada com espaço duplo, num só lado do papel, não devendo ultrapassar doze páginas de papel almasso. Os desenhos e esquemas ilustrativos referentes aos trabalhos deverão ser feitos a nanquim, sôbre cartolina ou papel branco forte.
- * Os originais não serão devolvidos, mesmo quando não publicados, nem mantemos correspondência sôbre a sua publicação.
- * A Revista não assume responsabilidade por conceitos formulados pelos autores em trabalhos assinados.

* Desejamos estabelecer permuta

* Deseamos establecer el cambio

* Desideriamo stabilire cambio

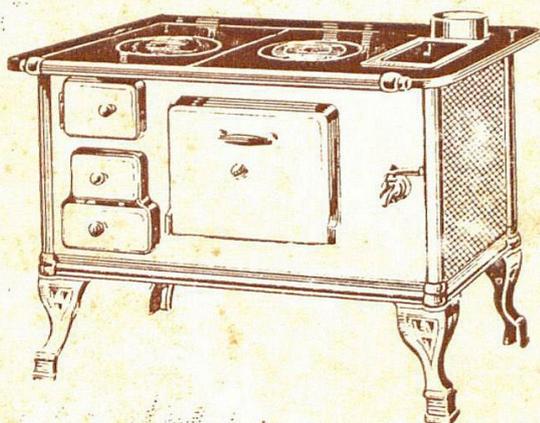
* On désire établir échange

* We wish to establish exchange

* Austausch erwünscht



Para ela!...



UM FOGÃO



4 L.3
Publicidade Wallig

**SÍMBOLO DE
QUALIDADE**

METALÚRGICA WALLIG S. A.

Rua Conselheiro Crispiniano, 57

Caixa Postal, 2268 — Fone: 36-1252

SÃO PAULO